



**MEMÓRIA
DE
VELHOS**
DEPOIMENTOS

*uma contribuição
à memória oral da
cultura popular maranhense*

VOLUME V

**ANTERO VIANA
NEWTON MARTINS CORREA
CANUTO SANTOS
ALURIANO C. DE ALMEIDA
JOSÉ DE JESUS FIGUEIREDO
JOÃO JOSÉ DE S. MACHADO
JOÃO F. DO ESPÍRITO SANTO
JOSÉ RAIMUNDO FERREIRA
JOSÉ COSTA DE JESUS**

Governo do Estado do Maranhão
Fundação Cultural do Maranhão
Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho
Comissão Maranhense de Folclore

Reinilda de Oliveira Santos
Chefe de Casa de Nhozinho
Mat. 2477750

Biblioteca Cefo do Saber
Museu Casa de Nhozinho

MEMÓRIA DE VELHOS

Depoimentos:

Uma contribuição à memória oral da
cultura popular maranhense

Volume V

FICHA TÉCNICA DO PROJETO MEMÓRIA DE VELHOS

Coordenação:	Maria Michol Pinho de Carvalho
Consultoria Técnica:	Antonio Torres Montenegro
Assessoria Técnica:	Zelinda Machado de Castro e Lima
Entrevistas:	Josimar Mendes Silva Manoel de Jesus Marinho Márcia Teresa Pinto Mendes Jandir Silva Gonçalves Raimunda Fonseca Freitas Alteredo Costa Mourão
Glossário:	Carlos Orlando Rodrigues de Lima
Transcrição de Fitas:	Jandir Silva Gonçalves Manoel de Jesus Marinho Josimar Mendes Silva Márcia Teresa Pinto Mendes Maria de Fátima Sousa de Macédo Francilene Gomes Santos Alteredo Costa Mourão
Edição de Entrevista:	Manoel de Jesus Marinho Josimar Mendes Silva Márcia Teresa Pinto Mendes Maria de Fátima Sousa de Macédo Jacira Pavão da Silva
Revisão de Texto:	Izaurina de Azevedo Nunes Antônio Neto das Neves
Vídeoasta:	Josimar Carvalho de Sousa
Fotografia:	Albani Ramos
Capa:	Cláudio Vasconcelos
Catálogo:	Arlete Heralda Costa Pavão - CRB 13/094
Digitação do Glossário:	Ana Eugênia Araújo do Carmo

MARANHÃO. Fundação Cultural. Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho. Memória de Velhos. Depoimentos: Uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense. São Luís: LITHOGRAF, 1999.
V.5 il., 22cm.
CONTEÚDO: V.5. Depoimento de Antero Viana, Newton Corrêa, Canuto Santos, Lauro, Zê Olhinho, Machado, Calça Curta, João de Chica e José Paul.
1. Bumba-meu-boi - Maranhão 2. Memória oral - Maranhão 2. Festa do Divino - Maranhão. I. Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho II. Título

CDU: 394.2(812.1)

MEMÓRIA DE VELHOS

Depoimentos:

Uma contribuição à memória oral da
cultura popular maranhense

Volume V

São Luís-MA
LITHOGRAF

1999

Roseana Sarney

Governadora do Estado do Maranhão

Luís Henrique de Nazaré Bulcão

Presidente da Fundação Cultural do Maranhão

Antonio Francisco de Sales Padilha

Diretor Executivo da Fundação Cultural do Maranhão

Maria Michol Pinho de Carvalho

Chefe do Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho

Sérgio Figueiredo Ferretti

Presidente da Comissão Maranhense de Folclore

Volume 1 - Memória de velhos: Depoimentos: uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense (Manuel Nunes Pereira, Maria Celeste Santos e Maria Lúcia de Oliveira)

Volume 2 - Memória de velhos: Depoimentos: uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense (Luís de França, Tolentino Nicolau do Rosário e Sebastiana Guimarães do Rosário e Augusto Aranha Medeiros)

Volume 3 - Memória de velhos: Depoimentos: uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense (Cecílio Ignácio de Sá, Marciano Vieira Passos e José Jansen)

Volume 4 - Memória de velhos: Depoimentos: uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense (Raimundo João Gomes, Ricardo Leitão, Diógenes Alberto Lemos Ribeiro e Heidimar Guimarães Marques)

Volume 5 - Memória de velhos: Depoimentos: uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense (Antero Viana, Newton Corrêa, Canuto Santos, Lauro, Zé Olhinho, Machado, Calça Curta, João de Chica e José Paul)

Copyright © 1999

Tiragem: 2000 exemplares

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

PREFÁCIO - 9
APRESENTAÇÃO - 17
INTRODUÇÃO - 19
ANTERO VIANA - 23
NEWTON MARTINS CORRÊA - 31
CANUTO SANTOS - 47
ALAURIANO CAMPOS DE ALMEIDA - 73
JOSÉ DE JESUS FIGUEIREDO - 97
JOÃO JOSÉ DE SOUSA MACHADO - 123
JOÃO FRANCISCO DO ESPÍRITO SANTO - 147
JOSÉ RAIMUNDO FERREIRA - 147
JOSÉ COSTA DE JESUS - 161
GLOSSÁRIO - 195
LOCALIDADES CITADAS - 213
PESSOAS CITADAS - 219

PREFÁCIO

Nas asas da memória

O volume V da Coleção Memória de Velhos. Depoimentos: Uma contribuição à Memória oral da cultura popular maranhense traz oito entrevistas com "donos" de bumba-meu-boi e uma com um cantador de boi.

Essas entrevistas foram realizadas no início de 1990. O espírito que movia o projeto de registro oral do Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, (CCPDVF) partia da consciência da valiosa contribuição de artistas - homens e mulheres - das camadas populares para cultura brasileira.

Todo esse trabalho de registro e publicação de entrevistas tem evitado que uma tradição e uma memória oral desapareça completamente, com o falecimento destes artistas populares.

Nesse sentido, a partir do final da década de 1980, a criação de um arquivo de documentação oral, ouvindo e gravando depoimentos com estes artistas, transformou-se em uma importante atividade do Centro de Cultura Domingos Vieira Filho.

Fundado em 1982, o CCPDVF ao longo da década de 1980, irá tornar-se uma referência para artistas dessa região e de todo Brasil através de um intenso trabalho em defesa da cultura popular maranhense.

O presente volume apresenta além de relatos acerca do cotidiano da formação de vários grupos de bumbá-meu-boi, um diversificado conjunto de termos e expressões. Alguns são próprios da brincadeira do boi; outros, característicos do

universo da cultura popular, muitas vezes desconhecido. São marcas herdadas pela tradição oral, e sempre presentes no constante rememorar dos velhos narradores.

Revisitando os narradores

Ler as memórias orais narradas por estes é descobrir em muitas passagens uma linguagem própria, reveladora da força simbólica de uma cultura que apesar de permeada pela força instituinte da cultura oficial, está constantemente desafiando-a e projetando o avesso dos princípios e modelos institucionalizados. Algumas expressões avizinham-se entre um brincar com as palavras, e a capacidade inigualável de capturar o próprio movimento da vida.

Assim, Canuto ao referir-se a perda da amizade do velho Misico afirma: "A nossa amizade não terminou, parou". A síntese que realiza surpreende, pois apesar de utilizar-se de termos que recorremos no cotidiano, parece só a este ser dado o poder de arrumá-las de uma forma que parece esgotar todos os sentidos, capturar o acontecido.

Não é fortuito pensar que alguns grandes mestres da literatura brasileira, como Graciliano Ramos e Guimarães Rosa buscaram na cultura e na linguagem popular a referência fundante de muitas das suas obras.

Desejamos ainda destacar a força simbólica e a capacidade de síntese dessa linguagem, encontrada na narrativa de José de Jesus Figueredo (conhecido por José Olhinho). Este, referindo-se às disputas de poder entre os grupos de boi, reconhece a utilização e a força da influência dos terreiros, para então observar: "Não sei, não sou chegado a esse negócio de macumba, mas o que tem nome existe."

Olhinho nunca leu Wittgenstein¹, no entanto, a argumentação deste filósofo austriaco, aponta na mesma

¹ WITTGENSTEIN, Ludwig. *Philosophical Investigations*. Oxford: Blackwell, 1976.

perspectiva, ou seja, o mundo só existe para nós na medida em que temos palavras para nomeá-lo. Em outros termos, aquilo para o qual não temos palavras, não existe. Olhinho e Wittgenstein se irmanam na reflexão sobre a linguagem: "o que tem nome existe".

Um outro exemplo a destacar na relação da cultura popular com a linguagem, está na forma de apropriar-se dos tropos linguísticos. Observa-se como são estabelecidas associações entre significante e significado inteiramente novos. Destacariamos a utilização do termo 'sotaque' para nomear os diversos ritmos musicais dos grupos de bumba-meu-boi. Como cada boi utiliza um ritmo e uma estrutura musical distinta, essa diversidade passa a ser denominada de 'sotaque de orquestra', 'sotaque de zabumba', 'sotaque de matraca'...

Outros critérios também relacionados ao 'sotaque' podem ser o bairro ou a região de origem do boi, ou a composição dos seus membros. Dessa forma o boi de matraca é conhecido por 'sotaque da ilha', enquanto o boi de criança foi batizado por José Olhinho como 'sotaque de louco'.

O termo 'sotaque', é definido no Dicionário da Língua Portuguesa, como: "conjunto de hábitos que caracterizam a pronúncia dos habitantes de um país, de uma região, de um meio". Nesse aspecto, surpreende a criatividade da cultura popular, ao apropriar-se da língua oficial, criando metonímias inimagináveis.

Na era da reprodutibilidade técnica

Alguns fragmentos, nas memórias orais narradas ainda por José Olhinho são reveladoras da capacidade que tem a cultura popular de contrapor-se aos valores e princípios do que vimos denominando de cultura oficial. Nesse sentido, este observa como na brincadeira do boi o fundamental é a alegria e o prazer de unir o passado à experiência renovada do presente. "Ah, eu amo o Bumba-meu-boi, porque é uma coisa que vem dos meus pais, está na minha veia. Quando ouço o batuque de meu sotaque, fico trêmulo"...

Para um presente histórico saturado do agora, e voltado para um futuro descolado do passado, Olhinho se insurge com uma outra compreensão da cultura e por extensão da relação entre passado, presente e futuro. O prazer, a alegria, a transcendência do Boi está na forma como o presente atualiza o passado, que vem do seu pai e 'circula em suas veias'.

Nessa perspectiva, é que reafirma como se mantêm alheio a utilização comercial das toadas que improvisa para o boi a cada ano. Na era da reprodutibilidade técnica, em que a "cada dia fica mais irresistível a necessidade de possuir o objeto, de tão perto quanto possível, na imagem, ou antes, na sua cópia, na sua reprodução"², Olhinho se afirma como o avesso; sente-se satisfeito e elogiado ao ter suas toadas cantadas por outros, mas não transforma aquela 'apropriação' em palco de disputa.

Caberia então indagar: que compreensão da arte, do seu trabalho, estabelece esse artista para não buscar seus direitos autorais? A resposta estaria nessa aguda consciência de que "na reprodução mais perfeita, um elemento está ausente: o aqui e agora da obra de arte, sua existência única, no lugar em que ela se encontra".³ Para Olhinho o importante nas suas toadas é o instante único da criação: desejar assegurar, imobilizar através do registro, é apenas motivo de orgulho.

A reprodução, a cópia, não recupera a relação, nem o significado para o qual e no qual a toada foi produzida. "Não anoto minhas toadas porque não tem necessidade, já que a toada é do ano passado, não nos interessa para esse ano. Nós não ligamos para documentação porque encaramos o negócio assim: se fulano gravou minha toada e vai cantar no Interior, em qualquer lugar, eu me sinto até satisfeito, elogiado". A

² BENJAMIM, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica in *Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios sobre Literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. P. 167/168.

³ Op. Cit p. 168

toada reproduzida fora do seu contexto, do momento único da criação, 'perde sua unicidade', 'sua aura' como observa Walter Benjamin, e que Olhinho sabiamente vivencia. Nesse mesmo sentido registra também José da Costa de Jesus, conhecido por Zê Paul: "Quando estou fazendo a brincadeira da morte de boi, faço várias toadas e canto, depois não sei mais, são toadas de momento".

Olhinho canta a sua dor

A forma como este artista, canta em uma toada a dor da traição de amor, funda uma outra percepção, uma outra compreensão das coisas do mundo, em significativa dissonância com os valores nomeados como dominantes.

"Você não foi a pessoa que eu pensava
Agora eu vejo o quanto eu errei ýbis
Fingiu fidelidade outra vez eu me enganei
Não importa que o mundo condene
Se amar foi pecado, eu pequei."

Ao não esconder sua condição de traído, e mesmo que 'o mundo' -essa invisível e incomensurável representação - 'condene' a ambos, ela por ser adúltera, e ele por ter fracassado em seu papel de homem, não 'importa', não abjura daquele amor, mesmo que todos condenem.

Embora estas entrevistas não tenham atendido a critérios de um roteiro de história de vida e/ou temático, descobrimos nas mesmas um amplo mosaico de informações, acontecimentos, experiências e sabedorias como vimos analisando. A vivência desses homens através de uma manifestação cultural popular tão rica em mitos, sincretismo religioso, magia, paixão, ritmos, cores, dança, poesia transformam estas narrativas em um livro de memórias que transcende a linha da vida pessoal, para se transformar em um amplo painel da cultura brasileira.

Um outro aspecto a destacar, entre as múltiplas leituras possíveis dessas memórias, está numa passagem no relato de seu Antero Viana e de seu Alauriano Campos de Almeida.

O boi de seu Antero

Seu Antero Viana recorda como era fazer o boi antes do apoio oficial: "A MARATUR (Empresa Maranhense de Turismo) começou ajudando os grupos, tentando fazer o bem, porém os grupos passaram a esperar só essa ajuda. O governo não é obrigado a ajudar ninguém. Antes todos faziam a brincadeira com os seus próprios recursos." O artista revela como este apoio oficial mudou os hábitos dos integrantes do boi, que passaram a só fazer apresentações tendo verba oficial. Nesse sentido, a própria brincadeira do boi tansmudou-se na medida em que foi institucionalizada pelo órgãos oficiais.

O boi como vivência cultural, transformou-se em espetáculo, e por conseguinte folclore. A exigência da MARATUR com as apresentações em diversos locais, com os horários, com o roteiro das programações oficiais fazem com que o boi deixe de exibir a parte mais importante, os 'autos'. O boi espetáculo, que viaja motorizado e não mais a pé para apresentar-se em vários arraiais, não narra mais sua história, seu 'auto'. Na construção do olhar espetáculo, não há lugar para a história, o que, da perspectiva de seu Antero, significa abandonar o que há de mais importante: "A MARATUR ajudou a acabar com o 'auto' nas apresentações porque, se o boi não tem 'auto', a brincadeira não tem história".

Antigas veredas dos bois na memória de seu Alauriano

Seu Alauriano Campos (conhecido por Seu Lauro) descreverá no seu relato, numa curta passagem, quais eram os lugares, no passado, permitidos ao boi fazer sua brincadeira. "... as brincadeiras de Bumba-Boi estavam sendo liberadas para brincarem no centro da cidade. Antes dessa liberação,

nós saíamos andando pelo Caminho da Boiada e entrávamos na Belira, brincávamos também na Camboa, que era subúrbio. Não podíamos passar do Galpão para aquele bloco de ruas considerado centro da cidade: Passeio, Praia Grande, Rua Grande.”

O boi que transmudou-se em espetáculo, num passado recente era proibido de brincar nas ruas centrais da cidade. Poder-se-ia indagar o que de perigoso trazia o boi, que a cidade não acolhia? Que danças, que sons, que símbolos religiosos e profanos, que libido tornava o boi perigoso aos olhos de uns poucos que controlavam e governavam a cidade? Revela-nos seu Lauro as demarcações do território da cidade, que estabeleciam fronteiras imaginárias de um tempo em que o boi deveria ser apenas uma manifestação circunscrita ao universo das camadas populares.

As memórias de seu Antero Viana e seu Alauriano Campos se complementam. O Boi era proibido, mas ao ser aceito, desfez-se da sua história, do seu 'auto'. Talvez no cruzamento desses estilhaços da memória, tenhamos que reconhecer a pertinência da análise do sociólogo francês Maurice Halbwachs.⁴ Para este, memória são as lembranças que estão vivas nas pessoas. No entanto, estas a medida que deixam de estar vivas, influenciando no presente, transformam-se em documento e por extensão em história.

Talvez, estejamos com este nosso trabalho documentando o ritual de passagem do boi da memória à história.

Antonio Torres Montenegro

⁴ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

APRESENTAÇÃO

No mundo contemporâneo, com o surgimento de uma grande variedade de suportes para a memória, social ou individual, já não mais se podia admitir num Estado como o Maranhão a inexistência de políticas específicas de preservação do nosso patrimônio histórico-cultural.

Memória é cidadania, é direito ao passado, para construção do futuro, principalmente como resgate de dívida social, pelo Estado, hoje, quando tanto se discutem as relações de propriedade e de interesse cultural na preservação da memória coletiva, em que se debatem os tênues limites entre o público e o privado na necessidade de consolidação dessa memória para mais uma história nacional.

Aqui, passa-se fundamentalmente pelo esforço que os estados têm que desenvolver para suprir grandes lacunas, espaços historicamente a descoberto, para termos preservados os lugares da memória, mesmo na solidão do indivíduo, ainda que o velho e só no seu mundo, mas não seja mais espoliado do seu último tesouro que o liga ao mundo, à memória, como bem o faz o fórceps do capitalismo, tirando do homem até a derradeira reserva de força, física e moral. O Maranhão tem uma dívida muito grande com a sua história, principalmente com os artistas cuja memória já se esfacelou no tempo e dificilmente se reconstruirá sua obra.

O Projeto Memória de Velhos é isso: feliz e inabalável iniciativa para buscar reparar esse descompasso do homem maranhense, quando no cotidiano já se perde tanto de sua produção artística ao longo da vida de tantos homens e mu-

lheres nos diversos cantos deste rico e pobre Maranhão. Precisamos ser mais audazes para suprir esse vão.

A FUNCMA orgulha-se de poder dar à luz mais este volume, mormente porque enfeixa o depoimento de briosos boieiros que tanto têm lutado pela manutenção do brilho do nosso Bumba-meu-boi.

Congratulamo-nos com quantos têm colaborado nessa árdua e necessária tarefa de preservação, em diversas formas, gratificante como quem vê um filho nascer. Parabenizamos em especial a direção e a equipe do Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, na certeza de que há novos filhos em gestação. Crescei e multiplicai-vos, amantes e pais da cultura do Maranhão.

Jeovah Silva França
Fundação Cultural do Maranhão

INTRODUÇÃO

Falar deles e/ou falar em nome deles. É bastante comum a adoção dessas posturas nas pesquisas relacionadas à produção cultural dos segmentos populares. O difícil torna-se abrir um efetivo espaço para que os mesmos, de viva voz, se expressem sobre a sua própria realidade, como portadores de um universo de sentidos/significados. E, quando tal ocorre, constatar a diversidade e riqueza dessa fala, que sempre tem muito a nos dizer.

No trabalho de memória oral, perseguimos esse objetivo de dar vez e voz a personagens da nossa história cotidiana, revelando, através das suas lembranças, a visão de acontecimentos em que estiveram direta ou indiretamente envolvidos, num registro valioso para a compreensão da participação popular no processo de construção/reconstrução da caminhada de toda uma geração.

O Projeto "**Memória de Velhos: depoimentos**" propõe-se a trazer à luz um conjunto de depoimentos de expressivas personalidades da cultura popular maranhense. A repercussão positiva alcançada com o lançamento dos quatro primeiros volumes nos encorajou a continuar a trajetória dessa série. Neste **volume V**, nos voltamos para **9 (nove) entrevistados** atuantes no **bumba-meu-boi**, cujos depoimentos deixaram patente o lugar de destaque dessa manifestação na nossa dinâmica cultural.

O **Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho**, com o apoio da **Comissão Maranhense de Folclore**, ao viabilizar a publicação deste trabalho, através da Fundação Cultural do

Maranhão, coloca-se numa posição de aprendizado do processo de ação/reação da nossa gente no seu duro dia-a-dia de luta pela sobrevivência, no seu modo peculiar de ver e sentir a realidade onde acha-se inserida.

Nesse contexto, o **bumba-boi** é um elemento constante para expressão de alegrias, tristezas, necessidades, preocupações, conflitos, prazeres, criações, descobertas, assimilações, dúvidas, insatisfações... Há uma diversidade de olhares que permitem perceber facetas diferenciadas na história coletiva do nosso boi. É um material rico e vivo, que forma um painel pintado a muitas mãos, com cores e matizes que o tornam mais atraente. Mas, sobretudo o que o testemunho de **Antero, Newton, Canuto, Lauro, Olhinho, Machado, João de Chica, Calça Curta e Zé Paul** traz à tona é que essa manifestação funciona como uma fonte de identidade e resistência dos segmentos populares maranhenses.

Ressalta-se, ainda, que o conteúdo deste volume retrata a **reestruturação técnica** ocorrida no projeto, a partir de abril de 1997, quando, com base numa consultoria do **professor Antonio Torres Montenegro**, as entrevistas foram revistas, complementadas e editadas, com o esforço de uma **equipe**, a quem temos muito a agradecer. Abrimos, então, aos que gostam de história, a oportunidade singular de penetrar no tecido cultural do nosso bumba-meu-boi para além das versões oficiais. Temos certeza de que terão um encontro com uma verdadeira crônica de aspectos interessantes da vida maranhense, contados, nestes tempos mutantes e efêmeros, por porta-vozes importantes da nossa gente, com quem temos muito a compartilhar.

Maria Michol Pinho de Carvalho



Se o boi não tem auto, a brincadeira não tem história.

Antero Viana

ANTERO VIANA (1928)

Entrevista realizada com o senhor Antero Viana e sua filha, Maria Lúcia Viana. Nessa entrevista, seu Antero e sua filha Lúcia falam da vivência de seu Antero nos diversos grupos de bumba-meu-boi em que brincou até conseguir fundar o seu próprio boi. Gostava também de montar e apresentar outras brincadeiras, como as danças do lelê e tamborinho, que conheceu em Rosário.

ANTERO - Nasci em Rosário, município próximo de São Luís, em um povoado chamado de Ypirangí, no dia 3 de janeiro de 1928. Meus pais, Florêncio Viana e Maria da Glória Bayma Viana, separaram-se após o meu nascimento. Minha mãe mudou-se para São Luís, eu estava com quatro meses de nascido. Moramos na Beira Mar, Centro da cidade, próximo à praia do Caju. Nesta praia, havia venda de peixe e melancia.

MARIA LÚCIA - Minha avó falava que papai era o filho caçula e que ela ficou com os sete filhos, colocando-os para estudar. Quando papai ficou rapaz, começou trabalhando em oficina mecânica, depois trabalhou muito tempo como cobrador de ônibus na linha São Luís / Rosário.

Casado com Teresinha de Jesus Viana e tendo oito filhos, papai voltou a Ypirangí para conhecer o lugar em que nasceu, pertencente à sua família, e levar os filhos para passar férias.

BRINCADEIRA DE BUMBA-MEU-BOI

ANTERO - Sempre gostei de boi, mas não brincava, só olhava o boi de Cururupu, que vinha brincar em São Luís, e o boi do finado Laurentino.

O primeiro boi que brinquei era de sotaque de Zabumba e pertencia a um senhor chamado Nhozinho de dona Júlia. Depois de três anos, mudei para o sotaque de Cururupu, de um senhor conhecido por Antônio de Cururupu, que morava na fábrica do Góes, localizada no Monte Castelo, que era de fazer sabão, óleo de babaçu e de pilar arroz. Esta fábrica, mais tarde, ficou conhecida como fábrica Carioca. Quando Antônio deixou de fazer boi, voltei para o sotaque de zabumba e fui para o boi de Antônio Guimarães, que morava por trás do bairro de Monte Castelo. Nesse boi brinquei junto com Leonardo e Canuto.

Recebi convite para brincar no boi de Daniel Martins, no bairro do Caratatiua, no qual permaneci cinco anos. Também por convite me mudei para o boi do senhor Oseas, que vendia peixe e era conhecido por Medônio. Leonardo estava com ele nessa época. A sede do boi de Medônio ficava defronte a esta minha casa, depois do trilho do trem.

Em 1952, Leonardo fez o boi dele. Fui fundador e brincante desse boi durante muitos anos. Fui o espírito do boi de Leonardo. Quando não comparecia, o boi não brincava, porque eu fazia o papel de vaqueiro, zabumbeiro e pai Francisco.

MARIA LÚCIA - Leonardo era o dono, mas fizeram parte do grupo de fundação papai, Chico Coimbra, um senhor conhecido por Popô, Sebastião barbeiro, João Abreu e outros.

Quando éramos crianças, fomos acostumados a chamar Leonardo de tio, por ele e meu pai se tratarem como irmãos e termos um carinho muito grande por ele. Papai brincou longos anos com o tio Leonardo. Quando saiu foi para o boi de Lauro, que antes pertenceu a Medônio. Seu Lauro era o padrinho desse boi e depois tomou conta. Então ficou sendo conhecido como o boi de Lauro. A sede do boi de Medônio ficava, como papai já disse, defronte de nossa casa, neste depósito da Rodoviária Equatorial. No depósito da loja Gabriela, existia uma vacaria, em seguida uma fileira de casas por-

ta e janela, que eram alugadas e pertenciam ao senhor Besa, dono de um sítio que ficava depois das casas.

Em 1975, papai fundou seu próprio grupo, porque houve um desentendimento entre Lauro e ele. Então minha tia Joana, que atualmente mora em Brasília, incentivou papai a fundar seu próprio grupo, porque ele, como participante dessa brincadeira, era muito dedicado ao grupo, tornando-se um escravo.

ANTERO - Quando iniciei meu próprio grupo, procurei um cabeceira, o que é o mais difícil. Convidei Antônio Fausto, que trabalha no LIPATER. Brincou neste grupo até 1996. Hoje se encontra em um grupo de Zabumba, na Vila Lobão, no bairro do Tirirical. Convidei também vários amigos, mas não convidei nenhum brincante do grupo do finado Lauro.

No primeiro ano do meu boi, foram 25 brincantes. Depois ele cresceu e foi o melhor boi de zabumba do Maranhão.

MARIA LÚCIA - De 1975 até hoje, ele recebeu apoio de toda a família. Já existia a Federação de Bumba-meu-boi, mas, como era a primeira vez que o grupo saía, não tinha direito a receber ajuda. Nós somos oito filhos e mais dois adotivos. Ele reuniu todos e dividiu as tarefas.

Esse sempre foi o mundo dele e nós sempre o ajudamos.

Recebia ajuda dos amigos e outras ajudas, porque ninguém vive sem política. Quem diz que vive fora da política é louco porque todos nós vivemos em função de uma política.

O mundo dele foram o bumba-meu-boi, a escola de samba e a dança do tamborinho.

ANTERO - A MARATUR começou ajudando os grupos, tentando fazer o bem, porém os grupos passaram a esperar só

essa ajuda. O governo não é obrigado a ajudar ninguém. Antes todos faziam a brincadeira com os seus próprios recursos.

MARIA LÚCIA - os primeiros anos, os couros do boi eram feitos por mamãe; dona Zeca do bairro de Fátima, mas era muito trabalho, então papai passou a levar o boi para ser feito em Jaquarequara, no município de Guimarães, por um senhor chamado Martins Serrão, e em Baiano, município de Cururupu, que era bordado pelo senhor Acelino.

O AUTO E O ARRAIAL

ANTERO - A MARATUR ajudou a acabar com o auto nas apresentações porque se o boi não tem auto, a brincadeira não tem história.

MARIA LÚCIA - O desenvolvimento da cidade, a estilização da cultura, o surgimento de muitos arraiais, que foram se espalhando pela cidade, e até mesmo a insegurança do povo que hoje não pode andar com segurança à noite pelas ruas acabaram com as apresentações dos grupos nas portas das casas. O dono da casa oferecia bebida, mingau de milho, mas dava dinheiro de acordo com o contrato feito.

Com o aparecimento dos arraiais, quem vai contratar boi para dançar na sua porta? Eu não vou chamar um boi para a minha casa se há um arraial próximo que apresenta vários grupos. No bairro de João Paulo, no dia 30 de junho, apresentam-se todos os bois do sotaque da Ilha e, na noite de 28 para 29 de junho, na praça de São Pedro, na Madre Deus, estão todos os bois. Eu vou pagar apresentação?

O boi de Zabumba, apesar de representar nossas raízes, antes era mais olhado. Hoje, se você escutar o programa de Raimundo Filho e outros programas, ouve as pessoas dizerem que o boi de zabumba é enjoado. Uma pessoa dessa não conhece a realidade e diz bobagens. Eu respeito o trabalho dos bois de matraca, orquestra, Cururupu.

No boi de zabumba, o que falta é organização dos proprietários, que são pessoas convencidas e egoístas; eles nunca deram abertura para outras pessoas participarem na direção do boi. Ficou aquele grupo pequeno, fechado só para eles. O comando deve ser do proprietário. Talvez por esse motivo o sotaque de zabumba não se expandiu. Já nas reuniões com papai, Canuto, Leonardo e seu Constâncio, a opinião de um é a de todos. Outro fator: você não vê as pessoas da assistência brincando no grupo, porque eles só querem os brincantes e quando você entra na brincadeira tem alguém do grupo para afastar. Eu sempre disse a papai: se as pessoas não podem brincar no grupo, como acontece com as outras brincadeiras, falam que o boi de zabumba não é muito animado. As toadas do estilo zabumba são mais longas e faladas e, só depois, vem o toque. Hoje noto que já estão mudando. As toadas estão menos longas.

Com os arraiais, o auto vem deixando de ser apresentado, porque o boi tem compromisso com vários arraiais, com hora marcada. O auto, que é lindo, e a beleza do boi de Zabumba, estavam nele.

ANTERO - No boi da Ilha entra todo mundo, mas não tenho nada com isso. Quando se tira a língua de uma pessoa, ela morre. O boi da ilha, em seu auto, tira a língua, o rabo e o boi torna a viver. No auto de zabumba, achamos que o boi deve ser roubado.

As varas de ferrão usadas nos grupos de bumba-meu-boi são de maçaranduba ou canela de veado. As varas de antigamente eram com galhos longos, hoje são lisas. Os papéis usados eram: crepom, seda e celofane. Hoje usamos papel laminado, que brilha mais e dá um visual mais bonito.

A vara tipo lança é usada no sotaque de Pindaré. Sotaque da Ilha e de Orquestra também estão usando varas até de galhos, que eram uma tradição do boi de zabumba. Nos engenhos, a vara usada pelo vaqueiro era chamada de ferrão e servia para sua defesa. Na brincadeira, ela compõe a roupa do vaqueiro.

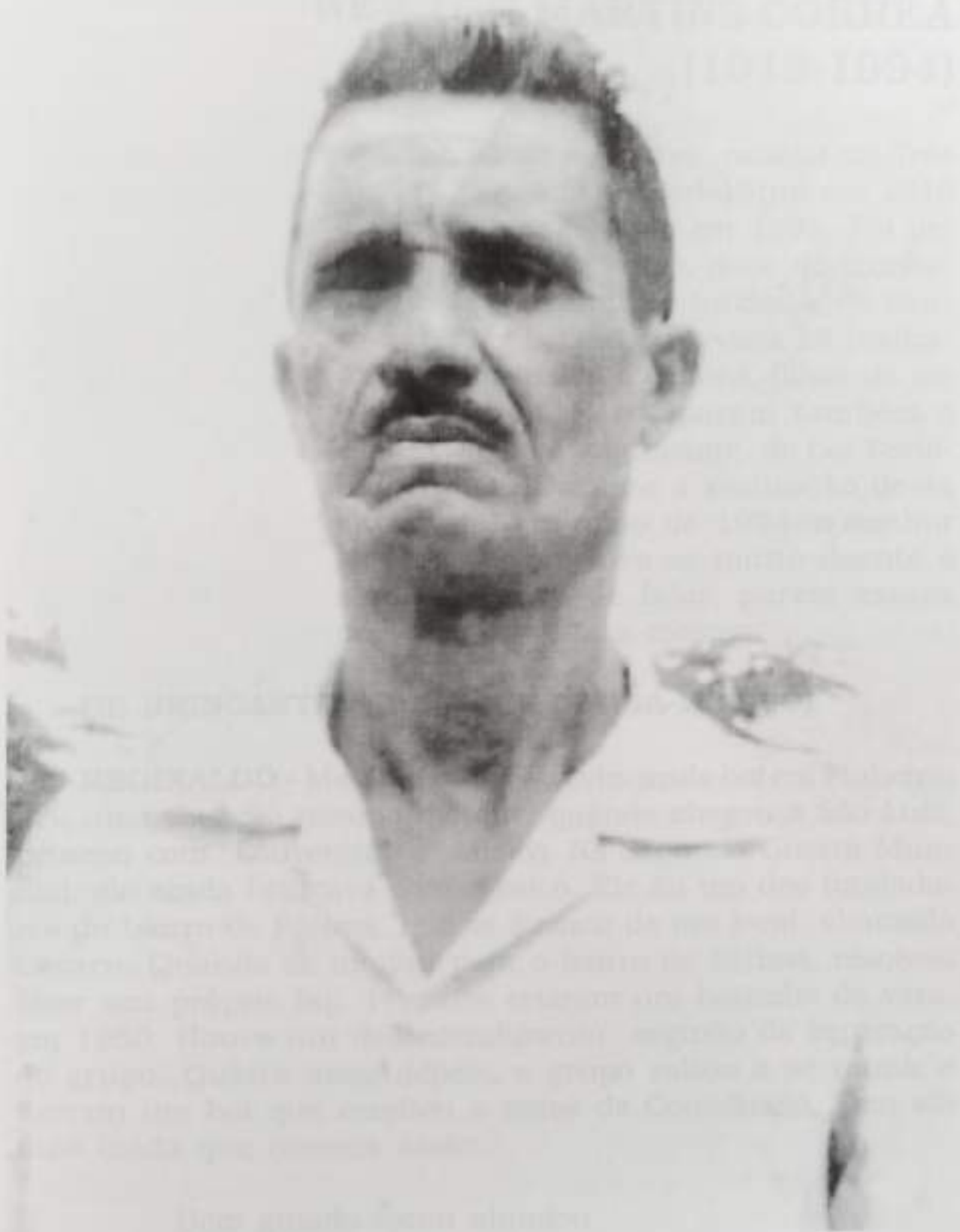
DANÇAS POPULARES

ANTERO - Em Rosário, existiam muitas brincadeiras folclóricas. As danças eram: péla porco, tamborinho, carneiro. Foi lá que nasceu o Bumba-meu-boi de Orquestra. O primeiro boi de Rosário foi de João Pereira.

MARIA LÚCIA - Ele apresentou a dança do lelé com o pessoal de Rosário, mas era muito caro porque tinha que ir buscá-las. Então ele deixou de fazer as apresentações dessa dança e começou a fazer a dança do tamborinho.

ANTERO - A dança do tamborinho só para velhos. Era oferecido em forma de pagamento de promessa para São Benedito dar uma boa colheita. Atualmente estão colocando jovens para aprender essa dança.

NEWTON MARTINS COIMBRA
(1913-1994)



**Ele também era religioso e, ao modo dele, essa
brincadeira de boi era a religião dele.**

Reginaldo, filho de Newton, relembrando o pai.

NEWTON MARTINS CORRÊA (1918-1994)

Newton Martins Correa nasceu em Três Marias, povoado de Peri-Mirim em 1918 e faleceu aos 76 anos em 1994. Foi pedreiro, mestre de obras, dono de bumba-meu-boi de zabumba e fundador do bairro de Fátima. Essa entrevista foi realizada com Reginaldo e Odinea, filhos do senhor Newton. Participaram também a esposa Joana e o brincante do boi Teotônio França. Durante a realização desta entrevista, em maio de 1994, o senhor Newton encontrava-se muito doente e sem condições de falar, porém estava presente durante a mesma.

DE BRINCANTE A DONO DE BUMBA-MEU-BOI

REGINALDO - Meu pai começou brincando boi em Pinheiro. Era uma vocação mesmo, porque, quando chegou a São Luís, brincou com Laurentino e Misico. Na Segunda Guerra Mundial, ele ainda brincava com Misico. Ele foi um dos fundadores do bairro de Fátima, que se formou de um local chamado Cavaco. Quando se mudou para o bairro de Fátima, resolveu fazer seu próprio boi. Primeiro criaram um bozinho de vara, em 1950. Houve um desentendimento seguido da separação do grupo. Quatro anos depois, o grupo voltou a se reunir e fizeram um boi que recebeu o nome de Combinado. Tem até uma toada que começa assim:

Bem guiado tocou alumiou
Que parece luz
Lá vai, lá vai
Bem guiado de Jesus

Esta toada foi criada por Newton, quando juntaram novamente o grupo.

JOANA - Quando nos mudamos para o bairro de Fátima, era só mato, não tinha brincadeira. Então ele se danou para querer fazer um boi. Não concordamos, mas depois aceitamos e ele fez o boi durante muito tempo.

ODINEA - Este boi era herança, porque ele se uniu com Simplicio. No primeiro ano, o boi saiu de chapéu de palha com fita verde e amarela. Anos depois, ganhou o concurso do jornal O Estado do Maranhão e foi homenageado como um dos melhores, ganhando uma taça.

REGINALDO - Em 1954, houve uma tragédia aqui em casa. Um dos filhos de Newton, que hoje é advogado, foi queimado com óleo quente pelo irmão mais velho, que estava fritando peixe. Então Newton fez uma promessa de continuar fazendo o boi, mas que São João desse a saúde do garoto, que tinha o mesmo nome dele. Quando terminou a promessa, ele fez o boi, até não possuir condições físicas para continuar. Era esforço demais até para minha mãe, dona Joana Correa.

O estado de saúde dele se agravou, aumentando a arteriosclerose. Ele parou com o boi e deu tudo.

Este boi até hoje existe, não morreu. Continua sendo feito no Bom Jesus, pelo seu sobrinho Marinaldo, porque eu e meus irmãos não pretendíamos assumir a brincadeira. Marinaldo jamais conseguiu levantar o boi e o tambor de crioula.

ODINEA - Tinha tudo para o boi crescer porque o bairro do Bom Jesus é grande. O bairro do Coroadinho fica próximo ao Bom Jesus. Tem um boi sotaque de música. No Bom Jesus, há uma turma grande de sotaque de Pindaré, chamada Capricho do Bom Jesus.

Papai teve amnésia sem motivo aparente. Elpidio sofreu um acidente, quando vinha junto com papai da Federação de Bumba-meu-boi, da qual papai era presidente. Vinha feito

um doido correndo na carroça, de repente puxou o burro e a carroça virou. Papai quebrou a cabeça e Elpidio ficou manco. Até hoje ele faz festas e vem de carroça visitar papai.

TEOTÔNIO - Newton não tem idade para estar doente. Pessoas mais velhas que ele ainda brincam.

ODINEA - Ele não tinha uma voz bonita, mas era um bom repentista. Qualquer assunto, era só pedir, ele tirava na hora. Forçou muito a memória e hoje não tem mais, acabou cedo. Meu pai ouve mas não fala. Não se lembra de nada. Até três anos atrás, mesmo doente, brincava compondo e cantando toadas. Tenho um caderno de toadas guardado e lembro algumas.

REGINALDO - Odinea, cante aquela toada de 1958.

ODINEA - No 58 eu estava em casa sentado

Quando eu vi o rádio anunciar

Campina do Matadouro

Esta em revolução

Com a do Areal

Bairro de Fátima mandou procurar

Porque não faz harmonia

Prá esta questão terminar

Nessa época, os bois não se uniam, nem com a turma de Guimarães. Do Areal, nesse tempo, era Lauro.

TEOTÔNIO - Leonardo é da Liberdade e ainda está vivo. Os bois mais antigos eram de Laurentino e de Misico.

REGINALDO - O velho leão sempre primou pela união. Foi um dos fundadores e presidente da Associação de Brincantes de Boi do Maranhão. Ele pedia pacificação entre os

grupos. Essa toada foi tirada quando o pessoal da Liberdade estava brigando com o pessoal do Areal, atual bairro de Monte Castelo.

JOANA - Fiz 75 anos no dia 13 de maio e nasci na Vila da Praia Grande, aqui em São Luís.

REGINALDO - Fica na beira-mar, próximo à praia do Caju, hoje Avenida Luís Rocha.

JOANA - Casei aos 20 anos, tive dezoito filhos, e seis estão vivos.

No porto, próximo à minha casa, havia muitos navios que descarregavam diversas mercadorias. Hoje fizeram um muro.

Existia um vizinho chamado Pinho, que trabalhava na praia do Desterro e que fazia a festa de Santo Antônio. Eram quatorze dias de festa para pagamento de promessa.

Na época em que Newton fazia o boi, começávamos a bordar os couros antes de iniciar o São João. Minhas filhas e as meninas que brincavam no boi ajudavam.

ODINEA - Eu devia ter uns 10 anos e já bordava.

REGINALDO - Aquele guardanapo que papai tem na mão era do tempo em que mamãe aprendia a bordar, quando criança. Tem mais de 60 anos.

JOANA - Bordei quando era jovem e estudava no Colégio Santa Teresa.

TEOTÔNIO - Meu nome é Teotônio França Diniz, brincante do boi do senhor Newton. Tenho 63 anos, nasci em Bacurituba. Com oito anos vim para São Luís, onde passei a maior parte de minha infância.

Comecei a brincar boi adulto; só tenho nove anos de brincadeira, e sempre com seu Newton.

REGINALDO - O interessante na vida de seu Teotônio foi quando descobriram seu talento para tirar toadas e ele se transformou em amo.

TEOTÔNIO - Comecei brincando no cordão, depois trabalhando com seu Newton nas toadas e tirando minhas próprias toadas. Newton fazia toadas no ar. Em São Luís, ele foi reconhecido o maior repentista de sua época.

Das pessoas que brincavam no boi, uma parte já morreu. Tinha muita gente pesada: Duca, Urbano, Antilho, Joãozinho... Brinquei só com Newton. Deixei porque não dava para mim.

REGINALDO - Teotônio era uma exceção da regra: não bebia nem refrigerante, porque o pessoal do boi era alimentado a óleo.

ODINEA - Havia muitas pessoas doidas nesse boi; outros não tomavam nada. Moreira não bebe até hoje.

TEOTÔNIO - Laurentino era muito amigo de Newton. Quando eles ainda tinham brincadeira e se encontravam na rua, brincavam juntos. Certa vez, amanhecemos na rua e encontramos Laurentino no Monte Castelo. Newton combinou e tomamos o terreiro de Laurentino antes da chegada dele. Cercamos a porta da casa, ficamos brincando e não o deixamos entrar. Nesse dia ele quis se zangar porque não podia entrar com a turma.

REGINALDO - Laurentino tomou o nosso terreiro várias vezes. Vinha com o boi e ficava aqui no rebanho. Ele não gostava de cantar, mas se metia a ser repentista, embora fosse pé quebrado. Toada de pé quebrado não tem rima adequada. Certa vez o time de futebol por que ele torcia, o Sampaio Corrêa, estava jogando. Houve um gol e ninguém sabia direito que tinha sido Pirrita. Quando o autor do gol passou, ele cantou:

Rita, oh! Rita
Quem marcou o gol
Foi o Pirrita

Rita era a mulher de Laurentino. As toadas dele eram chutadas. Se ele passava na porta da Escola Técnica, cantava:

Tec, tec, tec
Tô passando na Escola Tec

TEOTÔNIO - Certa vez, na matança do boi de Laurentino, vários brincantes não compareceram para ajudar nos preparativos. No dia da matança, que tem muita comida, todos compareceram, e ele cantou:

Xô, Xô, urubu
Pássaro preto avoador
Prá brincar é preto besta
Prá comer quem te chamou?
Era o repente dele, às vezes dava certo.

ODINEA - Os repentes de Laurentino eram uma graça. Só doidices.

TEOTÔNIO - Uma vantagem nossa era ter Newton como professor. Quando eu tirava uma toada, vinha consultá-lo. Se estivesse errada, não se cantava, para não dar o que falar aos outros grupos.

AMOS E TOADAS

REGINALDO - Para cantar toadas, havia muita gente. Depois de 1952, houve Zabumba, Henrique, Joãozinho, Urbano.

ODINEA - Joãozinho ficou até o último ano. Seu Moreira tem uma voz muito bonita. Teve Zabumba, que foi vaqueiro

muitos anos e depois passou a ser amo. Ele era bom e tem a voz bonita. Não sei onde Zabumba brinca hoje.

TEOTÔNIO - Está brincando na Mata.

REGINALDO - Lembra aquela toada de Zabumba no ano em que ele entrou no terreiro de Teófilo. Então Teófilo disse que colocava feitiço nele, porque ele entrou no quarto de segredo.

ODINEA - Nesse ano, ele tirou a despedida da morte do boi, que dizia assim:

Brinca meu boi
Tu te despedes da festa de São João
Se acabar tudo no mundo
Só amar a Deus que não
Amanhã seis horas
Tu tá no mourão

Zabumba não tem a voz bonita, mas tem ritmo, tem melodia, usa um português correto.

TEOTÔNIO - tem uma toada do Urbano que diz assim:

Já faz mais de um ano
Que no papel eu assumi (bis)
Eu vi o nome do boi
Mas o dono do boi que tanto me esperava
Eu não vi
Mas esse ano eu vou cumprir com a palavra
Nome do boi que tanto esperava
Hoje vi mas esse ano eu vou cumprir com a palavra
Eu tô publicando que é prá tu saber
Vamos reunir, vamos vamos guarnicê
Eu vim prá contar pra ele não se aborrecer

Foi do ano em que ele deixou de brincar com Newton e veio pedir desculpas com esta toada.

ODINEA - Essa toada de Cantídio era "*animal sura Deus abana*". Era bonita. O Sancier tinha toadas quentes, só faltavam rebentar zabumba.

O animal que é sura Deus abana
Foi nesses dizeres
Que eu fiquei me baseando
Meus irmãos morreram
Só eu que fiquei bolando
No meio dos estranhos
Com essa toada
Eu fico me consolando
Um me empurra aqui, eu calo e levanto ri
E conto prá Deus as dores que eu fiquei sentindo
Eu e a minha velha-jovem
Vamos partindo
Esperando o fim da vida
Cumprindo com meu destino
A música só é bonita com acompanhamento.

REGINALDO - O atabaque.

ODINEA - O rapidão seguro deles era como tropeada.
O boi hoje só anda de ônibus, você não vê o boi andar.

TEOTÔNIO - Andávamos a noite inteira a pé pela cidade.

REGINALDO - Nesse tempo não existia luz elétrica em todos os bairros; levávamos lampiões.

ODINEA - Tinha o petromax e latas de óleo que pareciam um farol, carregado na vara a noite toda. Quando eram 11 horas da manhã, o mocotô estava pronto e a feijoada bem

adubada, esperando a turma chegar. Às 12 horas, entravam no bairro, e as pessoas estavam na rua esperando a brincadeira passar.

Hoje, você só vê o boi se tiver grana; é muito cara uma apresentação. Quando o boi saía às 11 horas da noite, as ruas estavam cheias de pessoas para verem o boi passar.

Naquele tempo, não tinha ajuda do governo. Quem fardava e fazia o boi era o dono, que tinha raça para fazer a brincadeira. Hoje, todos são ajudados pelo governo: carnaval, boi e outras brincadeiras.

TEOTÔNIO - Hoje as pessoas saem de qualquer jeito. Quando Newton começou a fazer o boi, todos eram fardados. Lembra aquela toada do seu Dico: "Lá vai meu boi."

ODINEA - Era assim:

Vaqueiro vai buscar meu boi
 Faz o que eu tô te mandando
 É mais quem deseja ver
 A beleza desse ano
 Trás ele com cuidado
 A prenda de São João
 Bota ela na frente
 Mais não bate com o ferrão

Era um dos amos, cabeceiras, muito namorador. A mulher morria de ciúmes e ficava em casa, porque havia muita mutuca que acompanhava o boi.

JOANA - Eu dava surra em Newton. Ele era fogo na roupa. Isso era um cão. Ele ia para o banheiro e segurava uma mutuca lá dentro. Para sair de lá, era debaixo de surra. Era uma tentação, Ave Maria!

REGINALDO - A velha era muito ciumenta e, quando papai já estava com a cabeça cheia de bebida, começava a aprontar com as mutucas, porque ele era muito bandoleiro.

JOANA - Umas pessoas brincavam só para se divertir. Outras enchiam a cara e vinham perturbar. Simplicio, que ainda está na ativa, era purgante, porém divertido.

REGINALDO - Ele não acompanhava o boi, mas dava apoio logístico quando o pessoal chegava.

ODINEA - Prestava assistência a todas as pessoas.

JOANA - Quando Simplicio saía às duas horas da tarde deixava os panelões, caldeirões de ferro, cozinhando no quintal.

REGINALDO - Hoje, 28 de maio, era um dia em que se preparava mingau para o ensaio de boi, à noite.

ODINEA - Este terreno, na frente e dos lados da casa, pertencia a papai. Era muito grande. Eram três casas e um barracão enorme para as brincadeiras. Realizavam festas durante várias noites. Quando ele foi ficando esclerosado, eram só três noites de festa.

TEOTÔNIO - Tenho uma toada de guarnicê chamada "pra fogueira":

Eu estou chamando pra a fogueira
Aqueles que são devotos
De meu senhor São João
Para cumprir com seu dever
Vem prá perto presta atenção
Assumi um compromisso
Com a minha vaquejada

Guarnicê é para chamar os brincantes que chegam e ficam espalhados. Lá vai, para a porta. Cantava para chamar

para a porta, onde se vai apresentar a brincadeira. Depois da dança, vem a carne seca, como era chamada a matança. Os principais personagens da matança são: preto velho, cazumbá, pai Francisco, Catirina. Há outros personagens, como amo, contra-amo, vaqueiros, soldados, tapuias e outros.

REGINALDO - Todo ano, na matança, há os mesmos personagens, mas a comédia é sempre diferente. Parece que a cada ano há uma matança diferente. Lembro uma matança que encenava uma macumba. Pai Francisco era o Juvenal, que cantava essa toada:

Um bicho me disse
Que outro bicho disse prá ele
Que esse bicho tá com bicho
Que outro bicho botou nele

Era uma macumba que eles faziam para que o boi desaparecesse. Na comédia, havia uma pessoa doente e, quando terminava a cura, o boi tinha desaparecido.

ODINEA - A comédia era assim: uma pessoa estava enfeitada. Aparecia a fada da bondade, que era o polonês, e tirava o feitiço. Newton cantava assim:

Eu não tenho com que pague
A fada da bondade
Mais eu dou meu coração
Por sinal de amizade

TAMBORES

REGINALDO - Ele procurava fazer tudo nas raízes, segundo a tradição. O zabumba era feito de tronco de árvores; ele não aderiu ao modernismo.

O tambor de crioula saía também na época de São João. Era conhecido como tambor de Newton, porque todas as brincadeiras eram associadas ao nome dele.

ODINEA - Havia o tambor de crioula: era bonito e eles aproveitavam para encher a cara de pinga.

REGINALDO - Quando me mudei para o bairro de Fátima, vim buscar o tambor, mas papai já o tinha dado.

O zabumba não era como hoje, quando são todos modernos, de plástico ou couro sintético. Naquele tempo, era esquentado a fogo. Era couro grosso de boi.

TEOTÔNIO - Lembro que encontramos no sítio uma mangueira ocada. Cortamos a mangueira, colocamos o tronco no ombro e o levamos para casa e fizemos aquele zabumba.

PROTEÇÃO E FEITIÇOS

JOANA - Várias pessoas tentaram acabar com a brincadeira. Quando estavam fazendo uma parede da casa, enteraram um vaso de barro grande cheio de porcaria.

REGINALDO - Também trabalhavam com a feitiçaria.

JOANA - Quando foram levantar outra parede e estavam cavando para fazer o alicerce, encontraram um jarro enterrado. Foi retirado e jogado no mar.

TEOTÔNIO - Nesse tempo, muitas pessoas tinham inveja da brincadeira.

ODINEA - O boi de sotaque de Pindaré não era do bairro, mas veio ficar bem perto da nossa casa. Não tinha nada, porque era sotaque diferente, porém eles vinham chatear aqui.

REGINALDO - A superstição era levada muito a sério. Papai foi fazer uma matança na porta de Pau Queimado, um curador muito famoso na época. Ele bebeu demais, perdeu a cabeça, pensou que tinha sido cachaça curada que deram para ele ficar embriagado. Cachaça curada é quando uma pessoa tem muita resistência para a bebida, toma pouca e fica logo embriagada. Quando saía, passou a levar sua própria bebida. Preparava com pimenta do reino, casca de laranja e outros ingredientes. Ele era movido a álcool.

Cada mutuca que acompanhava o boi era uma mãe de santo em potencial. Véspera de São João, quando rezava para a saída do boi, era feita uma série de trabalhos para evitar feitiços de outros grupos, principalmente para os amos não perderem a voz.

Na Maioba, ou em qualquer outro cordão de bumba-meu-boi, eles não falam, mas existem essas proteções. As mutucas acompanham o cordão, observando para que elementos estranhos e de outras brincadeiras não se infiltrem para fazerem feitiços. Lembro-me de uma matança no Bom Milagre que um dos participantes caía. Apareceu um elemento que não tinha nada com a brincadeira, nem maranhense era. Ele ficou perto e o rapaz estava caído. Então ele disse que ia acordá-lo e deu três tiros perto da cabeça dele. Todos pensaram que eram foguetes. Depois de muito tempo, perceberam que ele estava atirando com revólver de verdade. Queriam linchá-lo, porém meu pai não permitiu que tal fato acontecesse. Esse matador foi mandado por um grupo adversário. Se você acompanhar o boi da Maioba, Iguaíba, qualquer grupo, a crença é a mesma.

Atrás da toada de pique, existe a crença de que um grupo faz feitiço para o outro. O boi sempre carrega uma proteção, e o miolo do boi sai todo encomendado, nunca vai só. A bebida dele é benzida no altar de São João, para evitar feitiço e mau olhado. O couro do boi sempre tem o signo de Salomão escondido entre os bordados, o qual serve como pára-raio contra feitiço. Às vezes, no chifre do boi, tem alho macho preparado.

Os amos carregam sempre um patuá no cordão que é chamado de firmeza.

Dia de São João, mamãe acendia uma vela no altar e só a apagava quando terminava o período junino .

Até hoje rezamos na véspera de São João, à meia-noite. É uma obrigação, porque:

**Ele também era religioso e ao modo dele,
Essa brincadeira de boi, era a religião dele.**

Esse boi brincou de 1952. Foram 40 anos que ele conseguiu manter esse grupo de Bumba-meu-boi. Parabéns!



**Sempre gostei do Boi de Zabumba. Essa paixão
é de criança.**

Canuto Santos

CANUTO SANTOS (1925)

Canuto Santos começou a trabalhar com oito anos de idade, na roça e na pescaria. Em São Luís foi carroceiro e estivador. Nesta entrevista relembra a brincadeira de bumba-meu-boi de sotaque de zabumba do senhor Misico, da qual, posteriormente, se tornou dono.

MINHAS RAÍZES

Meu nome é Canuto Santos. Nasci no dia 19 de janeiro de 1925, em Porto de Baixo, município de Guimarães, localizado na entrada de um Igarapê, onde morei até os 20 anos. Meus pais chamavam-se Raimundo Santos e Maria José da Conceição. Tenho vários irmãos por parte de pai e uma irmã por parte de mãe.

Comecei a trabalhar, com a idade de oito anos, na roça e na pescaria. Cresci cortando mangue, que era transportado de barco para a Ullen, em São Luís, no tempo em que essa energia era produzida através de lenha. Cortava mangue para vender a 10 mil réis o cento. Lutando na pescaria, andei embarcado dois anos, viajando constantemente no convés de barco e canoa. Para pescar, tínhamos o curral, o espinhel, o traço de botar camarão, muruada e puçás. O certo é que nos movimentávamos. Não podíamos ficar sem trabalhar. Assim foi minha vida até os 20 anos.

Meus pais ficaram no interior. No tempo em que meu pai morreu, quis trazer mamãe, mas ela não quis; quando resolveu vir, passou uma semana e faleceu.

Vim sozinho para São Luís, já encaminhado, porque conhecia Joaquina, que conseguiu um empreguinho de ajudante de açougueiro no valor de 150 mil réis. Trabalhei durante três anos. Depois saí e fui trabalhar de carreiro; o burro e a

carroça pertenciam a outra pessoa. Depois fui para o sindicato dos arrumadores trabalhar como estivador de onde sai aposentado.

Nessa época, não tínhamos porto nem estrada. Viemos tê-las depois que Sarney foi para o governo. As cargas iam e vinham de navio: açúcar, leite, cerveja encaixotada. Vários comerciantes tinham cervejaria. Todas essas mercadorias que nós consumíamos vinham de fora: da América. Não tínhamos fábrica de cimento.

Atualmente é que temos uma no município de Codó.

Onde foi o Tesouro, era cheio de cargas chegando e saindo, um movimento muito intenso. Hoje não tem nada. Quando começaram a fazer estradas, a via marítima fracassou. Nesse tempo se ganhava pouco, mas se tornava muito, porque existia serviço e quem chegava aqui desempregado no mesmo dia se empregava. Hoje você batalha, concursado, fica comungando e não consegue nada para fazer.

No Maranhão, a riqueza era o babaçu, transportado em grande quantidade, tanto para o Rio como para o estrangeiro.

SÓ GOSTO DE BOI DE ZABUMBA

Quando era pequeno, quem me levava para assistir ao boi de zabumba era um senhor com quem me criei. Seu nome era Raimundo Nonato Sousa e o de meu pai era Raimundo Nonato Santos, só mudando o sobrenome.

Fui gostando da brincadeira de bumba-meu-boi e me adaptei. Além da brincadeira de bumba-boi, existiam, no interior, festas carnavalescas, mas, como o senhor com quem fui criado não gostava de carnaval, eu também não participava dessas festas.

Sempre gostei do boi de zabumba. Nunca quis participar de outro sotaque, porque onde nasci e me

criei só tinha boi de zabumba, não tinha outro boi. Essa paixão é de criança!

A brincadeira de que mais gosto é o bumba-boi, que comecei a brincar como tapuio, ainda menino. O boi era do senhor Eliotério Barros, dono do lugar. Brinquei no boi do senhor Martinho com 14 anos. O boi era o seguinte: não tinha canutilho, miçanga, não tinha nada; só aqueles espelinhos que enfeitavam o chapéu. Era uma coisa simples. Havia um papel brilhoso e desse papel a pessoa desenhava pássaro, flor, que pregava no couro do boi. Depois de um certo tempo apareceu a lantejola. Antigamente, a fita que se usa hoje era feita de papel colorido; ficava bonito. Com o passar do tempo foram aparecendo novos enfeites.

Hoje nós não temos nada quase que apresentar do que se apresentava naquela época.

Passei a ir a festas depois que completei 16 anos. Não podia ir só, ia em companhia de Raimundo Sousa, com todo o cuidado. Tanto que, quando cheguei a São Luís, passei dois anos observando como devia me conduzir; eu não conhecia nada. Era uma época muito boa. Se fosse hoje, acho que eu nunca saía para festas.

Acho que puxei ao lado de minha mãe, porque meu pai não gostava de brincadeira, não dançava. Minha mãe era muito festeira. Gostava de Escola de Samba, de dançar. Puxei a ela.

Tem gente que parece que vem ao mundo só para encher o mundo de pernas

Minha família, por parte de pai, não gostava de festa; minha irmã mesmo não gostava. Por sinal, estamos desligados há 50 anos. Ela ficou no interior. Eu sempre ia quando mamãe era viva. Depois que morreu, já faz mais de 20 anos que não vou ao Porto de Baixo para visitá-la.

Minha mãe não chegou a ver o grupo. Quando morreu, eu ainda não fazia o boi; brincava com Misico. Tinha vindo embora para morar comigo e morreu em minha casa.

Na família de minha mãe havia um tio dela que participava de boi em Guimarães; só brincava, era divertido. Mãe e meu tio eram os que mais gostavam de boi, herdei dos dois.

SÃO LUÍS

Cheguei em São Luís no dia 5 de maio de 1945. Retornei para brincar bumba-meu-boi no interior.

Morava próximo à entrada do Matadouro, que passou a ser Liberdade a partir do Governo Municipal de Cafeteira. Era a solta de gado: soltavam os bois que seriam abatidos num curral grande. Eu morava antes de chegar o portão. Tinha um sítio, uns cajueiros. Hoje, há umas portas e janelas do lado direito de quem vai, antes da entrada da Floresta: era do Seu Saul, um dos marchantes que abatiam o gado para vender. Passei três anos trabalhando com ele.

Quando cheguei a São Luís, passei dois anos observando o ambiente para poder sair, passear, ir a festas, mas não dançava. Depois que conheci o ambiente, comecei a participar de festas. Sou muito desconfiado. Não é em toda parte que vou chegando e fazendo amizade. Gosto muito de observar.

FESTAS E LAZER

Lazer sempre foi normal, porque não tinha condição de ter um lazer de meu gosto, mas, quando tinha uma folguinha e estava com dinheiro no bolso, saía para me divertir. Na época estava mais novo e dançava muito. Os bailes, as festas eram parecidos aos de hoje, somente não havia reggae. Era samba, valsa. Sempre gostei de me divertir, tanto prova que hoje dirijo dois grupos de brincadeira. No carnaval, havia baile de máscara, fantasia de dominó. Só as mu-

lheres usavam máscaras. Acho que aquilo era uma tradição. Às vezes até se encontrava uma pessoa conhecida e não se sabia quem era. Tinha-se que investigar. Poderia ser até uma namorada. Ficava-se com dúvidas, sem se saber quem era. Os homens usavam máscaras quando saíam no grupo de fofão, que andava pelas ruas. Era muito bom, ninguém machucava ninguém. Hoje em dia não se pode mais fazer isso, não tem mais nada, acabou tudo!

Freqüentava muito a Quinta, um clube que ficava em uma avenida ao lado da rua 18 de novembro, uma casa grande que pertencia à fazenda; e o Alô, um clube do negro Hilton, que realizava festas há vários anos.

Quando morava no interior, fazia muitas amizades, mas sempre gostei de sair e resolver os meus problemas sozinho; não gostava muito de adjunto. Ficava observando.

Penso de acordo como fui criado.

Não saía de casa. Vim ter a liberdade de participar de festas dançantes depois dos 16 anos, quando minha mãe começou a abrir um pouquinho a porta para eu sair.

A CIDADE

A cidade de São Luis era só uma rua, pode-se dizer. Só ia até o Canto da Fabril, o chamado caminho grande. Tudo era no escuro. Isso aqui era mangue, apicum: a maré alta levava tudo. Assim era o mar na terra. A Vila Passos só tinha o nome de passos, pois até carro puxado a burro não podia entrar. Era só água.

Onde é o campo Nhozinho Santos, era um cemitério, chamado de Cemitério dos Passos. A partir de 1950, houve certo desenvolvimento. Aqui tudo era mato. No dia 7 de setembro, durante o governo de Cara de Onça, iniciaram a construção dessa avenida que foi concluída no governo de Sarney.

O BOI DE VILA PASSOS

Comecei a brincar no boi, em 1947, com o senhor Raimundo Emetério, mais conhecido por Misico. Tudo começou assim: Em conversa com uma amiga que fazia parte da brincadeira, eu disse que tinha que ir ao interior fazer um boi, uma promessa para pagar, porque é difícil fazer um boi aqui em São Luís; no interior tenho muito conhecimento e meus amigos. Sei que para fazer um boi no interior é rápido. Não sei o que ela conversou com o velho Misico. Ele mandou me chamar:

- Rapaz, você tem uma promessa. Você vai fazer onde?

- Eu vou fazer no interior

- Por que você não faz aqui? - perguntou ele.

Eu respondi:

- Não, porque o senhor faz o seu boi e eu não vou fazer um boi de promessa aqui e ao mesmo tempo tomar conta da boiada do senhor. Passo esse ano lá, faço o boi de promessa e depois volto.

Mas ele insistiu que não tinha problema e eu fiz aqui com a turma dele. Porém esse boi tem que ser ensaiado e brincar véspera de São João em frente à minha casa. Dia de São João de manhã, depois da última ladainha, às seis horas estará liberado para brincar. Não tem problema. Foi o combinado. O certo é que, em 1955, estava preparado para fazer o boi. Fui dar a resposta a ele. Nós conversamos, mas não tudo o que nós tínhamos para conversar sobre o boi. Disse ainda que concordava em fazer a brincadeira com sua turma. No entanto, ele é que ia tomar conta do boi. Eu somente ia ser brincante, condescendente com todas as despesas, contratos, ensaios. O senhor é quem vai resolver, não vou dar opinião em nada. Em 1956, o fiz, mas esse boi trouxe um problema. Não foi tanto para mim, foi para o velho Misico.

Quando começou o ensaio do boi, o treino, ele chegava à minha casa, entregava a chave do armário, dava o tambor para os brincantes, resolvia o problema do mingau. Eu era somente um brincante! E, como se diz, por trás da cortina,

fornecia o que era preciso, não tinha nada com o setor do boi. Nós treinamos e ensaiamos um pouco.

O ensaio era realizado na minha casa de acordo com o que foi combinado. Entrevéspera de São João, meia-noite, o boi chegou, vindo do povoado de Gurutiu, que nesse tempo pertencia a Guimarães. Houve um transtorno na viagem: o barco ia se perdendo, rasgou o pano. O boi chegou aqui à meia-noite, em outro barco. Nesse período, morava em outra casa porque a avenida ainda não estava aberta.

Quando deram 10 horas, iniciamos a ladainha. Ele chegou e ficou perto da fogueira, como era de costume. Começamos essa brincadeira. O boi brincou a primeira matança. Ele não saiu de perto da fogueira. Fiquei de cabeça quente, não podia conversar com as pessoas. Quando terminou a matança, ele se retirou e foi para perto do tambor. Então cheguei perto dos rapazes e lhes pedi desculpas:

- Vocês não me levem a mal, sei que fizeram a primeira matança sem beber nada, mas não é porque não tem, é porque o encarregado da brincadeira não deu a cachaça. Mas tem cachaça! Não sei o que está acontecendo, só queria me desculpar e a partir de agora vou tomar a direção da brincadeira.

O boi brincou! Disse a ele que ia fazer dois bois, de acordo com o que tínhamos confirmado na promissória. Havia uma armação de um amigo que nós compramos e mandamos fazer um reparo. Depois ele me disse:

- Já mandei a armação para o rapaz.

- Quanto é? - Não, deixe isso que depois nós acertamos.

Quando o boi terminou, ele mandou buscar a armação que me emprestou, porque a outra estava em negócio comigo e com ele. Tinha dinheiro meu e dele. Estava faltando um reajuste para ver quem estava devendo. Não queria mais armação. Para quê? Não ia mais fazer boi, tinha terminado minha promessa, mandei a armação do boi. Já era véspera de São João. Daí para frente não nos entendemos mais.

Fui à casa de Misico saber o que estava acontecendo. Passados uns quatro dias, ele mandou um recado para eu

mandar a outra armação. Conversando com ele a respeito da armação, eu disse:

- Não comprei a armação porque não posso me meter neste assunto. Fiz esse boi de promessa, tinha que pagar compadre. Estou achando que está havendo alguma coisa aí atrapalhando. Não estou entendendo. Você tem que abrir o jogo, tenho que saber o que está acontecendo. Nós não combinamos assim? O negócio mudou muito rápido. O senhor não compareceu como prometeu.

Tive que dizer algo que não deixou de ofendê-lo.

Misico não aguentando a pressão, começou a reclamar. Ficou machucado na brincadeira. Brinquei nesse boi até 1959. Quando me afastei, fui a uma reunião despachar a turma. Disseram:

- Rapaz, mas tu vais deixar o boi, vais brincar com outra turma?

Respondi:

- Não vou brincar em turma nenhuma. Não pretendo fazer e nem tomar conta de boi, de brincadeira nenhuma! Fiz esse boi por dois motivos: primeiro, porque era minha promessa e, segundo, vi o fracasso da turma. Mas se alguém está pensando que quero tomar conta do boi, isso não me interessa. Não tenho condições para ficar com ele.

O certo é que, depois desse desentendimento passei nove anos sem brincar o bumba-meu-boi.

O motivo da zanga ele nunca o disse, mas acho que foi o seguinte: onde convivem mais de duas pessoas, sempre há idéias contrárias, há choque, ainda mais quando uma pessoa se interessa por uma coisa e não pode fazer aquilo que o outro faz. Então fica ali infiltrado para procurar confusão. O velho Misico morreu e eu nunca soube o motivo de sua zanga.

A nossa amizade não terminou, parou!

Nós nos falávamos. Apenas deixei de freqüentar a sua casa. Morreu em 1969, o motivo de sua doença não sei infor-

mar. Falam que foi macumba. Não posso confirmar nada. Sempre que ia visitá-lo começava a chorar. Não gosto de ver ninguém chorando, sou meio covarde. Saía, vinha embora.

A idéia que tenho é que foi intriga. Depois soube que, dentro das festividades, alguém da brincadeira mesmo perguntou a ele qual era o boi que ele tinha me dado. Ele respondeu:

- Eu não dei boi nenhum, tudo o que há é dele. Só tenho uma armação de boi, aquilo tudo é dinheiro dele, meu não tem um centavo a não ser essa armação que emprestei a ele.

Havia pessoas da própria turma que queriam dividir o boi. Foi aí que compreendi que encheram a cabeça dele com conversa. Nunca tive esse pensamento de ficar com o boi. Resultado: o boi veio parar na minha casa. Veja bem como é o negócio!

Muito depois, fui convidado para uma reunião com eles, para ver como ia ficar a brincadeira. Um deles veio aqui e me disse:

- Rapaz, para vocês é muito. Acredito que tem muito material. O material que tinha de sobra não deu para fazer o boi, mas tem os couros que vocês podem desmanchar. Convidaram-me para uma outra reunião. Ao chegar, não quis entrar.

- Entre!

- Não, vou ficar do lado de fora mesmo.

Reuniram-se, desentenderam-se. O certo é que o velho irmão de Misico me chamou:

- Canuto, tu vais tomar conta desse boi. É o único que pode tomar conta para mim.

- Não! Estou há nove anos afastado de tudo. Há essas pessoas, entregue a elas. Chamaram-me várias vezes. Não fui. Entraram pelo ponto mais fraco: chamaram e conversaram com a minha mulher. Ela veio, e eu a tratei mal.

Porém ela disse:

- Te acalma, toma conta desse boi, tu tens boi para fazer.

Respondi:

- Tenho, mas isso não é agora, não sei quando vai ser, não sei nem se vou fazer.

Argumentou:

- Toma conta do boi!

Me falou de corpo aberto. Há dias em que nós não valemos nada. Cai na besteira de aceitar. Já fazem 27 anos.

Na primeira reunião que fiz com eles, no dia 14 de dezembro de 1969, eu disse:

- Rapaz, não tenho condições de fazer um boi como vocês estão acostumados a brincar, uma brincadeira bem organizada.

Aí eles disseram:

- Canuto, faça o boi.

- Está certo, vocês querem que eu faça o boi, então vamos deixar tudo acertado. Não vou enganar vocês. Não tenho arco de pandeiro, tambor de zabumba.

- Mas, então, como vai ser?

- Também não sei! Vocês aceitam se for coberto de couro de chita?

Responderam:

- Nós aceitamos.

No dia da primeira apresentação estava tudo pronto, graças a Deus, e ainda bati recorde. Porque não tinha nada. Prometi dar um boi de chita e na hora aconteceu o contrário. Mandei fazer três couros: um bem ordinário. Brincou a noite toda. Os outros, só coloquei no dia de São João.

Quanto o tambor de crioula, foi um simples fato: toco, admiro muito, mas não sou muito ligado ao tambor de crioula. No encerramento da brincadeira de bumba-meu-boi do Misico, a última noite era com o tambor de crioula. Para não fugir da ética, então continuei no mesmo ritmo. Mas, como não tinha um tambor de crioula, tive que pedi-lo emprestado. No primeiro ano, 1970, eu não tinha tambor de crioula, mas no quarto ano comprei uma parelha, por isso é que tenho.

As pessoas começaram a dizer que era para tocarmos no carnaval.

Respondi:

- É com vocês. O tambor está aí. Não sei tocar tambor, não sei cantar nada. Já toquei muito tambor, mas agora não tenho mais condições de bater.

Tanto que nós fazemos os ensaios porque é preciso. Não gosto de ensaiar boi. Em primeiro lugar porque acho muito enjoado. Em segundo, incomodativo. Não é porque faço que não acho incômodo. Brinquei muito boi, mas não ensaiava: não tinha verba nem paciência.

Gosto mais de fazer os treinos, as reuniões, as palestras. O treino é quando todos nós nos sentamos para conversar sobre o auto. As pessoas cantam as toadas. Não é um ensaio na rua. Um amo canta, nós aprendemos a toada, pegamos um zabumba e um pandeiro só para ouvir o som e levar ao conhecimento da turma as toadas.

O ensaio é somente para dar satisfação ao público. Fazemos, às vezes, quatro ou cinco, no máximo, mas é por causa deles. Por mim, faria três, no máximo. Ao permanecermos no treino, as despesas são poucas, nos desgastamos menos. Aos domingos, quando não temos nada para fazer, vamos treinar boi. Às 19 horas vão embora para suas casas. No dia seguinte, estão dispostos para o trabalho. Nos ensaios perde-se uma noite toda para quê? Para nada. Só para beber cachaça.

Os brincantes da capital que participam da brincadeira são menos interessados do que os do interior. Aqui do bairro são poucas as pessoas que participam da brincadeira. A maioria é de fora. Há pessoas até da Matinha, de Porto Grande, da Vila Embratel, de São Francisco, do Maracanã. Em todos esses bois há brincantes de fora. As pessoas do bairro não valorizam nada. Querem vir quando há festa. Faça uma festa e eles vêm querendo bagunçar.

Os brincantes do interior têm mais amor. Cantam e, quando batem os instrumentos, todos respondem a toada. Hoje, nessas brincadeiras, quando respondem cinco pessoas é muito. O resto fica calado. Se você pedir para um deles cantar uma toada de um determinado amo, não sabem cantar.

Ele ensaia o boi e não as toadas. São desinteressados. Hoje, a maior parte dos brincantes não quer mais preparar suas roupas. Quer que o dono do bumba-meu-boi o faça. Não sei como.

Quando comecei a brincar boi na Vila Passos, eu preparava meu chapéu. Estava trabalhando desde abril; mandava preparar a minha gola. Quando começavam a ensaiar o boi, estava com tudo pronto.

Não se tem mais aquele amor que se tinha outrora, a força de vontade de fazer as coisas.

O couro do boi é confeccionado no interior. Só dou o material. Viajo duas, três vezes por ano para Gurutiu, povoado de Mirinzal. Conheci seu Davi aqui, porque o couro de boi de 1956, foi ele quem bordou para o velho Mísico. Mandamos a passagem e ele veio conversar conosco. Dessa época em diante ficamos nos conhecendo. Quando morreu, o bordado do boi ficou nas mãos de sua neta, Maria Reis. Vou só deixar, levo o desenho pronto, explico como quero, vejo os detalhes, ela anota tudinho, venho embora. Quando não posso ir buscar, mando um portador.

Não gosto de mandar ninguém levar porque quase sempre quem vai nunca explica como eu. Vou por cima. Apesar de ser mais demorado, é mais confortável porque levo uma maleta, a armação. É melhor para descer, até porque desço na pista. Por via marítima tem o transtorno de pegar o ônibus até chegar ao Porto do Itaqui; chegando, tenho que pegar o ferry até Cajupe, carregando tudo. Não dá para mim! Viajo a noite toda e chego cansado, quase morto. É um trabalho cansativo, por isso é que estou para parar.

O desenho sou eu que dou. Eu sou o artista, só não faço é concluir.

Não desenho. Às vezes medito aqui um pouco naquilo que vou querer, faço um borrão e vou conversar com o dese-

nhista; inclusive, o mais antigo morreu. O outro me aborreceu porque lhe dei todo o material e mandei preparar três barras desde o mês de janeiro. Ele preparou duas e ficou enrolando com a outra. Faltando dois dias para a véspera de São João, fui buscar a barra e não estava pronta. Não é possível!

- O senhor não está me devendo, eu não estou lhe devendo. Observe o que o senhor está fazendo.

- Então muito obrigado!

Tirei a barra e trouxe o material.

Por sinal, este ano quem fez o desenho foi um vizinho. Ainda não tenho um desenhista que saiba desenhar como Lola, que desenhou para mim de 1970 até 1986, quando morreu.

Não faço toadas e só canto, às vezes, quando o negócio está pegando. Não sou muito didático. Deixo as pessoas à vontade. Não faço toadas para os outros cantarem; eu mesmo canto, mas não sou nada. Às vezes, quando vejo a brincadeira sem cantores, dou uma força.

Atualmente não só organizo como brinco com chapéu de fita, cazumbá e batuqueiro. Onde tiver uma falha, estou! É por isso que tenho várias roupas, porque, na falta de alguém, eu cubro: do auto à bateria eu sei tudo.

A PROMESSA

Não era uma promessa individual, ia fazer o boi no interior só porque gostava. Prometi ao Santo que ia dar-lhe um boi de promessa por minha livre e espontânea vontade.

Gosto e continuo fazendo. Não tenho promessa para fazer boi, nem faço. Fiz um boi de promessa há muitos anos atrás, ofereci da minha livre e espontânea vontade!

Desde que assumi o boi, é constante a luta. Nós trabalhamos de um ano para o outro em cima da brincadeira, trabalhando com cuidado, com Fé em Deus. Uma pessoa só não tem condição de manter uma brincadeira desse porte, porque é caríssima. Estou para parar. Não agüento mais essa

correria, porém não tem ninguém que tome conta. Para assumir a responsabilidade é muito difícil. Quando tomei conta desse grupo, tomei conta do grupo, não foi do boi, que de lá não veio nada para mim. Tudo o que tenho aqui é meu.

Depois soube que o velho tinha dado ordem para me entregarem todo o material: zabumba, tambor de crioula (duas parselhas). No dia do encerramento da brincadeira de bumba-meu-boi, ele fazia um tambor de crioula.

Em 1970, tínhamos cerca de cinqüenta brincantes. Alguns saíram, muitos morreram. Nos não apresentávamos pelo Departamento de Turismo. Cobrávamos uma insignificância por apresentação.

Hoje, se a pessoa não se levantar cedo, como se diz, não arranja uma apresentação.

Os grupos da capital e do interior somavam vinte e três. Dava para fundarmos uma Federação de vários sotaques. O Boi de Zabumba que tinha aqui em São Luís era Vila Passos, Fé em Deus (do finado Laurentino), Liberdade (Leonardo), Lauro (Ivar Saldanha) e de Newton (Bairro de Fátima). Em seguida apareceu o de Dona Zeca, com o boi de música. Depois que seu marido morreu foi que passou para o boi de zabumba. Sotaque de Orquestra só tinha o de Axixá. Rosário estava encostado, apesar de serem os criadores do sotaque de orquestra, mas nessa época não estava funcionando. Boi de sotaque da Baixada, aqui, tinha o do Zé Apolônio.

Sotaque da ilha, tinha Maioba, Sítio do Apicum. Madre Deus estava parado. O boi de Maracanã não existia nessa época em que nós começamos.

RIVALIDADES

A nossa relação com os outros grupos era assim: Uniamonos e brigávamos. Recordo que, em 1953, o boi da Vila Passos vinha de suas bandas, quando encontramos, no Mon-

te Castelo (Areal), o boi de Lauro (Ivar Saldanha), que ele herdou do Sr. Medônio. Foi uma briga danada na Estação de Bonde. O grupo ainda estava sob o comando do velho Mísico; eu estava presente enquanto brincante.

É rivalidade! Estavam querendo brigar desde as três horas da manhã. Nós estávamos brincando na Madre Deus e eles chegaram e ficaram no início da rua. Para nossa salvação e deles, quando passou o piquete, seu Joca chamou o sargento e mandou debandarem. Saimos e fomos brincar no Diamante, Camboa e na Liberdade, onde pegamos um engana bucho e saímos. Quando chegamos perto da Estação de Bonde, nos pegaram, aí foi bala, pau, faca. Virgem! Saiu gente ferida. Mas graças a Deus que nem do meu grupo e nem do dele mataram ninguém. Isso no interior dava muita confusão.

A rivalidade sempre existiu: era um querendo ser melhor do que o outro. Agora parece que desapareceu mais um pouco, mas como se diz: "Por trás da cortina, ainda existe". Cito um exemplo: O senhor vem e contrata minha brincadeira. O outro chega por trás e me diz para não contratar o boi da Vila Passos porque não presta.

Antes do Parque Folclórico da Vila Palmeira, que foi construído no governo de João Castelo, as brincadeiras se apresentavam no João Paulo, Praça Deodoro. Assentamos a pedra de fundação do Parque Folclórico com o Governador do Estado, demos uma palestra. Havia várias pessoas, inclusive Dona Zelinda, que, nessa ocasião, era presidente da MARATUR.

O PORQUÊ DE DOIS BOIS

Sempre foi só um boi. No ano de 1956 é que coloquei dois bois porque tinha uma outra coisa a fazer. Ah! Só não posso dizer que coisa é essa, porque é um segredo guardado. Faz parte da promessa.

Mas sempre foi um boi. Hoje as pessoas querem colocar quatro, cinco bois, não sei por quê? Deveriam dizer o porquê.

Agora vou dizer o que era: dantes, eles não sabiam fazer o couro para colocar e tirar. O couro tinha que ser pregado em cima do outro. Por exemplo: "tem a cobertura da armação, agora vem o couro vestido que se coloca na própria armação".

Queria apresentar dois modelos iguais numa hora só. Tinha que fazer os dois bois só por isso. Hoje, usam para mostrar que há muito boi, mas não tem nada a ver. Meus colegas disseram que era para colocar dois bois.

- Por que dois bois?

- O boi não está pronto, brincando bonito.

- Não tenho nada com fulano. Ele manda na brincadeira dele, e eu mando na minha.

- Vocês têm que fazer é isso aqui, vocês não fazem questão do boi?

- Dois bois não tem fundamento nenhum. No dia em que tiver e eu botar dois bois vou explicar para vocês por que vou colocar.

- Tu está certo!

- É frescura, não precisa botar dois, três, quatro bois. Boi com couro velho de mais de dez anos não está adiantando, até esculhamba a brincadeira. Conheço muito couro de boi que se apresenta assim. Quero apresentar um, mas um couro novo; este é o meu caso de ter que apresentar um, mas um novo. Não adianta apresentar vários. Para quê? Couro velho para desmoralizar a brincadeira, desmoralizar aquilo que nós estamos fazendo?

É por isso que nunca comprei, nem penso em comprar couros de outras brincadeiras. Só quero os meus exclusivamente. Não acho interessante comprar couro de outro boi. Se estou fazendo boi, tenho que mandar fazer mesmo, esse é o meu ponto de vista. Não tenho condições de comprar, mas, quando compro, quero comprar material novo para mandar fazer.

Tanto que couro do ano anterior às vezes desmancho, faço uma gola. Não vendo, porque sai barato. Prefiro desmanchá-lo. Alguns guardo; tenho couro até de uns seis anos.

que o boi está novinho. Tenho muito cuidado, zelo por eles. Quando chega, coloco ao sol, passo escova, ajeito, cubro. Se encerrei uma brincadeira, coloco os couros ao sol, limpo, empacoto e guardo dentro de uma maleta. De dois em dois meses, abro a maleta e os levo para tomar sol. Quando há necessidade de fazer uma gola para alguém, desmancho o couro do boi e confecciono a gola.

Vamos supor que vendo um couro de boi por 800 reais. Este valor eu pago só para bordar. Dona Maria Reis, em Mirinzal, pede este valor. Aqui, em São Luís, pedem entre 1000 e 1500 reais. Vou vender por 250 reais. Não terei lucro e sim prejuízo!

Agora tem um porquê: esse couro que eles vendem por 250 reais não é do material que uso. Usam mais paetês: no meu boi não se colocam paetês; só canutilhos e miçangas. Estou cansado de ver boi brincando em que só se vêem paetês, de canutilho não há nem 50 gramas. Está bonito, brilhando, mas, olhando de perto, é uma negação.

O sr. Davi dizia:

- Rapaz arrume uns paetês para colocar.

Respondia:

- Senhor, não coloque paetês no meu boi. Eu trouxe canutilho e miçanga.

Ele falou:

- Rapaz, esse homem é enjoado: ele não gosta disso, eu não vou colocar aquilo.

Gasto para pintar uma barra cerca de 200 a 300 reais, e vendo o couro de boi por 200 reais. Estraguei a barra, o couro do boi, tudo! Nada presta, acabo tudo, então eu não vendo. Deixa aí.

As pessoas me perguntam o que vou fazer com todo este material. Deixo aí. Não é do homem, deixe a estragar. Não gastei tanto dinheiro só para fazer a festa dele? O que vou fazer?

Este altar aqui é para colocar as imagens para nós realizarmos as cerimônias da brincadeira.

MORTE DO BOI DE ENCANTADO

Os bois que são feitos em Terreiros de Mina, brincam só no Terreiro e são chamados boi de encantado, porque pertencem a uma entidade espiritual.

No Terreiro de dona Teresa, no bairro de São Cristovão, há oito anos realizo a morte do boi do encantado João Una.

Próximo à antiga COBAL, no bairro do Monte Castelo, há outro terreiro que pertence à filha de dona Benedita, no qual, também faço a matança do boi do encantado João Guarã.

Nesse tipo de morte, às vezes, quem decide como ela vai ser feita é o próprio encantado, portanto, às vezes esbandalhamos o boi, às vezes ele é leiloado ou então é solto. Quem ganha o leilão fica na obrigação de dar o boi do próximo ano.

A diferença que tem nessa morte é que ela é realizada durante uma cerimônia feita pelo terreiro, da qual eu não entendo. Faço apenas o ritual da morte como estou acostumado a fazer no bumba-meu-boi comum.

Existem segredos internos do Terreiro que não são passados para todas as pessoas que participam da cerimônia.

MINHA COMPANHEIRA

Nós nos conhecemos em Porto de Baixo. Ela trabalhava em São Luís. Depois que vim morar aqui, um certo dia, descendo o Caminho da Boiada, ela vinha subindo. Nos encontramos perto da Fabril, que nesse tempo funcionava. Conversamos e, logo em seguida, nos unimos. Tive várias namoradas, porém nunca quis me casar. Por sinal, estive quase noivo por duas vezes. Uma delas era de família muito amiga, mas depois desvaneci. Perguntaram-me o porquê:

- Ah! porque eu estou muito novo ainda, não pretendo me casar, nunca tive vontade de me casar.

Ela gosta da brincadeira, mesmo doente. Quando digo que não vou fazer, ela briga. Estou fazendo isso por causa

dela. Não somos casados. Nunca tivemos filhos. Querer é uma coisa, agora poder ter é outra. O nosso Papai (Deus) não aceitou, o que nós vamos fazer?

Tenho uma filha, mas com outra pessoa. Essa menina tem uns 45 anos, mora em Brasília e também puxou ao pai: não quer casar.

Acho que não nasci mesmo para me casar.

Quando ela estava com saúde, acompanhava a brincadeira, me dava todo incentivo. Se não fosse seu incentivo, não teria assumido esse grupo de bumba-meu-boi.

Trabalhava comigo no boi. Hoje não pode mais. Em 1970, ela foi ao interior resolver alguns problemas para mim. Adoeceu em 1974 e, como se diz, me quebrou um braço. Era um braço forte. Eu chegava, dava as ordens e ficava despreocupado. Agora tenho que resolver tudo, inclusive os problemas dela. É por isso que digo que estou para deixar, porque a idade não é mais de criança. Cuido dela e tenho que cuidar de mim. Desde setembro, quando matei o boi, eu estive doente, e ainda não estou bom. Foi um problema que apareceu aqui no joelho.

Ciúme? Qual a mulher que não tem ciúme? Isso aí nunca deixará de existir, mas acontece que maior é impressão da mulher. A pessoa que faz brincadeira tem que estar de braços abertos, de coração aberto para receber todo mundo.

O dono de brincadeira não pode ficar com a cara feia para receber seus convidados, tem que ficar alegre, brincar, abraçar com delicadeza, boa intenção. Se a mulher for ligar para essas coisas, vai esbandalhar o negócio. Não posso ficar com a cara de sonso, tenho que abrir o jogo, conversar, rir, dar atenção, pois são meus amigos! Mesmo que haja alguma coisa, nós temos que enrolar. Às vezes ela reclamava e eu respondia:

- Mas não foste tu a culpada de eu fazer esse boi? Não queria fazer o boi, agora quer que fique zangado quando as pessoas me procuram. Não tem que ser assim. O quê vou

fazer? Não vou esquecer o meu compromisso. Essas coisas passam, são coisas da vida.

O ALTAR SAGRADO

Sempre deixo uma vela acesa no altar; às vezes quando não tem, é porque não estou em casa.

Minha esposa não mexe em nada do que é meu; tem medo de mexer. Não sabe de nada até hoje. Só eu acendo as velas do altar.

Não faço festa de Divino Espírito Santo, quem faz é uma senhora aqui na minha casa. Ela acompanha nossa brincadeira. Anteriormente fazia o festejo no bairro do Lira, no terceiro mineiro da mãe-de-santo Maria Augusta. Veio a minha e deixou recado que queria falar comigo. Fui até a sua casa. Chegando lá ela disse:

- Seu Canuto, gostaria, se fosse possível, que o senhor me cedesse sua casa para fazer a Festa do Divino Espírito Santo. Não tenho para onde levá-la. Em minha casa não cabe, porque é pequena.

Respondi-lhe:

- Não vou lhe dizer nada agora. Amanhã falo com a senhora, mesmo porque preciso do conselho da patroa.

Com isso, ela já está fazendo a festa há quatro anos. Na festa, usa os símbolos do festejo, como a Coroa, o Divino. Todos ficam no meu altar o tempo todo. O Divino é dela. Os meus são: São João, São Sebastião, São Benedito, Santo Antônio.

No entanto, não faço presépio porque é muito trabalhoso; se minha mulher tivesse boa saúde, facilitaria.

LEVANTAMENTO DO MASTRO

Minha ligação com a Casa das Minas, é porque minha esposa Beatriz faz parte da Casa e através dela, me convoca-

ram para tomar conta da responsabilidade de levantar o mastro do Divino. Todo ano vou a alguns terreiros pela amizade que tenho com as pessoas que são desses terreiros, porque temos que fazer amizade em toda parte.

“Isso é muito bom, porque muitas das vezes a amizade vale mais do que dinheiro. As vezes você tá com o dinheiro no bolso e não consegue o que quer e através da amizade você consegue muita coisa.”

Para servir de mastro, escolhe-se uma árvore com o tronco o mais reto possível. Usamos a paparaúba, que é uma madeira leve, o guarani, árvore de alagado, já é um tipo de madeira mais pesada; e tem outra árvores que são usadas mas no momento não lembro o nome.

Os mastros, em São Luís, geralmente possuem cerca de seis a sete metros de altura, mas os do interior do Estado são bem maiores e mais pesados. De acordo com o tamanho do mastro, dá trabalho para oito ou dez pessoas levantarem-no.

Levantar o mastro é fácil, mas corre muito o risco de machucar alguém, por isso pedimos para as pessoas se afastarem de perto. Temos sempre muito cuidado, porque os maus acontecimentos são sempre por descuido, podendo causar acidentes.

Para levantar o mastro, usamos duas cordas para amarrá-lo na parte de cima e as pontas são colocadas para os lados, distantes umas das outras, para ajudar a aprumá-lo na hora de levantar. São usadas, também, duas tesouras de madeira. Enquanto uma segura o mastro, a outra vai mudando de posição para não deixá-lo cair e se vai aos poucos colocando o pé do mastro dentro de um buraco que tem cerca de um metro de profundidade.

“Já tenho prática sobre a arte, eu posso dizer que é uma arte”

Para derrubar o mastro, usamos novamente as tesouras de madeira para firmá-lo e vamos rendendo, devagar, dominando, segurando com a tesoura até quando nós o pegamos com a mão para arrear.

No interior não. No interior "nego" corta e joga no chão. E esse aí não pode jogar. Aí tem um segredo que eu também não sei dizer. Tem que levantar, arriar e botar nas cadeiras e depois vão cortar. Aí é como se diz: é gestão deles.

Quando a festa do Divino é realizada em maio, o mastro é pintado de azul e branco e batizado com o nome de Manoel da Paciência. Quando é em junho, é pintado de vermelho e branco e se chama João Batista. Batizo o mastro dizendo as seguintes palavras: "Te batizo Manoel da Paciência, com o nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, eu não te dou os Santos Óleos, porque não és cristão".

Levanto também o mastro do Divino de dona Hilda, que faz festa em minha casa. Quando vou à alguma festa e vejo que o levantamento do mastro está fora de rumo, dou umas opiniões por causa da prática que já tenho. Quando entendemos de alguma coisa, temos certeza daquilo que se faz e vemos as pessoas fazendo errado, é bom dar um parecer para ajudar.

Não estudei, mal assino meu nome. A escola era muito distante. De onde eu morava para a Sede eram sete léguas, muito longe. Aprendi só a cartilha de ABC. Nunca aprendi ofício porque quando cheguei a São Luís, já vim encaminhado. Trabalhei, e quando não deu mais certo, saí. Meu objetivo era trabalhar e conferir tempo de serviço; meu caso não era ganhar muito dinheiro. Quando eu trabalhava de carroceiro, ganhava muito dinheiro, mas, para o que eu queria, não estava dando certo. Também gastava muito dinheiro. No fim da semana, estava com o bolso cheio, mas não interessava. O que me interessava era a segurança da minha vida, enquanto vida eu tivesse. Não era só ganhar dinheiro. O principal fator era a segurança.

Fundaram o sindicato dos carroceiros, mas colocaram um presidente safado, foi para o fundo. Me aborreci e saí. Fui para a Estiva, onde trabalhei quase cinco anos encostado, porque não tinha chapa para responder, não era oficializado. Os que eram oficializados respondiam à chapa. Em 1954 me deram uma chapa, passei a ser sócio.

Quando fiz 22 anos como associado, tinha passado uma lei do Presidente da República que dizia que toda pessoa que trabalhasse de uma determinada época para frente, encostado na área portuária, podia requerer a aposentadoria. Mande a documentação e me aposentei logo. Eu não era muito novo, porque já estava com 52 anos. Como sempre gostei de conquistar boas amizades por onde ando, arredondaram para 30 anos. Aposentei-me com 30 anos de trabalho, mas graças a Deus, realizei meu sonho. Me aposentei: era este o meu sonho.

Era uma segurança. Meu sonho era esse. Não deu tempo aprender uma outra profissão porque eu trabalhava noite e dia. Nesse tempo havia muito serviço.

A AUTORIDADE

Aqui na Vila Passos, eles não vão muito comigo porque não aceito o que querem fazer. Uns dois que entraram aqui, eu botei para a rua. Aqui não tem polícia. A polícia sou eu. Quando a polícia chega, o problema já está resolvido. A polícia sou eu porque não coloco policial na minha porta. Se o indivíduo vem para minha festa, ele vem para brincar, não é para arrumar confusão. Sou o dono da casa, eu coloco para a rua. Brincando direito, tudo bem. Agora, se ele vem com mau pensamento, sai logo. Não vou estar incomodando a polícia. Eu mesmo resolvo, não fico naquela de esperar a polícia. Convido-o para sair:

- Rapaz, é o seguinte: você está convidado a sair. Não quer mais participar, o ambiente não dá, não serve.

Se ele sai numa boa, tudo bem, se se alterar, tenho que agarrá-lo e colocá-lo na rua.

Nunca fui de estar batendo em ninguém, nem de desmanchar prazer. Sempre gostei de respeitar os amigos. Já brinquei muito, nunca briguei nessa vida. Para não gostar de mim, só safado. Só pessoas ordinárias que não podem ir à casa de ninguém. Querem dizer palavrão, desrespeitar e eu não faço questão deles participarem. Me dou muito bem com as pessoas de fora, que me respeitam e me ajudam naquilo que é possível.

Na minha ausência, não sei quem vai assumir. Ninguém vai querer, porque não dão conta do recado. Existem vários descendentes de Misico, mas eles não querem assumir. Se quisessem, teriam feito desde o início. Não quiseram. Estavam com tudo nas mãos. Acho até que, quando eu parar, a brincadeira pára.



**Não podíamos passar do galpão para aquele bloco de ruas
considerado centro da cidade: Passeio,
Praia Grande, Rua Grande.**

Lauro

ALAURIANO CAMPOS DE ALMEIDA (LAURO) (1917-1993)

Nessa entrevista, seu Lauro fala das brincadeiras e do trabalho em sua infância. Aos doze anos, mudou-se para o Bairro Roma Velha, onde conheceu o Bumba-meu-boi de seu Caiaré, para onde fugia nas noites de ensaio. Em 1950, começou a brincar no boi do finado Medônio. Em 1957, herdou a brincadeira que continua comandando até hoje. Além do Bumba-meu-boi, colocava, na temporada de São João, outras brincadeiras, como: Baile de Caixa, Baião Cruzado, Tambor de Crioula, Péla Porco e Cacuriá. De São Luís, ele relembra a praia do Caju, a estrada de ferro, o comércio de peixe das mulheres, o mercado grande, o gasômetro, antigas fábricas, o bonde elétrico e a tranquilidade de alguns bairros, como o Apeadouro, Jordoa e Filipinho, dentre outros. Seu Lauro foi ferreiro, serralheiro e mecânico. Como mecânico, viajou por várias cidades do Estado, colocando gasômetro em carros que funcionavam com carvão vegetal.

MINHA INFÂNCIA

Meu nome é Aauriano Campos de Almeida. Nasci no dia 16 de julho de 1917, na Rua da Cruz, 723, entre o Beco Escuro e a Rua de Santana. Minha mãe também nasceu nessa casa. Meu rebanho de Bumba-meu-boi e minha brincadeira estão no meu endereço atual - Rua Heitor de Almeida, 395,

Vila Ivar Saldanha -, mas estou passando uma temporada na Vila Kiola.

Meu pai se chamava Raimundo Nonato de Almeida e minha mãe, Paula Campos de Almeida. Ele nasceu em Guimarães e ela, na Capital. Minha infância, passei na Rua da Cruz até os 10 ou 12 anos. Depois me mudei para Roma Velha, no Areal, hoje bairro Monte Castelo. Quando meu pai morreu, fiquei com a idade de três anos, criado só pela minha mãe que começou a negociar. Tivemos, numa casa própria, frege na Praia Grande e na Fonte das Pedras, lavanderia de roupa e barraca no Mercado Central.

Minha mãe teve 12 filhos, mas só escapamos os dois mais velhos: minha irmã, Alexandrina Almeida de Araújo, e eu. Ela nasceu em 1914, mora no Rio de Janeiro e vive muito bem. Tem um filho médico, diretor do Hospital de Manaus; e outra formada em filosofia, que trabalha no SESC/SENAI, no Rio de Janeiro.

Quando era garoto e me mudei para Roma Velha. A primeira brincadeira que conheci foi Bumba-meu-boi; o proprietário dela se chamava Jacaré. Eu tinha, mais ou menos, 13 ou 14 anos e fugia à noite, de casa, para falar com o pessoal do Boi. Desde garotinho fui chacecado em Bumba-boi. Lembro também que o cabeceira desse boi se chamava "Cabo Leme", que os Pais-Franciscos eram "Jacaré" e "Valentinho", que o vaqueiro era Vicente. Depois desse, nasceu outro Boi no Areal, o de seu "Anóio". Participava dos ensaios, mas não podia brincar nas apresentações da temporada junina, porque não tinha condições de comprar a roupa. Das brincadeiras infantis: bola, papagaio, pião eram minha diversão. Não gostava de carnaval e nunca fui muito amante de futebol.

ESCOLA E TRABALHO

Não lembro o nome do colégio onde estudei até o segundo ano primário, mas sei bem que ficava na Rua de São João, bem defronte à escadaria, que começa na Rua da Barraquinha. Hoje é moradia.

Aos 12, 13 anos, mamãe me colocou para aprender o ofício de ferreiro; depois passei a trabalhar como caldeireiro, que deixei, para ser serralheiro da Companhia Equatorial até 1940. No período da guerra entre 1940-42, aqui não havia gasolina. Em 1942, mais ou menos, fui trabalhar na Garagem Americana como serralheiro. Veio um diretor do Rio, chamado Dr. Jairo de Brito, trazendo uma invenção chamada gasogênio. Com ele veio um mestre. Aperfeiçoei-me nisso e começamos a fazer os tais aparelhos na Garagem Americana. Então fui me enfronhando e passei para mecânica, fazendo reparos em carros. O carro funcionava com carvão vegetal e carvão de cozinha. A maioria dos aparelhos iam para o interior, onde trabalhei colocando-os nos carros.

Depois disso, fiquei trabalhando com o finado Jangadeiro A. da Cruz, na Rua da Palha, como mecânico. Briguei com ele e abri uma oficina na Rua do Passeio; aborreci-me e, em 1956, estive no Rio de Janeiro trabalhando como mecânico; aborreci-me no Rio de Janeiro e vim embora, em janeiro de 1957.

DE PADRINHO A DONO DE BUMBA-MEU-BOI

De 1950 a 1955, o finado Medônio fez esse Boi que hoje é meu. Em 1955 brigou com a esposa, a finada Aurinéia; foi embora e o Boi ficou. Quando Aurinéia soube que eu tinha chegado, foi até minha casa falar comigo para que passasse a ajudá-la. Nesse tempo, eu já estava muito enfronado no Boi, quase dono, de modo que, em 1957, essa brincadeira foi feita por mim que era o seu padrinho.

Fomos matar esse boi num lugar chamado Ceará, que fica em Pinhos, município de Guimarães. Lá, ouvi Aurinéia e Djalma Carabina dizendo que me tinham furtado. Fiquei muito aborrecido e voltei de lá chateado.

Em 1958, eles brigaram com a turma, que começou a desfalecer e, para começar o boi desse ano, os brincantes foram à minha casa pedir para eu participar da primeira reunião. Nessa, houve muita discussão e quiseram saber se eu

tomaria conta do Boi. Como já vinha gastando meu dinheiro há tempo, disse a Aurinéia e a Djalma que iria tomar conta do Boi sozinho.

Ainda calouro, tomando conta da turma pela primeira vez, no dia de São João fomos receber um couro no bairro da Belira, na casa de Juraci. Ao amanhecer o dia, um rapaz me disse:

- O boi de Leonardo está defronte da Fabril.

Mais ou menos às sete horas, eu saí com o boi, batendo, brincando, mas fiquei rendendo, para não encontrar Leonardo que estava de prevenção conosco. Nós nos encontramos em frente ao Departamento de Estradas e Rodagem, então falei ao meu pessoal:

- Olhem, crianças, nós vamos subir aqui, porque tenho uma meia lua para fazer na casa de uma moça.

Quando disse assim, o pessoal se revoltou, dizendo que eu estava com medo de passar a brincadeira pela outra e que, se eu fosse fazer a meia lua, eles largavam a brincadeira. Eu, calouro, com medo, atendi. Viemos subindo, subindo, quando chegamos bem em frente à antiga estação de bonde, onde hoje é o mercado da COBAL, o compadre Bento Cordeiro vinha cantando e resolveu passar uma brincadeira pela outra. Passamos o cordão, passamos o boi; na passagem dos zabumbeiros, o pau comeu. A zoada começou, eram umas oito e trinta; às onze e trinta, ainda estavam batendo. Houve gente com cabeça quebrada... Maurício zabumbeiro foi o primeiro a gritar que era homem, então o furaram abaixo da costela; ainda tive que levá-lo para a policlínica.

No ano seguinte, encontramos Leonardo brincando com sua turma no Matadouro. Meus brincantes estavam decididos a brigar, mas, quando se assanharam, tomei pulso:

- Quem é o mais afoito? Quero saber, pois vou meter a licença do boi no seu bolso; e, daqui para frente, vai tomar conta dele. Isso é para qualquer um dos senhores brincantes.

Todo mundo parou, e não tivemos outra briga.

Em 1955, Leonardo era zabumbeiro de Medônio. Em 1956, brigou com ele e fez seu próprio Boi no Matadouro. Em 1957, quando eu havia chegado do Rio de Janeiro, ele foi à minha casa me propor sociedade, mas não aceitei, pois já tinha dado o sim a Auríncia, mãe de Sarapião.

Leonardo se achava rei; ele se achava não, ele se acha. Está certo, ele tem muitos brincantes graúdos, brincadeira de acordo, mas considerar a sua a melhor das brincadeiras é só superstição. De jeito nenhum o Boi dele é melhor que o meu. Tenho certeza. Leonardo sempre teve essa violência com minha brincadeira, pois nasceu dela. O Boi de Antero, de D. Zeca, também nasceu dessa minha brincadeira. Antero brincou comigo de 1970 a 1973. Em 1974, fez o Boi dele.

Todos esses donos de Boi de zabumba brincavam comigo, mas, por algum aborrecimento ou qualquer divergência na brincadeira, saíam e, assim, nascia a brincadeira deles.

Desses Bois de zabumba, mais velho que o meu só há esse que D. Terezinha toma conta, que era do finado Laurentino, e o que Canuto toma conta, que era do finado Misico.

O meu Boi tem 41 anos. 1950 foi o primeiro ano em que Medônio fez a brincadeira. Durante cinco ou seis anos fui padrinho desse boi, que está em meu poder há 34 anos e nunca trouxe prejuízo porque sempre fui muito bem controlado: pago a radiola, pago tudo. Sou obcecado pela brincadeira de Bumba-boi, mas nunca tive vontade de brincar nem compor toada. Com 75 anos de idade, passo a noite inteira dando bebida para o pessoal, e nunca bebi coisíssima nenhuma. Luto com eles, tenho paciência quando estão bêbados e dou graças a Deus porque todos me atendem demais, mesmo que sejam mais velhos do que eu.

Na época em que fui brincar na Belira e tive essa briga com Leonardo, as brincadeiras de Bumba-boi estavam sendo liberadas para brincarem no Centro da cidade. Antes dessa liberação, nós saíamos andando pelo Caminho da Boiada e

entrávamos na Belira. Brincávamos também na Camboa, que era subúrbio. Não podíamos passar do Galpão para aquele bloco de ruas considerado Centro da cidade: Passeio, Praia Grande, Rua Grande.

O AUTO DO BUMBA-MEU-BOI

O auto do Bumba-meu-boi é uma coisa que varia muito e depende dos cabeceiras e dos pretos-velhos. Cada um faz sua comédia da maneira como quer, podendo até modificar o enredo original: "Pai Francisco tira a língua do boi para satisfazer o desejo da Catirina que está grávida". Vamos dizer que, enquanto o Boi da Maioba usa, em suas comédias, aquele "tira-língua", seguindo a tradição, nas comédias do nosso boi, o enredo varia de acordo com o que chamamos representação ou matança. Temos dois ou três autos todo ano. Ultimamente não acompanho ninguém, mas acho que o único Boi que ainda faz o auto completo é o de zabumba. Na Maioba não há mais nada. É "Lá vai, Chegou, Urrou" e tocam para frente. O Boi de Axixá nunca teve auto; aquela festa é que os incentiva. A única diversão que o Boi da Baixada e de Pindaré têm e querem mostrar é o cazumbá, com aquela sineta e aquele cofo. No nosso Boi de zabumba, temos representações de auto ou de comédias, como neste ano em que tivemos três: Aurino fez uma, Pereira fez outra e Quinho, outra. Eles são os cabeceiras, os mandões do Boi. A de Aurino era uma vendedora que chegava à roça, vendendo doces. Não demorava muito, o marido vinha atrás dela. Quando chegava, ela estava querendo namorar o vaqueiro, e brigavam logo. Nessa briga, levavam o boi. A outra era de Antônio que vinha pedir para fazer um Tambor de Crioula. No meio do Tambor, outro barulhão imenso para poderem roubar o boi. Na comédia de Pereira, havia um vampiro, que chegava sendo super-homem; nesse negócio de super-homem, começava a se exhibir demais e terminava brigando. Nessa briga, também levavam o boi.

Usamos a criatividade e mudamos um pouco as histórias. Um quer a língua, outro quer outra coisa, mas o boi é sempre

roubado. As personagens continuam as mesmas. Continuamos a ter o vaqueiro, a Catirina, um, dois, três, quatro pretos-velhos, zabumbeiros, pandeireiros, puxadores de tamborona. Fazemos como o cantor de reggae: ele canta um reggae hoje, amanhã canta outro, depois de amanhã canta outro; é muito melhor do que cantar só aquilo, para ficar no original. O circo foi mudando. É a evolução e nós também estamos procurando evoluir para mostrar ao povo uma coisa melhor. É hora de nós irmos mudando a maneira de fazer comédia para não chegarmos ao ponto de ficar enjoativo.

As toadas têm que mudar de ano para ano. Não temos o direito de cantar a toada deste ano no outro ano. Tem que ser tudo novo. É como couro de boi: não me lembro de brincar dois anos com o mesmo couro. Aproveitamos as cangalhas, mas os couros são mudados. Cada couro tem um padrinho.

DIFICULDADES DE UMA BRINCADEIRA

Hoje em dia, para o sujeito fazer um Bumba-meu-boi, é preciso ter capital. Se não tiver não o faz porque as despesas são enormes! Com o Boi de zabumba, que tem valor, é original, ninguém quer assumir compromisso. A primeira brincadeira que foi brincada está sendo a última. Estão largando-a de lado.

Há três anos que luto para fazer um disco, ninguém dá valor. No entanto, foram chamados ao programa de José Raimundo: Chiador e Humberto do Maracanã para tratarem dos discos para o ano que vem. O meu, peço a um, peço a outro...Deus queira que saia neste ano. José Raimundo bate muito contra o Boi de zabumba. Quando reclamamos, ele diz:

- Divulgo muito o Boi de orquestra e esses outros Bois, porque todos eles têm discos e patrocínio.

O que me admira é que ele nasceu em Pinheiro, onde existe o Boi de zabumba, região que não tem nada com o Boi de orquestra, nada com o Boi de matraca. Não tenho disco, mas tenho duas toadas no disco Raizes. Tenho aquela "VOCÊ

Ê CARINHOSA MAS Ê FALSA” e quando alguém pede para tocar, ele corta na metade.

Tenho para mim que o Boi de zabumba não é do coração do povo, pois nós, os proprietários e o próprio brincante, não aceitamos que brinquem à paisana na roda.

No Boi de orquestra, de Axixá, as pessoas chegam, pulam, brincam, saltam e dançam. No Boi de matraca, ninguém sabe nem quem é componente ou quem deixa de ser. As pessoas chegam com os tamancos e estão no Boi. Está certo, que um paisano fique de lado, mas, às vezes, ele vem bêbado, no momento da apresentação da comédia, perturbar, atrapalhar. Então eu digo: se não tiver quem incentive, dê força, o Bumba-boi de zabumba vai desaparecer, podem ficar tranqüilos, despreocupados.

Um Boi de orquestra cobrava, na temporada de São João, 500, 600, 700, um milhão de cruzeiros; eu cobrava 200 pelo Boi de zabumba, e ninguém queria. Quem me ajudou bastante foi a MARATUR, que andou me dando diversas apresentações em parques. Ultimamente os zabumbas que ainda têm representação são: o Leonardo, o meu, o de D. Zeca, o de D. Terezinha, o de Antero, o de Mundiquinho e de Canuto, este era um dos maiores Bois de antigamente, mas, depois que ele tomou conta, a brincadeira vem caindo devido à grosseria dele com os brincantes. Hoje em dia nem filho vai tolerar pai, calcule brincar com o Sr. Canuto e receber uma grosseria... ninguém volta mais lá. Dos menores, há, seguramente, uma base de 10 a 12 que ainda hoje brincam. Desse jeito, o Boi de zabumba devia ter uma oportunidade, mais força, senão vai desaparecer. Os arraiais não querem pagar as apresentações aos grupos, mas não há um arraial desses que não corra para a MARATUR ou SECMA e os Órgãos Públicos têm que pagar.

VIAGENS COM O BUMBA-MEU-BOI

Em 1973, fui ao Rio de Janeiro com João Cância. Ele com o Boi e eu com a exposição para a Feira da Providência. Em

1974, levei entre 46 e 48 brincantes do Boi, a festa do Divino Espírito Santo e o Tambor de Crioula. Passamos quatro a cinco dias e gravamos o disco que China canta. Em 1991, voltei ao Rio de Janeiro com 14 pessoas, através de José Raimundo. Outra viagem que Leonardo e eu fizemos com o boi, ele com 20 brincantes e eu com 20, foi para Pernambuco, no governo do Dr. Antônio Dino, para a inauguração de uma Rádio. Fomos para a Televisão, brincamos no Quartel da Cavalaria, na casa do comandante e numa feira. Com essas brincadeiras, tenho andado muito. Com o Cacuriá, fui a Fortaleza.

OUTRAS BRINCADEIRAS

No tempo da minha outra mulher, fiz muitas brincadeiras. Morei com ela 26 anos, mas não casamos. Tivemos uma menina, que nasceu deficiente, com problema no coração, e levamos nossa filha para ser operada em São Paulo. Trinta e seis horas depois de operada ela morreu. Tivemos também um rapazinho, que está vivo e se chama Ubirajara.

Este ano estou brincando com o Baile de Caixa, Baião Cruzado, Tambor de Crioula e Bumba-boi. Houve ano em que, pelo São João, eu saí com Bumba-boi de Cururupu, Bumba-boi de zabumba, Quadrilha, Pêla -Porco e com o Cacuriá, que eu trouxe para São Luís do Maranhão em 1972. Brinquei seguramente uns 15 anos com o Cacuriá, mas me aborreci, porque o LABORARTE copiou, através de D. Tetê, minha caixeira, que vinha configurando comigo, fazia quatro ou cinco anos. Ela começou a ensaiar nos colégios essa depravação que ela faz, através do LABORARTE, mas o Cacuriá é uma festa séria, uma brincadeira religiosa do Divino Espírito Santo. Na terça-feira, após a derrubada do mastro, o Imperador, a Imperatriz, o Mordomo Régio, as Caixeiras faziam o Carimbó-Achulado ou Cacuriá, que eu trouxe de um lugar chamado Baiacu, interior Guimarães. Não é aquilo que D. Tetê faz.

O Baião Cruzado, eu o trouxe de Cururupu. Fui a uma festa na casa de seu Rubem, um pajé, um curador muito

falado. Eu já tinha escutado umas curas do finado Biná e vinha pensando: "vou fazer uma brincadeira disso aí". Levei gravador, fita e gravei a festa. Ele me disse:

- Seu Lauro, fazer isso é um pouco perigoso, pois, se o senhor estiver com essa brincadeira em cima de um palanque e uma médium fraca atuar, como é que o senhor vai resolver o problema?

Depois ele disse:

- Vou lhe fazer um remédio muito simples e fácil para que evite esta parte: os brincantes devem usar uma cabeça de alho macho.

Então, há cinco anos nasceu o baião cruzado, que não é nada mais nada menos que uma cura. Ele não tem toada, é doutrinado do começo ao fim.

Faço a brincadeira, mas tenho a colaboração do senhor Aurino, meu cabeceira, que é chefe de terreiro e não vai deixar que eu passe vergonha em cima do palco. Mas aconteceu de a gente estar brincando e assistente atuar, de modo que até hoje ninguém se meteu comigo na parte do baião; nem o Boi Barrica, que toma conta de tudo. Acho que têm medo do negócio.

Os componentes do Baião Cruzado são: um cantor que faz as doutrinas dele; casais que dançam: 10, 15, 20, 30, 40 pares, (ultimamente tenho quinze); três tambozeiros; uma cabáça; um puxador que canta; três abatazeiros. Eles dançam, caindo para um lado e para o outro, balançando, para um lado e para o outro, fazem cordão e cruzam. Há um cordão de homens e outro de mulheres, o cantador sai cantando, cruzando, até chegar aos dois cabeceiras. E mina, é todo em doutrina de cura. Não sai daí do começo ao fim. Esse ano, as mulheres estão vestidas de saia, blusa e um torço amarrado na cabeça. Os homens, vestidos de calção e nus da cintura para cima, usam um torço na cabeça e um rosário cruzado. A saia delas e o calção deles são vermelhos. No final do Baião, apresento um Boizinho: são quatro ou cinco músicas de Bumba-boi que cantamos com três meninas brincando de vaqueiro. Essa brincadeira, vou continuá-la.

CANTO I

"Papai me chama,
Mamãezinha o que será,
Eu tava na pedreira,
No banquinho de lavar,
Ele mandou que eu viesse trabalhar"

CANTO II

"Vaqueiro cadê meu boi,
ele não urrou (2 vezes)
Ele vai subindo a ladeira,
vaqueiro vê se ele tá lá no bebedô (2 vezes)

Boi de zabumba não tem nada a ver com cura, mas não deixamos de botar alguma simpatia com a intenção de tudo dar certo e nos defendermos da maldade dos que querem piorar a nossa brincadeira, para melhorar a sua.

Tudo é a fé!

No ano passado, fiz o Baile de Caixas, porque eu queria voltar ao Carimbó e ao Chorado, que eram do Maranhão e hoje estão em Belém do Pará.

Quando garoto, com oito ou dez anos, brincava-se Carimbó e Chorado na porta da Igreja de São José de Ribamar. Os padres ficavam danados, até fechavam a porta da igreja.

Brincavam: Etelvina, Igato, Benedino, Remedinho e Nega Flor, que era uma nega dessa grossura assim. Mas nunca vi alguém tão mole para dançar: as pessoas botavam qualquer cédula no chão e ela juntava com a boca, dançando. Etelvina também fazia isso, mas foi embora para o Rio de Janeiro, e os outros, foram morrendo. Aquilo era uma tradição: uma brincadeira com tambor, tamborim, cavaquinho, todo mundo dançava. Hoje em dia nós não temos uma pessoa que incentive, Belém do Pará teve quem incentivasse e tomou conta.

No ano que vem não vou fazer mais porque o pessoal não ajuda. Mas fiz o Baile de Caixa da seguinte forma: um cantor, duas caixas, 10 mulheres dançando com uma bandeira, então convido o público para brincar. Fiz duas apresentações de que gostei: no primeiro ano, foi no Largo de Santo Antônio e deu muita gente na roda porque o pessoal do LABORARTE ajudou. No CEPRAMA, Moraes estava lá e trazia a garota na marra, cantava, dançava. O objetivo dessas apresentações era ensinar o povo a brincar o Carimbó. O traje do Baile de Caixa: saia grená e blusa azulada.

Fiz Quadrilha, na Vila Ivar Saldanha, durante três ou quatro anos. Essa minha Quadrilha era muito diferente das outras. Não tinha esses casamentos imorais que se vêem ultimamente, mas era uma coisa fora do comum, como o desquite de Filomena de Ludgero.

Acabei com a Quadrilha, na véspera de São João, no Centro do finado José Cupertino, que era vereador e dono de terreiro. Nesse tempo, o finado João Carlos, mestre da banda de música da Escola Técnica, arrumou-me uns rapazinhos para tocar e fizemos um contrato da seguinte forma: 20 cruzeiros pelas apresentações.

Bem, saí com o Boi e mandei Filomena sair com a Quadrilha. Quando cheguei à casa de José Cupertino, umas duas ou três horas da madrugada encontrei-a quase chorando porque eles queriam 50 cruzeiros. Quer saber? " Podem ir embora. Está aqui o dinheiro de vocês, a quadrilha terminou."

A Filomena saía com o Boi de Cururupu e eu, com o Boi de Zabumba. Às vezes saíamos às oito horas da noite para nos encontrarmos às sete ou oito horas do dia seguinte. Ela chegando com o dela de Cururupu, eu, com o meu de Zabumba. Ela sempre gostou do boi de Cururupu, era completamente obcecada pelo Boi, que é batido na costa da mão. O Boi de Cururupu bem batidinho é bonito, aprecio demais. É semelhante ao ritmo do Boi de Pindaré, também chamado pandeiro de mão. O Boi de Apolônio é de pandeirão; matraca já é outro ritmo.

O ritmo do Boi de zabumba difere nos batuques: Leonardo é um timbre, Antero é outro, o meu é diferente dos dois, o de D. Zeca é mais acelerado. O Boi de Canuto tem aquele batido descansado, o de Leonardo é mais rápido um pouquinho. O único batido que tem semelhança com o meu é o de Antero, porque ele brincou junto comigo. Conheço o batuque de cada um.

No primeiro ano em que saímos com a Escola de Samba, chamada de Baralho do Samba, tiramos o terceiro lugar, e nesse ficamos três anos. No quarto ano nos apresentamos no viaduto que fica perto da estação de bonde. Dona Rosa Mochel, que era do júri, quase me joga no segundo grupo: de terceiro lugar fui para o sétimo, então fui perdendo o gosto, porque essa brincadeira me deu prejuízo. Tinha comprado a casa da Vila Ivar Saldanha e a MARATUR mandou-me fazer um barracão ao lado. Tenho um contrato assinado para tomar conta daquele barracão que é da MARATUR. Naquele tempo, tinha 60 mil cruzeiros guardados na minha casa e quando se aproximou o carnaval, comecei:

- Vamos, vamos, vamos, mas eu não vou mexer no meu dinheiro.

Resultado: havia tirado todo o dinheiro da Caixa Econômica para jogar na Escola de Samba e me deram o quarto lugar. Minha casa estava caindo em cima de mim, toda escorada, a cumeeira quebrada. Então me mudei para o barracão, mandei botar a casa abaixo e fui trabalhar. Lembro muito bem: um amigo me emprestou 70 mil cruzeiros. Ele disse:

- Ah! Lauro, 70 mil cruzeiros assim duma vez eu não te empresto, mas, aos poucos vou te emprestando.

Na primeira vez, comprei pedra, barro, cimento e mandei botar a casa na linha. Depois, comprei tijolo, ferro e mandei levantar a casa. Comprei madeira, telha e cobri a casa. Depois de cinco anos, paguei. Houve um tempo em que cada Estado do Brasil tinha de ir a Brasília levantar a bandeira, levando uma brincadeira folclórica.

D. Zelinda disse que não queriam Bumba-boi e levariam a Festa do Divino Espírito Santo de Alcântara. Foram para Alcântara assistir à festa, mas não gostaram da roupa; foram à Casa das Minas, não gostaram; foram à Casa de Nagô, não gostaram também; foram à minha casa; nesse tempo eu estava morando em um barracão, defronte à antiga rodoviária e a roupa da festa ainda estava comigo. Ela aprovou, e nós fomos para Brasília com a Festa do Divino Espírito Santo, representar o Maranhão. Quando chegamos, disseram que a festa era a mesma de Alcântara. Fiquei chateado, pois a coroa de prata, muito bonita, foi a única coisa que levei de Alcântara.

Tenho meu Tambor de Crioula com 12 mulheres dançando. Não é porque sou o dono da brincadeira, mas gosto de tudo bonito, bem acabado. Para brincar com essas brincadeiras todas, no período junino, vou dividindo em bloco: cada dia brinco com um, até o dia 23; daí em diante, apresentar uma brincadeira dessas, o Baile de Caixa, o Baião Cruzado ou Tambor de Crioula, tem que ser no período da tarde, pois à noite brinco com o Bumba-meu-boi. Faz oito anos que, todo dia 27, vou para o município de Bequimão, levando as quatro brincadeiras. Mas não fui no ano passado e, este ano, tornei a não ir. Estava com bagagem arrumada, tudo pronto. Na véspera da viagem, mandaram me despachar. Fiquei fracassado com a falta de apresentação, pois véspera de São Pedro e São João são os melhores dias, nem faço contrato aqui.

O Péla-Porco foi uma brincadeira que me aborreci de fazer devido à falta de músicos. Outro problema para fazer certas brincadeiras é depender de músicos. Poucas pessoas sabem tocar e cantar o Lelê em São Luís, então tinha que ir a Rosário ou São Simão buscar mandão e cantadores. É tipo quadrilha: tem mandão que vai mandando dançar e, de acordo com o que ele canta, os músicos tocam. Mas, devido às dificuldades, só fiz dois anos a dança do Péla-Porco.

SÃO LUÍS ANTIGAMENTE

Muita coisa está diferente, não temos mais a praia do Caju, que, ficava adiante da estrada de ferro, em frente ao mercado de peixe onde hoje em dia, existe aquela praça com pirâmide, ao lado da casa do deputado Jaime Santana. Quem vendia peixe naquele tempo eram minha avó Bernarda, finada Felícia e Dona Águida. Só mulheres. Os homens recebiam o peixe na praia, botavam-no no ombro e o levavam ao mercado para elas. Pela manhã, vendiam no Mercado Grande, na descida da Avenida Magalhães de Almeida, perto da antiga COMAVE, bem defronte à farmácia do IPEM. Nós morávamos na Rua da Cruz e eu descia o Beco Escuro para ir ao Mercado Grande fazer compras. Esse Mercado Grande, ainda o conheci funcionando como GASÔMETRO, onde produziam gás para iluminar a cidade.

Quando davam seis horas, saíam do GASÔMETRO, turmas de homens com uma escada na mão e umas caixas de fósforos, chegavam ao lampião, que era quadrado e tinha um bico, suspendiam a tampa, abriam a torneira, riscavam um fósforo e acendiam. Era essa a iluminação da Capital. Na hora de apagar, eles fechavam a chave geral, e a cidade toda apagava. A iluminação ficava até, mais ou menos, umas 10, 11 horas da noite.

O BONDE E OUTRAS LEMBRANÇAS

Antes do bonde elétrico, havia um bonde puxado por cinco burros, que fazia o trecho do Largo do Carmo ao Anil, pela rua Grande. O bonde elétrico foi inaugurado em 1924. Lembro que, naquele dia, a família completa ia para a inauguração passear de bonde. Vovó mandou-me ir à quitanda comprar não sei o quê. Quando voltei e todos já estavam prontos, ela me agarrou, deu-me uma pisa que não foi desse mundo, prendeu minha roupa nova e disse:

- Tu não vais mais.

Então, fiquei de castigo na janela da casa onde morávamos, que ficava no Bairro do Apeadouro, olhando, vendo todo mundo passar no bonde. O bonde ia da cidade até o Anil dividido em quatro seções. A passagem custava um tostão. Havia um que ia do largo do Carmo até a estação de bonde, no Bairro da Jordoa, próximo à SUDENVESTE. Essas duas seções eram 200 réis; outra, que ia até o Outeiro da Cruz, antes do Bairro Filipinho, era três tostões; daí ao Anil era outro tostão e assim, esse trajeto completava um cruzeiro.

O Bonde de segunda era chamado Cara Dura, porque, nele, andavam pessoas descalças, de chinelo, ele vinha a reboque, atrás do bonde de luxo que tinha uma frente grande e a passagem custava 800 réis; as seções custavam 200 réis.

Outra lembrança são as quatro fábricas de fósforos no Maranhão. Uma delas ficava no Outeiro da Cruz, bairro onde está localizada a SOUZA CRUZ, ao lado, da casa onde há umas bandeiras, parece que é de Nagib. No fundo dessa casa, era a fábrica de fósforos. Quando comecei a aprender ofício, desmontamos a fábrica construída com "gomos de cristal" e colunas de ferro, serviço bonito, bem acabado. No lugar dessa fábrica, construíram um galpão para feira. Hoje há uma caixa d'água no local. Esse material foi todo doado a João Durval, empreiteiro para quem eu trabalhava. Mas, como a Prefeitura ou o Estado não tiveram dinheiro para pagar a empreitada, ele ficou com toda a estrutura de ferro e começou a vender as chapas. Não sei se esse material era Português ou Inglês, só sei que era coisa de fora.

AS FONTES

Quando nós moramos na Rua da Cruz, a Capital não tinha água encanada, então pegava minhas latas e levava água para casa. As pessoas que moravam naquele setor - Rua de São Pantaleão, Rua da Estrela - abasteciam-se na

Fonte das Pedras. Quando começaram a meter água encanada na cidade, as pessoas foram deixando de carregar água da fonte.

Nessa ocasião, o dono da fábrica Santa Amélia cercou a fonte que ficava no fundo da fábrica, como se ela fosse extensão da fábrica. Mas, o prefeito, Dr. Haroldo Tavares, botou questão e devolveu a Fonte das Pedras à população.

Em São Luís havia três fontes: Fonte do Ribeirão, Fonte das Pedras e Fonte do Bispo. Esta última, ficava numa praia onde muitos pescadores encostavam e saltavam quando vinham da pescaria. A água ficava escorrendo todo o tempo, pois não existiam as biqueiras. Então foram sendo construídas casas e a Fonte do Bispo desapareceu.

A CIDADE

O Tesouro (repartição pública), que fica na Praia Grande, não tinha dois pavimentos; era só aquele galpão grande construído em cima de um estrado de madeira dentro d'água, tipo um jirau. A maré chegava, entrava, lavava ali embaixo. As alvarengas traziam a carga que recebíamos via marítima e descarregavam no Tesouro todo o material que vinha de fora.

O Pronto Socorro, eu o conheci na Rua Jacinto Maia, uma rua antes do Quartel da Cavalaria, antigo Convento das Mercês, hoje Memorial José Sarney. Na Rua da Estrela, assim para o fundo, era o Banco do Brasil. Perto do Palácio do Governo ficava a Companhia da Bolsa, uma firma inglesa, Loyd-Brasileiro, que tomava conta de negócios das alvarengas. A Delegacia de Polícia era bem defronte à Igreja de São João, no prédio que fica defronte à Faculdade de Farmácia, onde funcionava a Maçonaria. A Escola Técnica, chamada Educando, ensinava ofício e ficava na entrada do Diamante; o Liceu era na Rua Jacinto Maia, naquele prédio que fica bem perto do canto da Rua Direita; depois mudou-se para o prédio onde funcionou o Tribunal de Justiça, no tempo em que Barbosa foi julgado porque matou um americano que trabalhava na

ULLEN. O pai de Barbosa trabalhava na ULLEN, hoje a Companhia de Energética do Maranhão-CEMAR. Ele também trabalhava nessa empresa desde garoto, e esse americano, que veio ser o diretor, cismou, demitindo os dois. Ele foi em casa, pegou o revólver, botou-a na cintura e mandou chamar o americano para se entenderem. Vendo que era Barbosa, o americano disse que não tinha conversa nenhuma; então Barbosa atirou nele pelas costas. Os próprios companheiros de trabalho deram direito a esse rapaz, que foi absolvido. Eram onze para meia-noite, as pessoas trouxeram Barbosa e o advogado carregados até a casa na rua da Fonte das Pedras. Era gente que não era brincadeira!

VIDA BOÊMIA

Como não existia esse negócio de ser assaltado, nós andávamos mesmo no escuro. Tinha policiamento da cavalaria na rua todo o tempo. As pessoas saíam para brincar, porque tinham maior garantia, não havia esse banditismo que existe hoje.

Quando peguei meus 17, 18 anos, briguei em casa e fui embora. Cansei de vir dançar na Roma Velha, no Apeadouro, na Beira-Mar, no Areal, até mesmo no Anil. Quando a festa terminava, às duas horas da madrugada, saía e ia embora sozinho. Ao chegar ao Centro, subia a Rua Grande e dobrava para entrar na Rua de São Pantaleão. Às vezes vinha subindo pela rua, quando encontrava o piquete:

- Ei, onde você vai?
- Eu vou para casa.
- Onde tu moras?
- Eu moro abaixo da Igreja de São Pantaleão.
- Documento. Leva, leva ele até lá mais em cima.

Davam passagem. Eu ia na frente, o cavalo atrás: tá, tá, tá. Dizem que na Igreja aparecia muita visagem, pois em frente ficava o cemitério dos ingleses, mas cansei de passar na Igreja de São Pantaleão, a uma ou às duas horas da madrugada e nunca vi nada. Só ouvia contar muita lenda de Ana Jansen.

OUTRAS HISTÓRIAS

Na Rua Paulo Frontin havia muitas mangueiras e alma penada. Ouvia-se um apito e o pessoal dizia que era de um guarda que dava serviço ali. Não sei por que, um dia ele brigou com a mulher e enforcou-se numa mangueira. Desde então, ficava fazendo a penitência dele. Muita gente cansou de vê-lo. Nunca o vi, apenas escutava o apito, e nem sei se era dos outros guardas que estavam de serviço e apitavam. No fundo, eu sinto saudade. O que eu vi uma vez, um dia de manhã, na travessia embaixo da mangueira perto do Areal, foi um buraco enorme. Quando cheguei, havia muita gente no local onde um sujeito tinha desenterrado um monte de dinheiro. Aqui, no Maranhão, muita gente achou dinheiro enterrado.

No Outeiro da Cruz, desenterraram-se muitas jóias, cordões bonitos, ouro, muitas coisas daqueles padres jesuitas, que enterraram tudo para guardar, com medo de perder. Mas muitos deles enterraram as coisas e nunca as desenterraram. Dizem que a pessoa sonhava com alguém dizendo o lugar onde o dinheiro estava enterrado.

Uma vez quiseram dar um dinheiro a tia Sena que morava no outro lado do Anjo da Guarda. Ela sonhava, mas nunca teve coragem de tirar. Acho que tiraram.

No Monte Castelo, não existia muro separando a cidade. Havia um sítio no lugar que hoje chamam "psicopata". Aquilo ali era um sítio. Na entrada do portão, havia duas cabeças de leão. É como o Colégio Marista, que era a Quinta do Barão e ia da Rua Grande até a maré, atrás da antiga fábrica de tecidos Santa Isabel, onde hoje existe o Corpo de Bombeiros. Ali os barcos encostavam para deixar mangue na fábrica.

AS FÁBRICAS E O COMÉRCIO

Existiam fábricas de tecidos do Rio Anil; do Centro: Santa Amélia, Cânhamo e São Luís; a Camboa; do Apicum (hoje rua Senador João Pedro): Santa Isabel. A única que tecia

tecido mais fino era a do Rio Anil, que fazia paninho. As outras trabalhavam com riscado e estopa.

Havia a "FALCAR", uma fábrica de cigarros da marca Real. Era chamada Real. Hoje em dia é o Departamento de Estradas e Rodagens, mas aquele prédio foi feito para fazer cigarro.

Vendiam cachaça perto da Fábrica Cânhamo, mas o comércio era pequeno. Não tínhamos cerveja, vinha do Rio e de São Paulo; uma caixa vinha com 48 garrafas, todas metidas dentro de uma embalagem forrada de palha para não se quebrarem. Nessa época, bebia-se muita cachaça da pura, pura, pura.

SAUDADE

Às vezes estou aqui sentado, coloco minha radiola para tocar música do passado e começo a lembrar. Gosto muito de música do passado, de seresta, de música brasileira... Se eu fosse alguma autoridade, por exemplo como Presidente da República, obrigaria o brasileiro a voltar ao que era dele, largar reggae, fox, todos os outros ritmos de fora. Hoje em dia, o que é que a Bahia está fazendo? Duvido que na Bahia se toque isso ou aquilo. Não, ela está tocando o que é dela e tem projeção. Uma prova são os conjuntos que vi outro dia, tocando só música da Bahia. Então, eu queria que aparecesse um governo que valorizasse o que é nosso e está abandonado. Se não fosse D. Alcione, que ainda faz alguma coisa pelo samba, Martinho da Vila... Mas são poucos. Até Alcione está passando para o negócio de reggae, essa música da Jamaica.

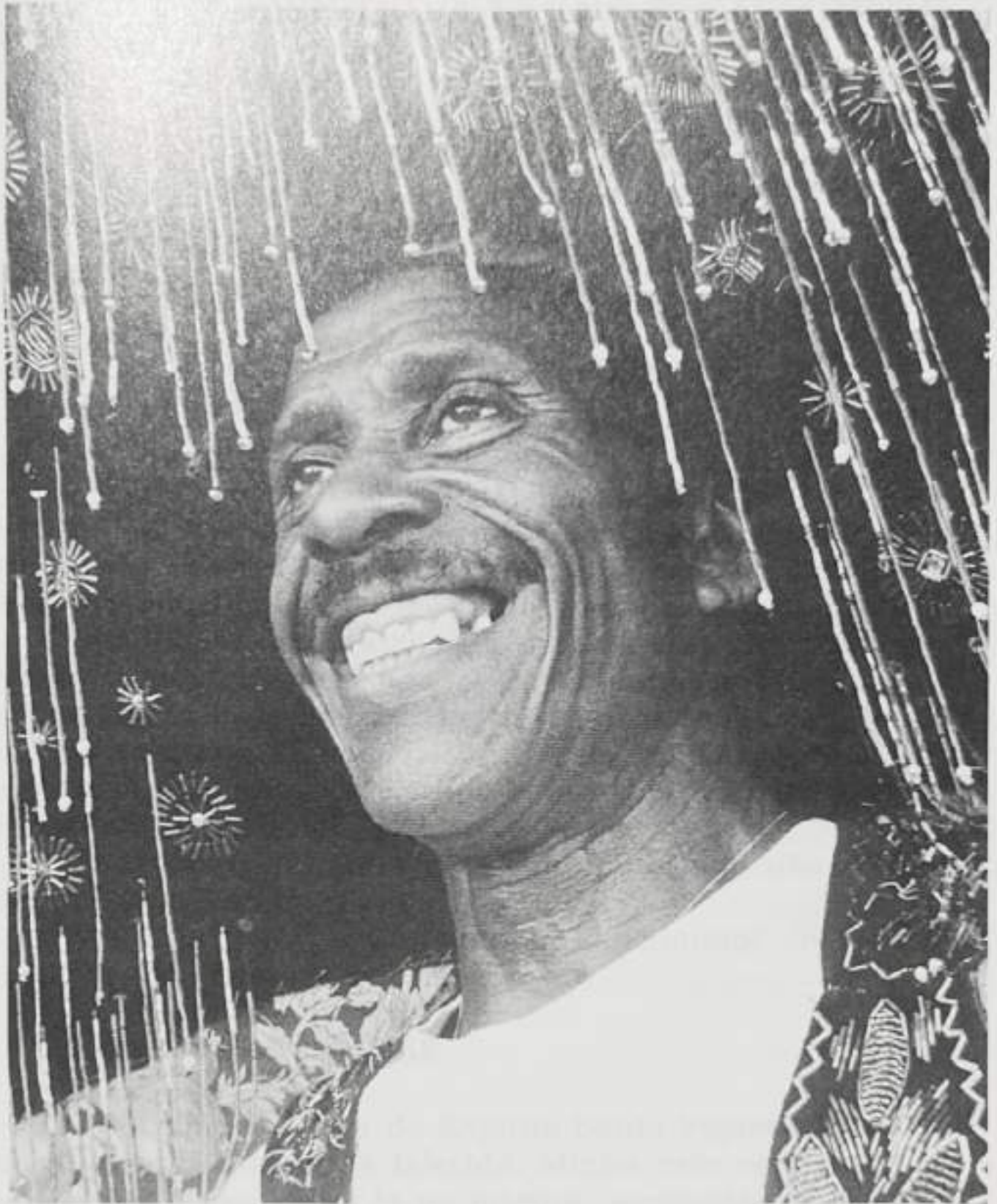
Um samba bem tocado é bonito. E nós temos muita coisa para explorar, e coisa boa! Hoje em dia, em um clube super lotado, tocando reggae, isso aquilo outro, se se botar um samba, ninguém sabe; se se botar uma valsa, ninguém sabe; se se botar um fox, ninguém sabe.

No meu tempo, duvido que um homem dançasse com outro. Um homem dançar com outro, está doido! A mulher podia ser feia, mas eu queria saber que era uma mulher. Hoje em dia, o maior prazer dos machos é se atracarem.

Nessa parte, sinto muita saudade de antigamente, pois existia respeito. Os filhos respeitavam os pais.

Mas não foi nada mais nada menos do que a televisão que ensinou muita coisa às crianças que olhavam e faziam a mesma coisa. Vejo, na televisão, criança dar cada resposta a pai, influenciando outras crianças...

Esse negócio de assalto, foi a televisão que escandalizou. Apresentaram domingo passado a estória do arrastão no Rio de Janeiro; quando foi sábado, fizeram-no aqui no Maranhão também. Se não fosse a televisão? Se não tivessem visto aquilo? Escuto todo dia o programa Bandeira Dois. Ontem pegaram 16 bandidos de uma vez. Só dois eram maiores. Ontem, na Rua de Santana, havia 16 ou 18 fazendo arrastão. Foi preciso a polícia chegar com a patrulha. As lojas, os supermercados - coitados -, vão sofrer demais. Tudo isso é o quê? Televisão.



Quando uma brincadeira é lançada, o sotaque foge um pouquinho do original; embora procure semelhança, cada aprendiz tem uma maneira de bater.

Zé Olhinho

JOSÉ DE JESUS FIGUEIREDO (1944)

José de Jesus Figueiredo, conhecido como "Zé Olhinho". Nesta entrevista, fala da família, descreve aspectos de São Luís na década de 60, conta sua história no Boi de Pindaré e como fundou o Boi Unidos de Santa Fé.

NOME E APELIDO

Meu nome completo é José de Jesus Figueiredo, mas todo mundo me conhece como "Zé Olhinho". Acho bonito todo mundo me chamar assim porque é uma maneira carinhosa. Tenho os olhos grandes como os de meu pai.

Quem botou esse apelido em mim foi uma namorada que tive logo que ingressei no Boi de Pindaré, em 1967. Uma pessoa muito especial, morena decente - Clemir Matos Vieira - era sobrinha do finado João Câncio. Naquela época, todo mundo lá no bairro de Fátima estava pronto para sair na brincadeira e ela falou:

- Pessoal, tá faltando meu Olhinho! Ainda não chegou meu Olhinho? Ainda não chegou?

Pronto, pegou!. " - Zé Olhinho! Zé Olhinho!". Até então ninguém me chamava por apelido.

LEMBRANÇAS DA MÃE

Minha mãe é Joana do Espírito Santo Figueiredo e meu pai Filomeno Gomes, já falecido. Minha mãe está bastante doente neste momento, lá no interior, acometida de diabete, muito fraquinha, muito fraquinha mesmo. Estou aqui, mas a cabeça fica assim... Há horas em que fico pensando como é que uma criatura, uma mulher forte, trabalhadeira, se acaba rapidamente assim, magrinha! Estou só esperando um troco

para ir vê-la, em Tabocas, São Vicente Férrer, lugar onde nasci no dia 16 de junho de 1944. Minha mãe nunca morou com meu pai; ele tinha a família dele. Passei minha infância trabalhando, sempre ajudando ela, indo junto com ela para a roça, para a casa de forno, fazendo farinha. Ralava mandioca para fazer um alqueire de farinha só com um braço. Cansava de um lado, virava-me para o outro e fazia tudo aquilo sem fazer cara feia. Sou o segundo filho. Quando ela teve Benedito, deixava-me em casa com os demais, pois eu era o maiorzinho, e o levava. Quando ela chegava, estava tudo em ordem em casa, bonitinho! Isso até os 11 anos. Aos 12, vim para São Luís. Ganhava duzentos cruzeiros por mês. Cem eram para mim, e cem eu mandava para ela. E, hoje, minha mãe está com a saúde ruim, nem pode se levantar da rede. Dá pena! Minha mãe era uma mulher de muita fibra, muito trabalhadora. Todo mundo chegava à minha casa:

- Joana, eu quero que você faça isso assim para mim...

Ela trabalhava na roça, em qualquer serviço, e trabalhava muito, porque era superdisposta, corajosa... Aprendi com ela a ser digno de merecer o respeito de todo mundo e estar fazendo amizade, pois via como as pessoas eram com a minha mãe. Iam a minha casa, abraçavam-na:

- Joana, ô! vai lá em casa, faz isso pra mim... não sei o quê...

Agradavam a ela. E, graças a Deus, herdei isso dela. Onde estou, se é no serviço, no lazer..., em qualquer lugar, encontro pessoas que me tratam desse mesmo modo. Aqui, nessa brincadeira de que hoje faço parte, todo mundo me ouve. Vão por mim, porque só quero o sucesso da brincadeira.

LEMBRANÇAS DO PAI

Meu pai foi dono de boi durante sete anos. Lá no interior, ele era tido como um gênio da arte do Bumba-meu-boi. Ele era tido, também, como gênio para rezar, puxar ladainha para o santo. Ele rezava muito bem. Todo mundo fala isso. Do Bumba-meu-boi, ele entendia do auto e cantava muito bem.

Então as pessoas o chamavam de Filomeno Gomes, Filomeno Cantador. O nome do boi de meu pai era "Dois Unidos". Ele tinha sociedade com um cidadão chamado de Antonio Bae, em São Lourenço, para o lado de Cajapió. Mas esse finado Antonio Bae usou de molecagem com meu pai, até tirou uma toada para ele. Ainda me lembro! Papai tinha sintonia com um cidadão chamado "Camundinho" - Raimundo Nonato Coelho, que ainda hoje tem boi no Interior. Papai fazia parte do boi de São Vicente e ele, do boi de Guaribal, povoado de São João Batista. Eles faziam assim: quando papai brincava, "Camundinho" vinha com a turma, mas, quando ele brincava, era o contrário. Meu pai e esse "Camundinho" faziam um dos bois mais velhos do local.

LUIZIN E GUSTAVO

Uma vez tive a oportunidade de brincar como miolo de boi, através de um cidadão chamado "Luizin de Gustavo". Outra fera! Gustavo era pai desse Luizinho, a quem o pessoal chamava de "Luizin de Gustavo". O pessoal sempre tem um nomezinho para colocar nas pessoas. Uma coisa especial para dar aquele gosto. Ele era um preto, muito fera na boiada, fera mesmo! Ele tanto cantava bem como sabia da história toda e fazia aquele auto muito bem feito. Então ele disse:

- Filomeno, por que você não traz o pretinho ligeiro para brincar debaixo do boi.

E foi assim que comecei brincando debaixo do boi. Mas larguei, porque vim para São Luis.

SÃO LUÍS

Em maio de 1956, obedecendo a uma tia que me trouxe para São Luis, fui trabalhar em casa de família: aguar jardim, lavar carro... e ganhar 200 cruzeiros naquela época. Tenho até guardada uma cedulazinha azul, verde e amarela. À tarde, ia para uma Quinta ajudar o senhor José Aurora, já falecido, a mexer com negócio de horta. Mas minha tia achou

que eu estava ganhando pouco, então conseguiu uma vaga para eu trabalhar no "Bazar Valentim Maia", ganhando 1500 cruzeiros. Na época era dinheiro! À noite, estudava no Instituto São Lázaro, com dona Neuza. Depois estudei no Colégio Conceição de Maria, perto da Igreja dos Remédios, e na Escola Modelo. Fiz o 3º ano primário com a professora Ana Amélia. Quando já tinha família e estava morando no Anjo da Guarda, voltei a estudar no Centro de Ensino Supletivo.

O BONDE

O bazar "Valentim Maia" ficava bem defronte ao Armazém Alencar, onde é a loja Sabina, na rua Grande. Nessa época, o bazar era de Dona Antônia Maia. O expediente se encerrava às 17 horas, mas eu ficava até as 18 horas e 30 minutos entregando ao continuo a mercadoria (presentes, velocípedes...) que seria levada à casa das pessoas que a tinham comprado. Por isso sabia o nome de tudo quanto era rua do Centro. Quando era hora de ir embora para casa ou para o colégio, tinha que ir driblar o bonde, porque, quando recebia o dinheiro no fim do mês, a tia dizia assim:

– Menino venha cá, não gaste dinheiro na rua.

Entregava o dinheiro todinho e ficava liso para ir ao serviço, ao colégio e voltar para casa, então driblava o bonde. Virgem Maria! Era uma fera para driblar bonde. Pulava do bonde andando, tomava o bonde andando... O bonde saía da estação, onde era a COBAL, perto do bairro da Liberdade, ia ao Filipinho. Quando voltava para o Centro, passava na praça Deodoro, descia a rua da Paz, pegava a João Lisboa, voltava pela rua Grande e descia novamente para o Filipinho. Havia várias linhas de bondes: a Gonçalves Dias, que ia até a praça Gonçalves Dias e retornava para a João Lisboa pela rua da Paz e voltava pela rua Grande e descia a rua Rio Branco; a São Pantaleão ia ao largo do Cemitério, à rua do Passeio, à rua da Paz e descia a Afonso Pena, a Jacinto Maia, a do Mercado Central, o largo do Santiago, a rua do Norte até praça da

Saudade; e tínhamos a linha Estrada de Ferro, que fazia Beira Mar, Praia Grande, rua do Giz, dobrava a rua Henrique Leal e a rua Afonso Pena, subia para a praça João Lisboa e entrava na rua Grande, onde existia a loja Rio Anil, hoje o Banco de Crédito Nacional, bem no canto com a Magalhães de Almeida.

REDESCOBRINDO O BOI

Em 1956, quando morava com minha tia, na rua do Coqueiro, abaixo do ginásio Costa Rodrigues, no bairro do Curupira, numa determinada noite escutei um batuque de boi...Ih! rapaz! Quase fico doido em casa. Era o boi de Viana, do finado José Apolônio, de que João Cândia fazia parte. Era justamente o mesmo sotaque da minha terra. A raiz desse sotaque é o boi de Viana, que já foi extinto. Então, quando estávamos brincando perto da Camboa, escutei... Tive vontade de correr atrás, mas, chegado recentemente a São Luís, não tinha autorização da minha tia para sair. Fiquei só curtindo e não sei o que aconteceu. Numa outra oportunidade, eles foram brincar lá perto e não tive como resistir. Eles amanhecera brincar lá e corri para ver. Foi, então, que reconheci Juvenal Ferreira, um cidadão estivador que morava na Coréia de Cima e era lá do meu lugar. Falei com ele:

- É, sou eu, filho de Filomeno.

Ele me abraçou e aquilo me emocionou muito. Chorei, naquele momento. Quando eu cheguei a casa, minha tia ficou braba.

- Onde era que tu tava?

- Eu tava olhando o boi de Viana.

- Tu já tá com esse negócio de boi?

No começo de 1961, fui levar, para São Vicente Férrer, meu avô, que estava muito doente. Lá fiquei até 1964 e dei umas brincadas no boi de "Camundinho". Quando voltei a São Luís de novo, já morando com outra tia, descendo a rua 18 de novembro, fui trabalhar como ajudante de pedreiro e vendedor de bibelôs: estatuetas de gesso, cachorros, uma por-

ção de besteiras feitas pelo cidadão que morava na rua 18 de novembro. Ia vendendo e tocando a vida, até que consegui uma vaga de garçon no baixo meretrício e comecei a pegar o troco mais fácil, sem fazer muita força. Um dia, estava lá, deitado num quarto que havia alugado, cantando uma toada daquelas que a gente cantava no interior, quando entrou um cidadão no corredor da casa, foi até o quarto onde eu estava e perguntou:

- Siô, você gosta de Bumba-meu-boi ?

E ficou de conversa comigo: de onde eu era, como era meu nome, aquele negócio todo. Hoje nos chamamos de compadres, somos companheiros de profissão no Sindicato dos Arrumadores. Valdemar Viana - "Louro", está aposentado e mora para os lados de Tambaú. Então ele resolveu me apresentar ao dono do boi de Pindaré, que era João Cância dos Santos, falecido em 29 de junho de 1977. João Cância era arrumador, trabalhava no Sindicato, na rua Cândido Mendes, 517. Numa determinada tarde, estava no canto da rua da Palma com a rua da Saúde, conversando com esse cidadão, compadre Louro, quando João Cância ia passando. Fui apresentado e ele disse ao compadre Louro:

- É, Siô, leva ele lá.

TOADA DOS OUTROS

No dia 12 de agosto ele me levou para a morte do boi, no bairro de Fátima. Fui pela manhã, porque trabalhava à noite. Quando cheguei, o pessoal estava naquele alvoroço de morte de boi, fazendo a comida. E João Cância disse:

- Bota o rapaz para cantar uma toada aí.

E até hoje tenho vergonha do que fiz: cantei uma toada que não era minha mesmo. Claro, eu não era cantador, não sabia tirar toada, simplesmente gostava de cantar e cantei uma toada de Chico Pedro, um cara fera lá do interior, bom todo! Sinto-me envergonhado, porque a gente não deve estar cantando toada dos outros, a gente deve criar e lá estavam o finado Bijoca, Sirião, Pedraca e muitos outros lá do meu

interior. Só depois, quando fui refletir, analisar, percebi que não fora aceito com aquela toada. Quando uma pessoa canta uma toada dentro de um grupo e essa toada não é dele, é conhecida, todo mundo diz assim:

- Ah, essa aí é de fulano de tal.

Por isso o cara tem de criar capricho para cantar suas próprias toadas. Mas eles, lá no boi de Pindaré, me incentivaram. João Cância me vendeu uma roupa bonita, lembro-me bem, por 150 cruzeiros na época. Paguei-a à prestação. Uma das roupas mais bonitas era a minha. Comprei a roupa e passei a ensaiar o boi no ano seguinte, em 1968. Brinquei no cordão, arrastando toada. Estava novo, com a memória "nos trinques". Quando João Cância passava perto de mim, pesquisando para ver como é que estava meu talento, ouvia minha voz lá naquelas alturas, entoando mesmo, puxando certo. Então ele chegava bem perto de mim e dava dois gritos assim: "- oh! Preto, Oh! preto". Aquilo me incentivava! Aquele grito incentivava a gente. Eu continuei, brinquei nesse ano, matamos o boi.

A gente brinca no sábado e mata o Boi no domingo. Na segunda-feira dá-se a quebra do mourão, parte-se o bolo, esse negócio.

Quando acabamos de partir o bolo, por volta das cinco horas, fizeram uma mesa grande, na qual se sentou todo mundo: diretores, cantadores, uma porção de gente. Perguntaram-me se eu estava satisfeito, se queria continuar, porque eles tinham gostado de mim e viram que a minha voz dava para o negócio. Emocionei-me naquele momento e disse que eles é que sabiam se eu continuava ou não na brincadeira. Satiro Gordo, um cidadão que mora lá no Sá Viana, outro conterrâneo, que conhecia toda a minha família, tanto da parte de minha mãe como da parte do meu pai, disse:

- Tu vai continuar com a gente!

No ano seguinte, em 1969, tive o cargo de 1º vaqueiro e me soltei! "Coxinho" queria que eu fosse o vaqueiro da parte dele e João Cância também queria. Uma briga das duas feras do boi de Pindaré me obrigou a ser vaqueiro para os dois.

Fazia comédia tanto com João Câncio quanto com Coxinho. Mas tenho impressão de que Coxinho morreu zangado comigo... Acabei de dizer que passei vergonha por ter cantado toada dos outros, e Coxinho tinha mania de fazer versos para o meu papel de vaqueiro. Mas, em 1970, achei que não devia fazer desse modo e relaxei quando ele quis me dar toadas e versos para responder o papel. No dia do ensaio, ele me chamou a atenção:

– Como é que tu vai fazer o papel comigo sem ter pego a matéria?

E eu respondi:

– Vou fazendo as minhas coisinhas aqui.

– Olha lá se isso vai prestar! Não vamos fazer as coisas erradas.

Não dei muita atenção a ele, fiz minhas toadas de vaqueiro, fiz uns versinhos e fui fazer a matança com ele. Encaixou tudo certinho, e esse foi o grande problema, pois ele achou que eu tinha de ser todo tempo subordinado a ele nesse ponto. Mas achei que não devia ser, e pronto, me soltei mesmo!

SOTAQUE DE PINDARÉ

Quando cheguei ao boi de Pindaré, em 1967, João Câncio mais Apolônio Melônio já se tinham apartado do boi de José Apolônio, que é fundador desse sotaque aqui em São Luís, no Caratatiua, originário do boi de Viana. E João Câncio já tinha apartado Apolônio Melônio, o da Floresta. Melônio estava com um boizinho lá para os lados do Sá Viana e João Câncio estava com esse Pindaré, de Coxinho, que foi fundado em 05 de maio de 1960. João Câncio era sócio de Coxinho e a brincadeira se dividia em duas partes: as apresentações e as comédias. Não sei como, mas foi João Câncio quem criou, aqui, esse sotaque conhecido como sotaque de Pindaré. Mas, na verdade, esse não é o autêntico sotaque de Pindaré. Aqui, em São Luís, eles usam tarol batido com baqueta mais firme, um timbre mais pesado. Quando uma brincadeira é lançada,

o sotaque foge um pouquinho do original. Embora procure a semelhança, cada aprendiz tem uma maneira de bater.

Sinceramente, não é querer "puxar brasa para minha sardinha", mas esse é o sotaque mais gostoso de ouvir e mais legal de brincar. O sotaque de Zabumba é bonito, o sotaque de Orquestra é bonito, Cururupu também. Não sou muito chegado ao da Ilha. Não me diz nada, mas esse aqui, em que a gente bate com a mão e faz o que quer da voz e do pandeiro, tendo uma equipe de batuqueiros que saiba bater pandeiro - quatro, cinco tipos que às vezes se cruzam - fica muito bonito. Dois tambores-onça numa brincadeira? Virgem Maria! Então o Bumba-meu-boi é contagiante, a gente fica até louco, se no dia não puder brincar.

DIREÇÃO DO BOI DE PINDARÉ

Em 1975, morreu Bijoca, sócio e segunda pessoa de Coxinho. Então eles acharam que deveria, pelas minhas qualidades, assumir seu lugar dentro da brincadeira. Tudo bem, fiquei como sócio de Coxinho e deixei de fazer o papel de vaqueiro. Teixeira entrou no meu lugar e o compadre Louro, que me trouxe para a brincadeira, não estava mais conosco, pois tinha se passado para o boi da Floresta, que é de Apolônio Melônio. O sócio é aquela pessoa que está assessorando no puxar das toadas. Quando fazia papel de vaqueiro para João Cância, Siríaco, que morreu em 1975, era o sócio dele. O tempo foi passando, passando... Coxinho piorando de saúde, mas sentia muita necessidade de ver a brincadeira crescer, de não deixar a peteca cair, e procurei me esforçar, cantando como a brincadeira pedia. Nisso, João Cância adoeceu também e faleceu em 1977. Eu e Siríaco tivemos de tomar conta do boi, porque Coxo já não estava como devia: a saúde dele, a mentalidade... estava velhinho! Assumi a direção do boi de Pindaré, em 1987, como cantador principal, e cheguei a ser Presidente da Associação da brincadeira. As pessoas me davam crédito de confiança e os elementos da

velha guarda da minha época acharam que eu tinha competência para tal coisa. Foram eles que me colocaram à frente.

João Cância tinha muita confiança em mim e transmitiu isso para os demais companheiros. Ele tinha consideração mesmo, porque eu era namorado da sobrinha dele e porque sabia fazer por onde ele se sentir bem comigo: respeitando, tratando bem. Quando o grupo viajava, ele me encarregava de fazer pagamento de pessoal, enfim, ele se despreocupava, porque sabia que eu dava conta do recado, como sempre dei! Outra criatura que tomou conta do Boi, junto com a viúva do finado João Cância, foi o finado Maurício Fonseca. Até 1985, o Boi de Pindaré esteve muito bonito, organizado, mas, depois que Maurício Fonseca morreu, Concita, uma criatura que convivia com ele, não teve pulso nem interesse em manter a brincadeira como devia. Ficou fazendo besteira, inclusive chegou a vender os bens da brincadeira a Sebastião Arouche, que hoje se diz dono. Fez isso por "baixo dos panos", sem combinar com os brincantes, que hoje lutam para fazer uma Associação, mas ele tem medo de perder o poder.

Em vida, doente, o finado Maurício Fonseca disse:

- Concita, se eu morrer, esse chapéu é para o compadre Zé Olhinho.

Era o maior chapéu que havia no boi, mas ela só me entregou esse chapéu devido à pressão de quem o ouviu dizer isso. De 1984 até 1987, trabalhei no chapéu, reformando, ajeitando, gastando dinheiro com fita, canutinho, rebordando. Mas o que aconteceu? Em razão das brigas com João Madeira Ribeiro, apelidado de Fontenele, que fazia parte da "panelinha", juntamente com Concita, o atual dono do boi, Sebastião Arouche, levou todo o material da brincadeira para sua casa, na praça "Marechal Lotte", e queria levar o chapéu. Botei o pé na parede para não dar o chapéu que era meu. O Resultado é que fui preso no camburão da polícia e levado para a delegacia. Lá, fui humilhado por uma doutora, cujo nome não lembro, que perguntava como era que eu queria ficar com o chapéu, se não era meu. Botaram-me de volta no camburão e fomos ao barracão onde eu morava com a minha

família buscar o chapéu e entreguel. Quando Sebastião Arouche e Chico, irmão dele, me deram tapinhas nas costas, dizendo "Preto, não te preocupes que tu vais conosco", fiquei muito chateado, porque o certo seria terem me chamado para conversar. Vejo todos os amos de boi por aí - João Chiador, Humberto, Gago da Floresta e muitos outros que cantam boi - serem considerados, respeitados pelos donos das brincadeiras e, no Boi de Pindaré, estava sendo humilhado por causa de um chapéu que me pertencia.

Algumas pessoas do grupo pensaram que eu estava deixando a brincadeira para ficar do lado de Fontenele que havia brigado com Sebastião Arouche, mas eu disse:

- Não, Fontenele não é meu pai, é simplesmente meu chefe no setor de trabalho.

Só porque nós trabalhamos na Companhia Municipal de Abastecimento - COMAB, onde ele era administrador do mercado, eles confundiram tudo.

- Não, não tem nada a ver, sou maior, sou dono das minhas vontades, faço o que quero e vou aonde bem entender!

A partir daí, resolvi não cantar boi em São Luís. Ia, a convite de um amigo, cantar boi lá em Pindaré, Santa Inês! Mas, um dia, em 1988, Raimundinho, que hoje é meu sócio aqui no "Unidos de Santa Fé", encontrou Fontenele e perguntou se era fácil fazer um boi. Fontenele disse:

- Não, não é difícil, a gente pode fazer.

PINDARÉ II

Resolveram marcar uma reunião e foram até a sede do Boi de Pindaré me convidar e também ao pessoal que quisesse me acompanhar para brincarmos na "Turma de São Vicente" em que Raimundinho brincava. De início não aceitei, mas devido a tanta insistência. Bom, eu estava sem compromisso, então saí do Boi de Pindaré e levei meia dúzia de pessoas comigo. Assim o Boi de São Vicente cresceu, ficou bonito e, no ano seguinte, 1989, nós fundamos o Pindaré II,

ensaiando lá no barracão. Ah! meu amigo, quando a notícia correu, foi polêmico, e foi aí que o fogo pegou na fogueira! Sebastião Arouche foi para a Justiça, pediu o barracão, e nós conseguimos essa sede para onde viemos. Nisso, o dono do Boi de São Vicente se sentiu traído, embora nós não tivéssemos assumido o compromisso de brincar boi com ele. Além disso, a gente só fica num determinado lugar se se sentir bem e até quando quiser. Achamos por bem fazer uma brincadeira e fizemos! De início, fui contra colocar o nome de Associação Cultural Unidos de Pindaré II, mas, com esse nome, nós brincamos durante quatro anos!

Eu trabalhava mesmo, dividindo o meu salário. Raimundo Ferreira também, do mesmo jeito, pedindo aqui, pedindo acolá. Nos empenhamos com um, com outro, levantamos a brincadeira e arranjamos uma turma digna, companheiros corretos. A brincadeira subiu, subiu mesmo! Chegamos a nos encontrar com o Boi de Pindaré, brincando na casa de uma torcedora do boi deles. Eles quiseram brigar, mas nós não demos cabeça. No dia 29 de junho de 1991, cumprindo nossa tradição, nós vínhamos pelo Lira, para descermos a ladeira do Hospital Geral, e chegamos até a Igreja de São Pedro. Eu levava uma tribo de 30 índios, uma frente muito bem organizada com 12 chapéus bonitos, bem feitos, tudo novo, porque nesse tipo de coisa eu capricho! Quando nós dobramos o Beco do Gavião para sair na rua São Pantaleão, eles estavam escorados nesse pequeno espaço, e nós fomos descendo. Eu, na frente "pi, pi, pi" tocando o apito, dobrando na praça Rui Barbosa, para evitar mesmo... Então alguns elementos deles, Antoninho, que era um dos diretores, voltou e formou uma briga com o meu pessoal que vinha atrás. Meu amigo, foi um quebra-quebra: deram paulada em gente, quebraram cabeça de gente! Foi um negócio horrível! Esse Raimundinho, meu sócio, pegou um percussão da mão de um brincante, que disse:

– Raimundinho, nós não vamos brigar.

Ainda botou a mão sobre o seu ombro e, quando ele facilitou, levou um empurrão no olho. Então Raimundinho disse:

- Rapaz, tu podes me bater, mas eu não vou brigar contigo, porque estou aqui é brincando boi. Se eu for brigar contigo, nós vamos é nos matar, pois estou armado; mas não vou puxar minha arma.

E não puxou mesmo, nem aceitou que outros puxassem. Eu o achei muito equilibrado. Nós procuramos o tempo todo apaziguar. Acabamos com a briga e fomos embora. Lá adiante, ficamos num recanto, esperando eles passarem na Igreja de São Pedro, para depois passarmos. Segundo alegam, Fontenele soltou um foguete que foi explodir junto deles. Não acreditei nessa versão, pois o sujeito que joga um foguete sobre um grupo não tem coração, e Fontenele, apesar de ser uma pessoa muito mandona, não é mau. Acredito, sim, que eles premeditaram para nos bagunçar porque viram que nossa brincadeira tinha um bom nível e era bonita, organizada.

UNIDOS DE SANTA FÊ

Passaram-se dois anos com o nome Pindaré II, mas, quando fomos até Betinho, que é presidente da Federação, pensando em registrar a brincadeira, ele disse que com o nome Pindaré II não registrava mesmo! Ai pensei, pensei e encontrei esse nome: Unidos de Santa Fê. "Vão-se os anéis e ficam os dedos". Mas havia pessoas ameaçando quando eu falava em trocar o nome da brincadeira. Inclusive perdi um bom brincante porque não aceitava a troca de nome: "Meu amigo, não vou estar carregando ninguém nas minhas costas. Estou sentindo que daqui para frente nós vamos carregar o Boi de Pindaré nas costas, porque a brincadeira lá não está com essa bola.." Não é que quisesse falar mal da brincadeira, mas a gente que viu o que foi o Boi de Pindaré. Coloquei o nome Unidos de Santa Fê e fui dar entrada nos papéis. Hoje estou com problemas para compor uma diretoria e poder deixar tudo documentado.

Esse negócio de bumba-meu-boi é muito chegado a mesquinhas por parte de quem entende as coisas distorcidamente. Quem quiser ter um inimigo gratuito que faça um boi,

Pode ter certeza: fez bumba-meu-boi, tem um inimigo na hora porque ninguém quer ver um boi mais bonito do que o seu. No interior, e até mesmo aqui, faz-se "molecagem" com o outro. Há vários anos eu estou sem poder cantar. Quando canto duas toadas, passo 15 dias com a garganta ruim. Não vou dizer que é um companheiro, um adversário, que está me prejudicando. Atribuo a uma inflamação, mas existe isso!

Não sei, não sou chegado a esse negócio de macumba, mas o que tem nome existe.

Então, a gente não deve facilitar. Estou com vontade de procurar um médico para ver realmente o que realmente é. Uma pessoa quer marcar consulta a um otorrino no Hospital "Aldenora Bello", um especialista, para descobrir qual é o meu problema, pois ainda não consegui melhorar com os remédios que fiz. Sei o potencial da minha voz, sei até aonde chego e, agora, não estou podendo chegar nem à metade. Fico doente quando vejo um companheiro cantando e eu sem poder fazer nada... Mesmo assim, nunca paro de cantar. Canto nem que seja duas toadas, porque meus companheiros não aceitam que eu pare. Cantando uma ou duas toadas, parece que eles se sentem bem. Se, por acaso, não estou na brincadeira, eles ficam amuados. Aqui, nós somos 79 pessoas entre índios, batuqueiros e torcedores, mas estou pensando em diminuir a quantidade de índios porque é muito dispendioso. Ontem perguntei a uma senhora, lá no Bom Jesus: dois mil o quilo de penas de ema? Mas um quilo de penas não dá para reforçar 10 roupas!

O Unidos de Santa Fé, graças a Deus, está tendo boa aceitação do público. Onde passa é bem recebido. Procuro trabalhar fazendo a brincadeira cada vez mais forte, juntamente com o companheiro Raimundo Ferreira, muito dedicado, e Antônio Paulo, que dá conta na hora, de tudo o que lhes entregamos. Temos, também, o diretor de Patrimônio e sua esposa que guardam tudo com segurança na casa deles. Com

isso, a brincadeira está crescendo. Tenho segurança de ela crescer mais ainda, apesar dos problemas, mas é isso mesmo:

Onde o sucesso chega, chega também o problema.

O AUTO

Acho que já falei muito e não falei nada, pois ainda não contei o que é a verdadeira criação do Bumba- meu- boi.

O auto do bumba-meu-boi é uma coisa muito fina. Para a gente falar, tem que ter conhecimento profundo, e me parece que não sou a pessoa mais indicada para isso, porque sou novo no negócio. Mas tinha tudo para saber da história do auto do Bumba-meu-boi, pois meu pai sabia muito bem o que era isso. Só que não tive convívio com ele. Contudo, dizem que filho de peixe, peixinho é. Então fui vendo as pessoas fazerem, e aquilo ficou em mim; por isso, até mesmo pelo jeito da brincadeira sinto que a verdadeira versão do Auto do Bumba-meu-boi está no Zabumba. Outro dia, estava no canto do Hotel Central e ouvi uma discussão forte de dois donos de Bumba-meu-boi: um do boi de zabumba, que é Seu Antero Viana e o outro do boi de matraca, de São José de Ribamar. O dono do boi de Ribamar dizendo que a verdadeira história tem origem no boi da Ilha, e Antero Viana dizendo que não. Muitas vezes ouvi João Câncio dizer que negros fugidos da África, não sei de onde - não é minha época! Se refugiaram em determinados lugares, em senzalas, não sei por onde, e começaram a praticar vários tipos de manifestação, inclusive capoeira, para se defender, e a brincadeira para se divertirem. Inventaram o tambor de crioula e o Bumba-meu-boi, que era de outro modo. Mas sempre apareceram esses personagens: pai Francisco e mãe Catirina. Com o passar do tempo, foram criando outros personagens, por isso, hoje, tem que haver o doutor de medicina, o doutor veterinário, o 1º vaqueiro, o 2º vaqueiro, o rapaz sertanejo, que informa ao patrão

onde está escondido o Pai Francisco; a tribo de índios, que descobre o Pai Francisco quando ele se entoca no meio do mato, com medo do chicote, por ter cometido irregularidade. A história começava assim: "Pai Francisco chegava à fazenda do patrão dele com "Maria Cacharina", pois ele não chamava Catirina. Ela, já em tempo de ter nenê, desejando comer a língua do boi. Ele vai pedir ao patrão a língua do boi mais bonito. Veja se pode! Só mesmo desejo de mulher! O patrão acha tudo isso um absurdo e não dá. Então pai Francisco vai roubar o boi e sacrificá-lo, cortando-lhe a língua para a mulher comer. Só numa história dessas para acontecer assim. Como é que pode, um boi perder a língua e depois conseguir viver de novo? Quando descobrem que foi ele quem cortou a língua do boi, vão atrás. Ele passa pelo castigo e vai preso. Nisso, como o boi está morre, não morre, eles chamam o doutor, que consegue deixar o boi bom." Olhe, como já disse, muita coisa não sei... mas lembro como era a cantiga que a gente cantava mandando o diretor dos índios das aldeias Camucar prender o "nego".

"Tu vai caboclo
Tu anda sem medo
Tu vai caboclo
Tu anda sem medo
Cuidado com a fera
que mora lá no Rochedo"

Nós cantamos essa cantiga no decorrer da matança para não ficar muito monótono. Matar boi... aquela comédia... aquilo dá sono porque a história é muito comprida. É tanta coisinha, que se se for fazer a matança de acordo como ela é feita no Interior, gasta-se a noite todinha e não se conta a história como ela é. É um negócio tão bonito - bonito e triste - que dá até vontade de chorar. Na época de finado João Cância, chegamos a fazer a comédia completa; durou quase a noite toda. O João Cância era um mestre, um mestre mesmo. Até hoje não vi ainda uma pessoa para pular na roda com boi do jeiti-

nho dele. Ele tinha um sabor, tinha um jeito de brincar com o boi, de se livrar do boi. O boi podia fisgá-lo assim, como quem estava mesmo tentando pegá-lo, mas ele tinha um jeito muito fácil de se livrar, dentro da música, dentro daquela coreografia. Aquilo era muito bonito! Eu aprendi muita coisa com ele: como chegar à porta, como fazer a apresentação, como sair... E era bom! Quer dizer, me instruí, porque aprender mesmo, o sujeito, quando tem que saber, já traz. Mas ele me orientou em muita coisa. Agora estou sentindo, que se não tentar resgatar, o auto do Bumba-meu-boi vai acabar. Os Bois que estão na vitrine hoje, os mais organizados e que ganham dinheiro, são o Boi de Orquestra e o Boi da Ilha, mas eles não fazem o auto. Nunca vi um Boi de Orquestra fazer comédia; só o faz mesmo, pois, quando chega ao terreiro, já é iniciando isso, o Boi de Zabumba. Disso eles nunca fugiram. Por isso defendo urgentemente a tese da volta às origens. Dona Terezinha Jansen, com aquele Boi dela ali, Virgem Maria! Seu Antero Viana... Hoje nós não apresentamos mais o auto, primeiro porque o tempo não dá. Fazemos uma apresentação na porta de uma casa já com o olho no relógio, pensando na outra apresentação. Quando saímos da sede com o grupo, já há despesas, como um jantar para o pessoal, o ônibus, pois, além de não gostarmos de andar a pé, há crianças e senhoras que vêm acompanhar. É muito bom sairmos com a própria torcida, pois em determinados lugares não há ninguém. De forma que a brincadeira é dispendiosa, mas se olharmos para o lado das dificuldades, não nos divertimos, quer dizer, não colocamos os outros para se divertirem, porque, no meu caso, não estou brincando, estou trabalhando, e duro! Pois lidar com gente é pior do que lidar com bicho. A gente fica esperando quando tem brincante pr'ali, pr'acolá, principalmente essas meninas novas. Êh! Se tiver festa de reggae elas querem ir para lá e nós temos que estar em cena, para não deixar, porque uma vez que elas vêm brincar, nós somos responsáveis por elas. Mas compensa, me sinto gratificado só brincando boi.

Uma vez, ainda em 1970, na época de João Cância, estava ensaiando uma peça com a professora Rosa Mochel, no Colégio Alberto Pinheiro e ela me perguntou o que eu tinha para falar do Bumba-meu-boi.

Ah, eu amo o Bumba-meu-boi, porque é uma coisa que vem dos meus pais, está na minha veia. Quando ouço o batuque do meu sotaque, fico trêmulo. Quando olho para o salão e vejo todo mundo organizado, vou na ponta do cordão, volto e vejo do jeito que gosto de ver. Parece que não estou pisando no chão. O batuque sereno, pegando firme, a rapaziada cantando uma toada, todo mundo abrindo a boca certinho, a toada entoando, não tem um atravessando... Ô! Aquilo é lindo, lindo demais. Sinceramente, é aí que é a minha diversão... Nessas alturas estou com a camisa suada, pois já andei, já fiz fogo para esquentar pandeiro... É um negócio sério.

Cheguei a ver o Boi de Pindaré muito bem organizado, muito bem situado. Ainda não cheguei lá com esse aqui, não cheguei onde quero, mas vou conseguir. Dona Zelinda prometeu ajudar e sei que ela vai me ajudar.

TOADAS VELHAS, TOADAS NOVAS

No nosso boi, temos toadas velhas, novas. Toada a gente cria e faz. Tendo inspiração, é coisa rápida. Quando se tem uma certa convivência na brincadeira, cantando em boi há muito tempo, fazer uma toadinha não é muito difícil. Qualquer pessoa pode fazer, depende de querer.

A minha primeira toada, compus nos anos 60. Como falei, havia tido uma namorada na brincadeira, no Boi de Pindaré e quando a gente se deixou, cantei uma toada:

"Você não foi a pessoa que eu pensava
Agora eu vejo o quanto eu errei } bis
Fingiu fidelidade outra vez eu me enganei
Não importa que o mundo condene
Se amar foi pecado, eu pequei"

Dai, comecei a cantar muitas outras toadas que já não lembro mais, inclusive outro dia, encontrei um rapaz que me disse:

- Lembra uma toada que fizestes no dia que João Cância estava doente, quando ele foi viajar para o Rio?.

- Não rapaz!

- Tu cantou:

"Vá vá vá companheiro
São João que te acompanhe
E lhe dê tranqüilidade
Aqui fica um batalhão
Todos sentindo saudade
Esperando que tu volte com saúde
Prá nossa felicidade"

Não lembrava dessa toada de jeito nenhum e o cara cantou todinha! Não anoto minhas toadas porque não tem necessidade, já que a toada é do ano passado, não nos interessa para esse ano. Nós não ligamos para documentação porque encaramos o negócio assim: se fulano gravou minha toada e vai cantar no Interior, em qualquer lugar, eu me sinto até satisfeito, elogiado. Mas hoje, o pessoal do Boi de Orquestra são altos compositores, só falam em dinheiro e cobram para gravar uma toada deles. Quando estava no Boi de Pindaré, tirei uma toada para um cidadão da Madre Deus por causa da seguinte história: Eu morava no Anjo da Guarda, vendia sorvete. Um dia, por volta das cinco horas, disse:

- Vou comprar um peixinho aqui.

Chego e encontro um amigo meu, o sargento Madson, comprando peixe na mão de Sabujá mais o pai dele, bem perto daquela estátua. Umas tainhas bonitas! O sargento Madson comprou dois quilos de peixe e eu fiquei a uns dois metros distante, observando. Ele comprou o peixe e ficou de lado. Então, eu cheguei para Sabujá e disse:

- Olha, quero um quilo desse peixe, mas pesa direito, pois estou vendo o que está acontecendo aí.

O sargento ouviu o que eu falei e voltou.

- O que tá acontecendo aí?

Eu disse:

- Nada, é... nada!

Esperto, passou a mão debaixo da balança e encontrou o imã. Devolveu o peixe e recebeu o dinheiro de volta. Então Sabujá pesou o meu peixe, paguei e fui embora. No caminho, tirei uma toada:

"Prá comprar peixe na Madre Deus
É só prá quem tem muito dinheiro
Tem um tal de Sabujá
Esse é o maior marreteiro
Tem um imã de 200 gramas
Debaixo da balança dele
Não é exagero"

E uma das toadas que mais gosto é a Sereia:

"Sereia, sereia
Sereia quem mandou me chamar
Ela mora num monte de pedras no oceano,
no meio do mar
Ela que se decora meu boiar."

Foi uma das toadas mais bem cantadas, dentro do Boi de Pindaré. A letra não diz lá muita coisa, mas para a toada ser bonita, não é preciso que a letra dela seja bonita, é importante que ela tenha peso, firmeza e desembaraço. Dá energia na hora de cantar. Ela era a coqueluche daquele ano, 1970, 1972. Virgem Maria! Quando cantava essa toada... Mesmo porque nessa época estava com saúde, cantando bem, não tinha problema na família, não me preocupava com nada.

Meu primeiro Urrou, era... Deixa vê se eu me lembro:

"Eu estava em cima da serra
Escutei um boi urrando no lajeiro
Mandei amolar meu ferrão
Eu mandei selar meu cendeiro
Peguei uma corda de couro
E mandei avisar meu vaqueiro
O boi urrou, o boi urrou, o boi urrou
Na casa do fazendeiro"

Tem verso nisso! Tenho um Urrou, que está gravado no LP Raízes:

"Meu boi urrou vaqueiro
Meu boi urrou vaqueiro
Urrou, estremeceu na redondeza
Urrou prá se levantar
Levantou, tenho certeza
Ele chegou no terreiro
Urrou que eu senti firmeza
Urrou amolando as ponteiras
Prá fazer sua defesa
Este é o Pindaré II
Um boi do coração do povo
Que vem prá manter tradição
Vem prá brilhar no folclore
Mesmo que alguém ignore
A sua participação
vaqueiro não bate nela
Porque é de estimação
o lombo desse boi brilha
Causando admiração
Quando chega no terreiro
O povo vibra com toda animação"

A toada diz:

"Chega morena
Vem ver nosso lindo barbatão
Raça de gado holandês
É uma beleza esse touro
Esse desenho do couro
Foi dona Zeca quem fez
Quando cheguei na malhada
O gado levantou de vez
Prá ver o cantor boiada
Prá animar, voltar à raiz
Prá que lado urrou de novo
No cercado num costume
que sempre fez"

E a gente vinha cantando muitas outras...

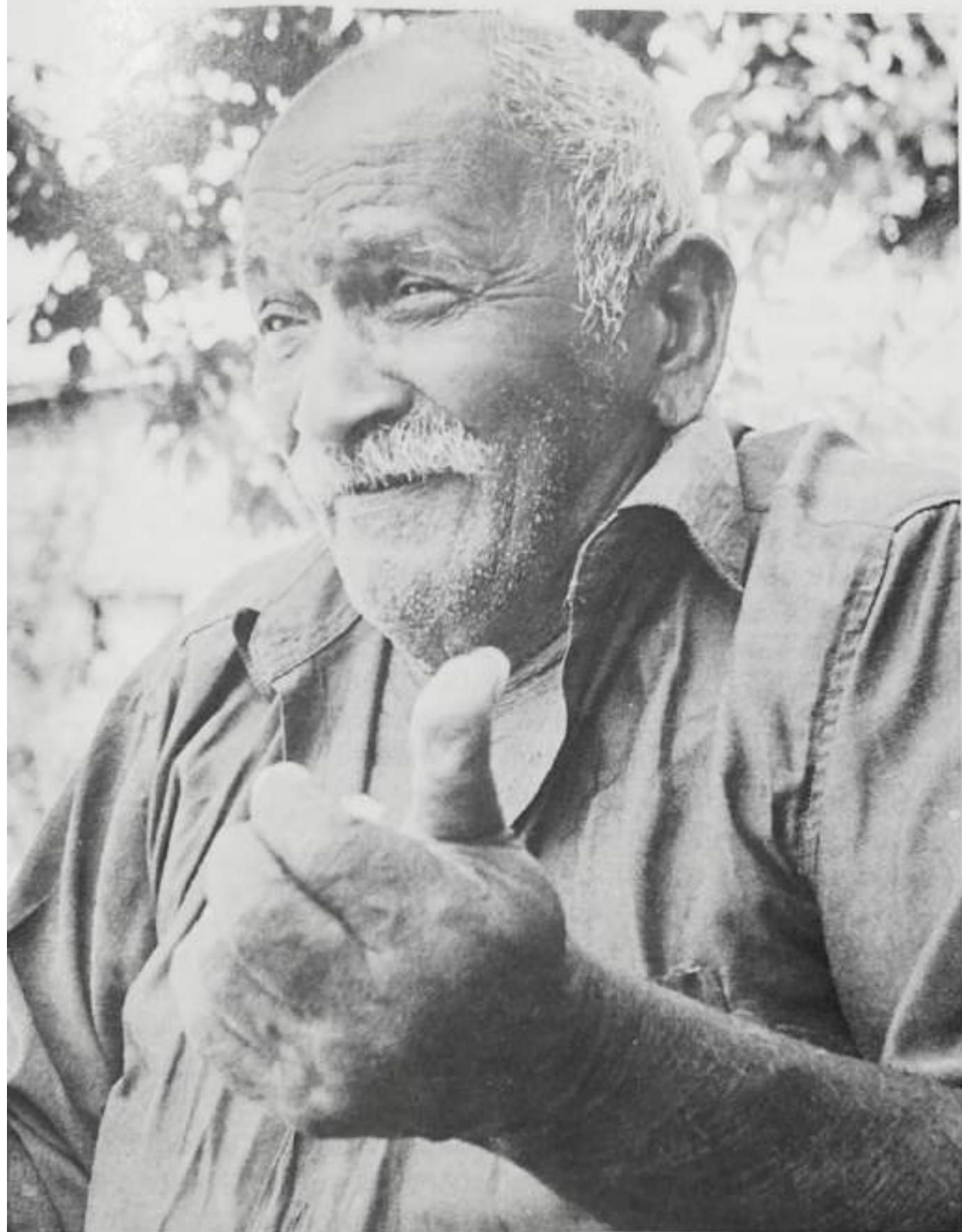
"O nosso cartão de visita
Tá lá no Outeiro da Cruz
Quem mora no Anjo da Guarda
Observa a claridade da luz
Um colorido bonito das cores
Rosa e azuis
Parece que vem do céu
É guiado por Jesus
Foi obra de João Castelo
Que Deus te abençoe
Que a paz sempre te conduz"

Uma vez vinha descendo do ônibus e a luz acesa lá no Castelão me chamou a atenção. Havia uns refletores rosa, verde, azuis, azulinhos. Então fiz esses versos, quando estava no Boi de Pindaré.

Pois é, o Bumba-meu-boi é cheio de surpresas, de coisas gostosas, mas é trabalhoso demais. Porém me habituei a trabalhar na brincadeira. Dentro do Boi de Pindaré fazia de

tudo! Fazia papel de vaqueiro, papel de rapaz, batia pandeiro quando não estava cantando... Só não bordava couro, pois isso é mais dispendioso. No Boi de Pindaré, quem trabalhava no couro era Dona Roxa. Hoje, quem trabalha para mim no Unidos de Santa Fé é Dona Zeca, uma senhora que tem Boi de Zabumba na rua Dagmar Desterro e trabalha muito bem. Tenho aqui quatro couros de boi feitos por ela. Aprendi, também, a trabalhar na confecção do material: ombreiras, chapéus... Não faço só para mim, faço para qualquer brincadeira sem cobrar nada, pois acho que nós devemos ajudar um ao outro, como ajudei o "Raizes" de uma amiga minha, que fez esse Boi lá no "Vertente de São João Batista". Fiz 17 chapéus para ela. Para a turma de São Luis, fiz 23 chapeuzinhos. Hoje, só não faço para o Boi de Pindaré, mesmo assim, ainda fiz chapéus para eles este ano. Para dois amigos: Chagas e Sebastião. Os nossos chapéus, sou eu quem faz tudinho, pois não existe outro companheiro que entenda do negócio. Comecei a fazer chapéus em 1973, quando o governador era Pedro Neiva de Santana. Houve um hasteamento da bandeira, em Brasília. Nós fomos para lá, em dois aviões. Aprendi a fazer rapidamente com João Cância, e hoje ensino. Já existe negro sabendo fazer chapéu, porque ensinei.

Muito bem, quero dizer que estou à disposição. Sinto-me gratificado pela oportunidade que estou tendo de fazer, antes de morrer, uma matéria gravada e escrita sobre a minha trajetória, no que diz respeito ao Bumba-meu-boi, para outras pessoas conhecerem essa história e meu filho conhecer uma matéria feita com meu nome, com meu sentimento, em tudo quanto ocorreu comigo. Muito obrigado.



Eu acho que a ligação da classe média para a alta acaba escangalhando a brincadeira.

João José de Sousa Machado

JOÃO JOSÉ DE SOUSA MACHADO (1920)

Nessa entrevista, Seu Machado descreve São José de Ribamar, a cidade onde os romeiros chegavam na década de 20, principalmente por mar, devido à impossibilidade de acesso por estrada de terra. Também relembra sua família, tradicional dona de terra. Tinham garapeira, empresa de pescaria e barracão para hospedar romeiro. Recorda as brincadeiras da infância, como bumba-meu-boi feito com latas, cacos de vidro e tranças de cebola. Aos nove anos, Seu Machado mudou-se para São Luís com a família e morava em bairros próximos ao Centro até 1930, quando se mudou para a Vila Maranhão, onde permaneceu até 1970. Depois foi morar em Rosário. Nessa época, coloca dois bois e outras brincadeiras do período momesco, como Casinha-da-roça. Como morador em Rosário, reacendeu a cultura popular local e mantém um boi de orquestra, entre outras brincadeiras que realiza anualmente.

PRIMEIRAS LEMBRANÇAS

Meu nome é João José de Sousa Machado e nasci em 31 de julho de 1920, em São José de Ribamar. Atualmente resido na Rua 13 de maio, 526, no município de Rosário.

Meus pais chamavam-se Vicente de Paula Frazão Machado e Delzúita de Sousa Machado. Meu pai nasceu em São José de Ribamar e mamãe, em São Luís. Papai era alfaiate.

Naquela época, a vida era pesada. Eles eram considerados donos de São José de Ribamar. Na verdade, nós somos descendentes daquela família de Apolinário Machado, em São José de Ribamar, que era considerada a dona daquelas terras. Eles tinham garapeira, venda ambulante, empresa de pescaria. Mandavam muito peixe moqueado para São Luís. Lá em casa se moqueava peixe no forno. Na praia de banho, havia uma camboa muito grande. Pela manhã minha avó chamava o vaqueiro, para o pessoal despescar a camboa, escolhia o peixe que eles queriam e o resto, distribuíam. Quando as canoas de pesca chegavam, muitas pessoas vinham esperar para limpar o peixe que era para sair de madrugada nos cargueiros. As pessoas que trabalhavam carregando carga eram chamadas de "pau no ombro". Vinham os caboclos com dois cofos: um atrás e outro na frente, cheios de peixes enrolados naquela palha de banana para vender na cidade. Lembro quando criança ainda, quando, às vezes, estava dormindo, a canoa chegava e minha avó acordava todo mundo para comer aquele cozido de camarão fresco graúdo de São José de Ribamar.

Papai não brincava boi. Meus tios, que se chamavam Secundino e Anoratinho, moravam um na Mata e outro em São José dos Índios e brincavam em bumba-boi, sotaque da Ilha.

Minha mãe, além de fazer os serviços domésticos, era costureira. Criou essa porção de filhos em cima de uma máquina.

Fomos criados assim, naquilo que Deus me deu (as forças) até hoje. Eu continuo naquele vício: nunca alcançar mais do que Deus me dá.

SÃO JOSÉ DE RIBAMAR

São José de Ribamar, naquela época, era um lugar a que, para se chegar ou dele sair, só em romaria. Rosário possuía as mesmas dificuldades; ia-se em romaria de caminhão ou de barco, porque nesse tempo não havia ônibus. Quando era

romaria de barcos a praia amanhecia enfeitada de canoas. Minha avó tinha um barracão grande que se chamava Casa do Romeiro e, no canto da parede, tinha dois maços de meaçaba. Na hora em que ela ouvia os foguetes, dizia: "Benedito - que era meu tio - abra a Casa do Romeiro. Vá receber o pessoal". Eles vinham e ficavam todos agasalhados naquele barracão. São José era um ponto turístico que naquele tempo, nem se considerava devido à dificuldade de se chegar lá. Hoje em dia é fácil. Naquela época, havia muita areia, não se ia de automóvel. Quem saía a pé de São José de Ribamar chegava mais depressa do que quem vinha de automóvel. Às vezes o sujeito ia para a cidade e voltava a pé, e o automóvel ainda estava rompendo a areia em São José. Tinha a curva da morte, que era muito arriscada, e era preciso ir com muito cuidado. São José sempre foi uma terra muito rica e mantém uma tradição na Ilha. Nós que somos filhos de lá não podemos dizer que temos alguma coisa, porque não se tem mesmo. Hoje, São José tornou-se um lugar para quem tem dinheiro morar. No tempo dos meus avós, possuíamos, na praia do Barbosa, uns barracões grandes, que serviam para se quebrar coco. Vinham canoas cheias e as pessoas aguardavam com um machado para quebrar o coco e tirá-lo da casca. A venda do coco servia de renda. Hoje tudo acabou.

MUDANÇA PARA SÃO LUÍS

Fiquei em São José de Ribamar até os nove anos. Depois a minha família transferiu-se para São Luís. Quando chegamos, fui estudar na Escola de Aprendizes Artífices que se chamava Educando, localizada no Diamante. Papai começou a fazer linguiça para vender. Nós morávamos no Codozinho, Codó de cima. Depois moramos no Codó de baixo. Na década de 30, mudamo-nos para o beco da Mangueira e só saímos de lá quando a Revolução estourou na cidade, porque veio uma ordem do governador para que todas as famílias se retirassem do Centro da cidade. Nesse período, fomos para a Vila Maranhão, onde permanecemos por muitos anos. Eu já esta-

va com meus 10 anos quando comecei a lidar com bumba-meu-boi. A primeira brincadeira de bumba-meu-boi em que me invoquei foi o boi da Madre Deus. Morava, nessa época, na rua de São João, e o boi foi brincar no largo de São Tiago. Fugi de casa e acompanhei esse boi. Passei sábado, domingo e, na segunda-feira, ao meio-dia, mamãe foi me buscar defronte do hospital do posto da Madre Deus. Estava com os pés inchados de andar, nu da cintura para cima, e minha mãe me levou para casa e deu-me uma surra muito grande. Mas aquilo passou, já tinha brincado. Isso em 1930. Nesse tempo, cantavam no boi da Madre Deus, Zé Igarapé, Marciano e Macaquinho. Depois apareceu Zé Camões; eram eles quatro. Zé Igarapé e Marciano se encostaram. O nome do boi era Assombrador.

Da Vila Maranhão, fomos morar em uma casa que papai comprou no Monte Castelo... Sempre brinquei em outros bois, agora meus mesmo, coloquei dois na Vila Maranhão.

Eles eram sotaque de louco porque eram bois de criança.

Nós nos enfeitávamos com tranças de cebola e o couro do boi era enfeitado com caco de vidro. Eu tinha de 12 para 13 anos. O maracá, a gente achatava a lata, ia fazendo todo o serviço.

SOCIEDADE RECREATIVA FOLCLÓRICA ROSARIENSE

Em 1942, já morando no Monte Castelo, entrei para o Exército. Surgiu a guerra. Fui para Fortaleza e lá fiquei. Tive baixa em 1945 e retornei para São Luís. Em 1972, cheguei a Rosário, encontrei o movimento parado, então fundei em 1973 uma comunidade "Sociedade Recreativa Folclórica Rosariense", porque sempre lidei com comunidade. Ave Maria! Diziam que eu queria enganar o povo.

Na época em que comecei com boi em Rosário, existia o boi de São João do Rosário, que era de Camilo Barbosa, mas

estava parado. As pessoas foram chegando e nós iam colocar um boi muito valorizado...

As brincadeiras hoje são diferentes das daquele tempo. Nós fazíamos um grupo caipira de criança. Enfeitávamos com chapeuzinhos de palha, chamatozinhos e ficava uma brincadeira muito bonita porque o que é feito por criança fica belo, como por exemplo reunir um grupo de 20 crianças, pô-las no cordão e ensiná-las a dançar; rápido aprendem e sem querer fazem uma evolução. Cada qual para um lado, fica uma coisa engraçada. Agora se se for pegar no braço de uma criança para endireitar, ela se zanga, fica amuada. Então escangalha o negócio.

Existiam muitas brincadeiras. As mais práticas que nós tínhamos para criança eram o coco e o boi. Em Rosário não sei, porque não conheci as brincadeiras daqui, mas por aí afóra era isso que nós fazíamos. Às vezes pensamos em realizar uma coisa e dizemos: Ah! Por que é difícil? Não é difícil... É porque o reggae, o bolero e a lambada tomaram conta de tudo. Se por um acaso fizéssemos um reggae, uma lambada, outra doidice daquelas e no meio pensássemos em fazer uma dança estilizada, muitas pessoas iriam parar para ver aqueles passos porque não se fazem mais. Não se ouve tocar fox, valsa, samba-canção e, naquela época, era o que a gente queria: música clássica para dançar. Hoje é só pular, paga-se para pular, por isso é que deixei de fazer festas, porque a primeira coisa que eles fazem é apagar a luz do barracão. Eu deixei de fazer festas, mas existe muita coisa boa que nós podemos aproveitar. Olhe, vou lhe dizer uma coisa: se nós tivéssemos um meio de separar um grupo de São Luis que dissesse "vou dar um passeio no interior para fazer um reajuste naquilo que fiz", aproveitava-se muita coisa. Os próprios colegas vão dizer: onde vocês aprenderam isso? Não tem outro caminho, foi pesquisando. Amanhã ou depois nós vamos nos reunir para fazer o trabalho, e descobrimos que se tornou grande. Mas, por que se tornou grande? Porque teve continuação.

Um trabalho, nós o fazemos num dia, em dois ou três; é como faço aqui em nossa brincadeira. O que fiz este ano no próximo ano não vou repetir. Vou estudar, inventar: estou preparando um boi de chapéu de rosas.

Só eu tô há 20 anos aqui: nunca mais vi boi de chapéu de rosa.

Nunca mais ouvi falar, mas tenho certeza de que, quando colocar este boi, não vou fazer tolice, vou fazer uma coisa que será apoiada em todo o Maranhão.

PASSADO E PRESENTE

Antigamente, fazia-se boneca de fibra de talo da embaúba; eles costuravam, pintavam e ficava uma coisa linda. Depois que começaram a fazer boneca de pano e de plástico, as de embaúba acabaram. É muito difícil achar quem ainda faça esse tipo de boneca. Fazia-se de formato godê, lisa, do jeito que a pessoa quisesse. Hoje, pega-se uma menina e diz a ela: faça uma boneca de papel. Ela não sabe fazer porque, se a criança pega uma tesoura para cortar papel, a mãe chega e bate nela. Antigamente ela fazia a bonequinha de papel para brincar. Fazia vestido, calça, tinha diversos estilos de roupas. Então, nós ficamos de uma tal maneira que nem sabemos mais o que inventar para os nossos filhos, porque só existem bola e boneca plásticas. Até o sopapo de palha de milho não existe mais. Tudo isso se acabou!

Os papagaios continuam a mesma coisa, porém mudou a época de brincar. Encerrava-se no sábado de Aleluia às seis horas da tarde, quando se arrebetavam todas as linhas e se ia embora. Mas agora, não! É de um ano para o outro.

Antigamente não tinha época para começar a brincar papagaio, mas se encerrava no sábado de Aleluia. Havia disputas de cerol; muitas pessoas passavam o dia inteiro misturando vidro, passando-o na linha para ver qual era o melhor. Por um acaso conheci aqui no Maranhão duas pessoas que

faziam cerol famoso: um era Bibi Cachaça e o outro, esqueci o nome, morava no largo Santiago. Fazia jamantas grandes e todas as pessoas gostavam. Havia jamanta capaz de carregar qualquer pessoa devido à pancada do vento. Existiam pessoas que as empinavam com linha dois zeros. Só a linha dois zeros para agüentar a força do vento. Havia pessoas que usavam carretel para enrolar a linha. Nesse tempo tudo era na base da ignorância. Cada qual queria fazer maior e melhor. Parece que não existe mais linha dois zeros!

Além das jamantas, existiam as andorinhas, mas eram menores. Bode, curica, tudo isso existia. Ainda tinha um negócio: a pessoa estava brincando aqui e dizia:

- Vamos fazer um telefone?

Pegava uma folha de papel, furava, colocava no tubo de linha, botava na linha. O papel ia bater no fim do papagaio. Lá ficava. Acho que aquilo era o telefone.

Nós tivemos tanta coisa que às vezes passa pelo sentido.

Ainda se vê a brincadeira de pegador ainda se vê em alguns locais, como aqui na minha porta. Outras vezes estão brincando no mato de preto fugido. Às vezes eu falo: meu filho, não vá cortar o pé aí... O peão é uma brincadeira que até hoje existe. Eu tinha vontade de fazer uma rinha de peão, negócio de ponto. Nunca fiz porque não tive condições. Seria um jogo, com diversos times disputando uns contra os outros. Numa quadra em que coubesse a rinha do peão seria feita uma roda com os pontos para a pessoa jogar, marcar ponto, disputar um campeonato, uma coisa qualquer, mas não a dinheiro. Ao redor, colocava-se uma tela de arame forte para evitar que o peão pulasse e batesse na assistência. Aquilo seria uma diversão. Quantas pessoas não iam apostar no peão do outro? A contagem dos pontos seria assim: começava de um até 12; cada rodada que ele desse, era conferido ponto. Se fosse para fazer cinquenta pontos, aquele que fizesse primeiro ganhava a partida. O regulamento teria que ser feito

depois da coisa pronta para ver como as pessoas reagiam. Seria um esporte pelo qual talvez desse até para cobrar na porta se tivesse uma quadra bem feita, arquibancada, como briga de galo. Se nós conseguíssemos fazer um serviço desses, o camarada iria treinar para fazer de 10 para cima. Mas a questão é que às vezes nós temos certa idéia e não temos recursos para realizá-la.

FESTAS E COMIDAS

Antes de eu nascer, já existia a festa de São José de Ribamar. Antigamente, para mim, era melhor que hoje, porque nós víamos mais pessoas indo de embarcação do que por terra. Havia pessoas que saíam uma semana antes de um lugar para outro a fim de alcançar a festa. Não tinha carro. Cada um fazia a sua comida. Tinha hotéis, tudo... Nós, por acaso, tínhamos uma barraca bem atrás da igreja. Até hoje ainda existe. É uma casa que tem telhado de louça. Lá, papai tinha garapeira, fruta, tinha tudo. As pessoas se alimentavam com isso. As festas não eram realizadas com radiolas, e sim, com instrumentos de sopro. Cada clube tinha sua orquestra. Não existia ônibus. Era caminhão boca aberta. O camarada chegava, entrava em uma festa e saía em outra. Era barato: tinha festa de 10 tostões e de 2 mil réis, a mais cara. Assim, não dava para a pessoa se alagar cedo. E quando se alagava, era na tiquira, porque quem chegava a São José não queria saber de outra bebida; era só tiquira. Compravam uma jarrinha de barro e a enchiam com essa bebida para que as pessoas não vissem. A tiquira, vou lhe dizer: pega; e quando pega é feio. Ela é safada. A pessoa que não se ela embriaga. Eu mesmo cansei de beber tiquira, pisar na água, sentir a barriga chocalhar, mas nunca houve desacordo, nunca fiz doidice.

Trabalhava no meu caminhão boca aberta. Na hora da procissão, parava meu carro e ia brincar. Terça-feira da festa, só trazia liso; quem tivesse dinheiro não vinha comigo. Parava o carro na porta da igreja e dizia: vamos embora! Eles

já sabiam: "Machado vai para cidade." Enchia o carro. Outros vinham no carro da polícia. Hoje não tem esse negócio, é aquela correria, não se vê mais o término da procissão. Ela sai às 17 horas e, quando chega ao Cruzeiro, as pessoas já estão todas correndo para pegar o ônibus. Naquele tempo se via a procissão! As pessoas eram mais civilizadas, não havia traficância, ladrão, como hoje. Quando se encontrava um soldado, alarmavam-se e dizia-se: oh! encontrei um soldado! Não tinha essas coisas porque, quando eles pegavam qualquer um, apanhava muito. Hoje ocorre mais isso porque todo mundo sabe que não se pode fazer nada contra ninguém. Se um ladrão chegar, Deus me guarde de abecar. Em um assalto você tem de entregar tudo, não pode reagir, porque se ele puder, mata. Se você o ferir vai para cadeia. Ele sabe que tem apoio de toda parte.

Em São José, ia-se para veranejar. As pessoas não queriam saber de nada; só de peixe-pedra, camarão cozido, comidas típicas, doces, que nem conhecemos hoje. Na casa da minha avó fazia-se pão-de-ló: uma massa no leite de coco que, ao ser partida e colocada na boca, desmanchava-se. Atualmente eles colocam uma saca de trigo para dois cocos, não sei quantos litros d'água. O não-me-toque é diferente. Vou dizer o processo: pega-se a tapioca de goma, coloca-se no leite de coco, tira-se a gema de dois ou três ovos e bate-se até tirar o pixé todinho. Quando a massa ficar em ponto de neve, vai pegando e fazendo do feitio que se quiser. Põe-se na forma e coloca-se ao sol para assar. Fica amarelinho que é uma beleza.

A broa é cearense. Existe aqui no Maranhão, mas a boa mesmo é do Ceará. O beiju nosso é feito no período da festa ou não. Há lugares no sertão em que, pela manhã, é só o que se vê. Os licores, quando eram feitos para se tomar no dia primeiro do ano, eram feitos com álcool 40; maracujá, jenipapo já estavam em infusão há muito tempo, eram levados para ferver, apurar... Era uma coisa fantástica. Hoje em dia compra-se um litro de 51, espremem-se duas laranjas, põe-se um bocado de açúcar, está pronto.

O jeito é esse mesmo: levar o barco para frente, que consertar não se conserta mais.

Após a festa de São José, passavam-se oito dias e começava a de Santa Terezinha. Isso era tradicional. Havia ainda as procissões de São Benedito e Senhor Morto. A festa de Santa Terezinha tinha a mesma tradição da de São José, porém participava um menor número de pessoas. Vinham pessoas das cidades próximas: Axixá, Icatu, Morros essa Baixada todinha, barcos de Belém, de todo lugar. Quando chegava a festa, dizia-se assim: lá vem uma navegação - que era um barquinho de papelão, ou de buriti, lacrado, cheio de promessas. Só parava na praia de banho. Nessa hora, o sacristão vinha e a levava para a igreja. Hoje não se tem isso, não há mais respeito; tenho certeza de que, se a pessoa encontrar um barco no meio da maré, agarra-o. Certa vez aconteceu de um barco sair da Bahia e bater em São José.

O carnaval nunca... nem diminuiu, nem aumentou. Quando ele quer cair, é quando a crise está ruim, o pessoal o faz levantar-se, que carnaval todo tempo se brinca.

Mas já foi muito diferente. Hoje não vemos mais as fantasias que nós víamos antigamente. Eu chegava a uma festa, dançava com uma moça, não sabia nem de que cor essa moça era, avalie saber com quem estava dançando. O dominó era uma fantasia que compunha qualquer dama. O carnaval era de rua! Hoje sai da Sede, vai para uma casa. Fui fundador da casa de roça, trabalhei junto com Henrique.

Começou assim: nós estávamos na garagem de Emídio, em Roma Velha, fazendo carrocerias de ônibus. Tínhamos dois chassis, e quando se aproximou o carnaval, inventamos de fazer uma casinha da roça. Deu certo! Fizemos o forno com farinha e tudo. Tinha tambor de crioula, índio, tudo feito na hora. A maior parte das pessoas que saíam na casinha da roça já morreram. A casa da roça completa só saiu um ano.

Ficou depois uma brincadeira tradicional. Eu saía na casa da roça como caçador e nas costas carregava uma gaiola comum, gato maracajá. Toda terça-feira de carnaval nós íamos para São José de Ribamar. Certa vez, lá em São José, eu já estava cheio de tiquira e ao colocar a gaiola nas costas, coloquei ao contrário e o gato maracajá me arranhou todo. Fiquei com as costas toda retalhada. Ainda tenho algumas marcas, mas só fui dar conta no dia seguinte.

Tudo isso acabou... A senhora nem sabia quando ia ser feito um assalto a sua casa. Preparava um bloco, colocava orquestra na frente, chegava, invadia e tomava conta da casa. Assim era. O curso acabou muito cedo, não ouço falar mais. Zé Maná fazia jacaré em cima de uma moto. Tinha o cruz-diabo. Baralho, quem gostava de colocar era Madre Deus. Quando ouço dizer que o Desterro fazia e acontecia... Não, era parado. Agora Madre Deus tinha espaço para isso.

BRINCADEIRA DO BOI

O bumba-boi não tem compositor. Eu acho um grande erro isso! Pode ter, como naquele tempo, mandador ou amo do boi, uma coisa assim. Mas, compositor?

Compositor é uma coisa fina. Note que a pessoa que tira a toada de bumba-meu-boi às vezes não sabe ler. Quem lê um pouco já tira umas toadas melhores, mas outros, não. Hoje o sujeito fica na mesa dois, três dias fazendo uma toada. Eu não aceito isso, não tenho nenhum amo profissional. Aqui eu os coloco para cantar: se está errada, nós consertamos e preservamos a música de bumba-boi. Em outros lugares ela está sendo transformada de toada em outra música. Com isso, estão acabando com o boi!

A brincadeira do boi era o seguinte: eu convidava 10, 15 pessoas para brincarem. Elas recebiam tudo pronto. Não se via uma pessoa de sapato no meu boi. Todos usavam chame-tó. Eu acho que a ligação da classe média para a alta acaba escangalhando a brincadeira. Naquela época, existia sua riqueza... Se eu quisesse mais pessoas no meu boi, colocava

dinheiro para pagar. Então virou comércio. Hoje em dia pobre não pode ver o boi porque o mais barato nessa região, segundo seu dono, cobrou 600 mil por uma apresentação. Aqui só há um boi a que se pode chegar e dizer:

- Seu Machado, eu queria que o seu boi fosse brincar em Teresina. Vamos ver como se faz: folha de músico é tanto, despesa do carro, tanto, e, lá, a estadia do pessoal eu dou. E o grupo?

- Não é nada.

Só o meu grupo é assim, não virou comércio.

Vou lhe contar uma coisa que aconteceu comigo este ano: eu não ia colocar a brincadeira. Vieram aqui em casa e me encontraram todo inchado.

- Vamos botar a brincadeira?

Eu disse que não podia.

- Eu ajudo, faço tudo!

- Se estiver bom, no Sábado de Aleluia se bate - eu disse.

Sábado de Aleluia, estava melhor. Bati, porque se a brincadeira bater, ela sai. Não tinha nada em casa, mas tinha um boi pintado e umas roupas. Acabamos de consertar e colocamos o boi na rua. Antes de sair, faltaram camisas. Fiz um crediário de 840 cruzados. Depois que fiz esse crediário, arriaram... O que aconteceu? Ele não queria ajudar pagar o crediário, arria.

Sábado de Aleluia, para mim, é o início da brincadeira. Se não houver ensaio, ela deixa de sair, mas, se eu tocar, sai nem que seja à paisana.

Uma ocasião o meu boi foi classificado no grupo A no Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho e recebi um milhão de cruzeiros. Recebi, ainda, quatro ofertas e as aceitei porque devia muito. Dia desses eles vieram aqui:

- Machado, eu queria te fazer uma pergunta.

Eu disse:

- Por quê?

- Tu achas que essa classificação está firme, ou pode cair?

- Rapaz, eu acho que pode cair. Nós somos seis ou sete

grupos; se formos trabalhar no estilo em que eu trabalho, se vocês fizerem o que eu faço, volta a brincadeira para o que era. Talvez façam melhor que eu. Ai vocês me derrubam. Também não me deram resposta! Agora, com essa idéia que tenho com Dona Zelinda, eles não vão me derrubar. Elas se achatarão cada vez mais.

Como falei anteriormente, fui estudante da Escola Técnica. Meu ofício era o de sapateiro. Em 1933, saí da Escola e passei a ser ajudante de pedreiro. Depois fui embora para a guerra. Cheguei até Fortaleza. No Exército, passei pela Infantaria e, de lá, para o Segundo Quinto. Em seguida, entrei para a Escola Motorizada. Graças a Deus, tive a honra de voltar para minha terra como mecânico. Hoje sou aposentado pelo FUNRURAL e recebo uma ajuda da prefeitura pelo serviço de limpeza de que tomo conta. Aqui, na minha casa, tenho esse colégio de alfabetização e não cobro um tostão de pessoa nenhuma. Recebo uma ajudinha mensal da prefeitura e com isso vou vivendo, mas nunca esqueci que, para vencer e romper, tem-se que trabalhar com honestidade. Como eu lhe disse, para mim pode entrar e sair prefeito. Não tenho nada com a vida deles. Tenho, sim, com meu trabalho e com a honestidade.

Quando o MOBRAL acabou, deixaram-me uma máquina de laudo e já fiz de tudo para ver se mandava colocar a borracha. Funciona bem, mas a pessoa colocando e tirando a fita com a mão. Não há outro jeito.

Aqui, em Rosário, o boi do Machado é um pouco diferente das outras brincadeiras. A brincadeira designada por mim não é comercial, não há folha de pagamento para pessoa nenhuma. Aquilo que se recebe, divide-se, conforme dá, para cada um. Aqui não tenho compositor, como eles dizem. Não há esse negócio. Não vejo um melhor que outro. Todos somos iguais, para não haver choque dentro da brincadeira. Se por acaso um amo canta melhor que outro, é porque tem a voz boa e sabe melhor a letra da toada. Canta bem porque é o que ele sabe, não está pedindo emprestado a pessoa nenhuma.

Quando cheguei em 1972 à rua de Baixo, disse:

- Vou botar um boi!

Arrumei 72 crianças, enfeitei-as, os pais me ajudaram: chapeuzinho de papel de seda, muito bonitinho. Achando dificuldade em andar com essas crianças, pedi emprestado o caminhão em que eu trabalhava como motorista. O dono emprestou-o. Ensaiei o boi. Quando foi o dia de sair, coloquei as crianças no caminhão e fui brincando pela cidade. Começaram a comentar que o boi da turma de baixo era rico, não andava a pé. Mas não era por ser rico e, sim, pela dificuldade que tinha em andar com 72 crianças.

Em 1976 registrei a essa sociedade e coloquei boi de adulto. Nesse período, Dorinho, secretário da Prefeitura, me chamou:

- Machado, nós vamos mandar enfeitar um boi e tu vais tomar conta dele.

Mandaram fazer o boi, deram-me e o ensaiamos. O rapaz que estava bordando o boi não o entregou, lá dando uma confusão... Consegui outro boi emprestado e coloquei-o na rua.

De lá para cá, temos encontrado diversas dificuldades, mas, graças a Deus, mantendo sempre o boi nesse ritmo. Já saímos três vezes para Estados vizinhos, promovendo a cidade. Fomos passar quatro dias e ficamos oito em uma cidade; noutra ficaríamos por três dias, mas permanecemos por cinco. Na ocasião em que íamos para Timon, o prefeito não cumpriu o combinado e o boi não foi. Mas estou muito satisfeito de ter adquirido essa brincadeira humilde. Já se romperam esses anos todos sempre no mesmo ritmo. Em 1990, mesmo doente, coloquei o boi. Em 1991, não o pude colocar e entreguei-o a um colega, porém fiz tudo. Ele colocou, saiu daqui. Em 1992, recebi o boi de volta. Agora, tive a honra e um grande prazer que nunca Rosário havia tido: trazer uma brincadeira classificada no grupo A, junto com bois grandes. A única coisa que almejo no momento é que vocês da Secretaria da Cultura, sabendo que eu faço a brincadeira do jeito que era no passado, levem à frente essa batalha para ver se

não cai. Tanto eu como a Secretaria da Cultura iremos ser recordados pelo que fizemos. Já tenho o molde e continuo a dizer: a brincadeira será a mesma, não vai adiantar nem aumentar, nem dizer que vai haver novidade. Peço que vocês não se esqueçam de levar à frente aquilo de que estamos precisando. É ajuda pessoal. O molde do chapéu é este (mostra o molde do chapéu usado pelos bois do passado). É justamente o chapéu galola, aqui está: são duas bandas, que depois pegarão o formato do chapéu e que encheremos de rosas. Depois, aperfeiçoaremos o vaqueiro com peitoral e tudo.

Queria, também, apresentar a vocês um rapaz que não é considerado amo de bumba-meu-boi, mas está se sobressaindo. Há cinco anos o coloquei para cantar. Quando estou cantando o chamo para ficar no meu lugar. Está desenvolvendo direitinho. Tenho pedido muito a ele: não vá atrás de conversas dos outros, não se envaideça. Se ficar convencido, cai. Ele já compõe algumas toadas boas, apesar de não saber ler. Trabalha no repente. Chamei-o aqui para vocês conhecerem o que é um amo de bumba-boi. E se por acaso nunca viram, cheguem e digam: vi um amo de bumba-boi na casa de Machado, que tira toada sem escrever. Não se pode dizer que ele é um profissional, não sabe corrigir e nem compor direto. Só porque tira toada pode-se considerá-lo compositor? Eu acho que está longe.

Meus tios cantavam boi. O finado Secundino, que cantava na Mata, morreu quase brincando boi. O boi da Mata era muito respeitado. Havia um caboclo alto e forte, de voz grossa cujo chamató tinha quatro dedos de espessura e todo mundo o conhecia. Meu outro tio era Anoratinho. Morava em São José dos Índios e morreu de ataque do coração cantando no boi, agarrado a ele na porta da igreja de São José dos Índios. Dizem que ele é o Lourencinho que baixa em sessão de Tambor de Mina. Eu não tenho muita lembrança dele. Agora, do Secundino, tenho. Brinquei muito com ele essas coisas. O boi hoje vadia por lá nas mãos dos outros.

A roupa, naquela época, era diferente. Nós procurávamos estilizar mesmo, não era dizer que eu saía de encarnado e

aquele outro também. Não, cada qual saía de uma cor. Não era traje a rigor.

As roupas dos brincantes eram misturadas. Os vaqueiros usavam chapéus de fitas e os caboclos de pena utilizavam penas de emas. Hoje em dia só quem usa essas penas é o pessoal da ilha. Nós, aqui, usamos penas de galinhas por não termos condições de comprar as de ema. Estou com vontade de preparar pelo menos oito caboclinhos de pena, mas, se não puder adquirir pena de ema, nem que seja de siriema, que é mais graúda, farei a roupa deles.

Os enfeites eram diferentes. Hoje se compram enfeites que custam cento e tantos cruzeiros. Antes não existia isso. Havia apenas duas casas que vendiam enfeites para bumba-meu-boi. Muitas pessoas não sabem disso, esqueceram. Eram só a Casa Brandão no Largo do Carmo e a Casa Waquim. De lá, ia-se à casa funerária a fim de comprar aqueles galões de enfeitar caixão de defunto, porque a maioria dos bois eram enfeitados com isso e, ainda, colocavam-se espelhos. Nós não tínhamos canutilho! Tínhamos lantejoulas, miçangas, fitas, contas de ajoufre, orvalho e vitrilho. Com a folha de papel malacacheta faziam-se enfeites iguais aos utilizados pelo boi de Guimarães (sotaque de zabumba).

Parece que até o papel malacacheta terminou, nunca mais o vi! Encontra-se agora o papel laminado.

A vestimenta era diferente: para fazermos um calção de um metro, gastavam-se quase dois metros e meio de pano. Havia pessoas que gostavam dele bem franzido. Quando ficava pronto, era aquele balão. Ainda tinha a ceroula de pano de algodão que ia até o calcanhar. O enfiador era quase um metro de pano para colocar de um lado e outro. Servia para arrumar nas canelas. Era uma coisa! Hoje em dia, há as perneiras, os meiões, tudo para facilitar. O mais difícil, no nosso caso, é fazer a morte antiga do boi, que não conheço, mas, se pegar as personagens e as suas funções, eu faço. Hoje em dia o camarada, para brincar de preto velho, não quer brincar de chitão, quer seda. Antigamente, tinha que ser enrolado numa varanda de rede ou num pedaço de tarra-

fa. Havia pessoas que se vestiam de pura palha de banana e ficavam parecendo palhaços. Era muito arriscado, pois havia fogo e tinha gente má que atirava fogo neles. Ainda houve casos de queimaduras.

Meu primeiro boi foi só de pandeiro, não tinha orquestra. Eu já vim colocar boi de orquestra em 1975. Porém sempre gostei só de um músico acompanhando meu boi para não ficar aquele baile. Às vezes, no máximo, coloco dois. Este ano, coloquei dois que me deram com o pau na molcira: o saxofone não valia nada, atrapalhava mais do que outra coisa, não acompanhava a minha voz, nem a do outro cantador. Queria que nós o acompanhássemos. Ficava ruim.

A matança do boi era uma diferente da outra. Cada qual faz uma matança num sentido. Na minha matança, esse ano, foi bolado o seguinte: o pai Francisco se fingia de professor, vinha pedir um local para abrir um colégio, para ensinar às índias e ao pessoal da redondeza que não sabia ler. Ele chegava, pedia e eu dava, tudo combinado com o sócio. Quando ele chegasse, iria ver e dizer para mim que não tinha condições de construir o prédio. Eu dizia a ele que o ajudaria. Então ele me pedia que eu o ajudasse na alimentação. Eu negava essa ajuda, não tinha necessidade, porque ao redor da fazenda existia muita caça, ele que pegasse a espingarda e fosse para o mato caçar. Com isso, ele aproveitava para dizer que ia caçar e roubava o boi. Começava a comédia, mandava prendê-lo e tomava dele o boi.

Outros fazem com casamento!

As roupas, nós começamos a fazê-las antes e, entre os dias 5 e 10 de maio, as entregamos juntamente com os chapéus ao pessoal.

Somos nós que engendramos o bordado do couro do boi. A carcaça é feita em Rosário. A deste ano quem fez foi Fortunato. A próxima, não sei se eu mesmo a farei ou se mando outra pessoa, porque a minha vista já está ruim. O restante é feito aqui por costureiras de fora e também da casa, como, por exemplo, Dona Domingas, que é incansável, pois faz bastan-

tes roupas. Damos um agrado às pessoas da casa que nos ajudam, e as de fora cobram por peças.

TOADAS

Vou fazer o seguinte: puxarei uma toada minha e mandarei o rapaz que convidel, continuá-la porque é a mesma coisa. Vamos cantar aquela toada nova: Ano Passado.

Ano passado
Eu não brinquei
Mas esse São João vai me ajudar) bis
Eu não recuo
E nem hei de recuar) bis
Minha roseira
Ela não vai murchar
A rua 13 de Maio
Tem jardineiro pra molhar) bis
Ê lê ê lê lê
Ê lê ê ré
Ê lê ê ê
Ê ê ê ê

Tem essa outra:

Garota vou pagar
Sua promessa
Se você me ajudar
Garota vou pagar
Sua promessa
Se você se ajudar
O bem se paga com o bem
O mal não se deve pensar
Por isso eu tenho a certeza
Que São João quer que
Eu vá brincar
Ê lê ê lê...

Vou lhe dizer o seguinte: "existem pessoas que não têm fé em Deus e colocam alho macho, azougue, para proteger o boi, porque há muito olho grande em cima da brincadeira". Já inventaram que a doença que tenho foi para me matar por causa desta brincadeira ter se tornado famosa lá fora, mas nada disso temo. A única coisa que tenho é fé em Deus e em São João. Na hora de sair com o meu pessoal, rezo uma ladainha entregando meu boi para o meu santo padroeiro. Esse negócio de dizer que está me fazendo isso ou aquilo, não sou como muito católico que existe! Agora mesmo inventaram que estão matando não sei quem. Eu disse:

- Deixe-os matarem, porque inveja existe muita e não dou trela.

Por último, chegou a notícia de que ando puxando saco de Dona Zelinda. Estou lá me incomodando! Por que eles não vão onde ela está? Acho que a porta está aberta para todos.

Atualmente não se pode falar em morte do boi. É muito difícil uma pessoa pedir, porque a brincadeira pode estar boa como estiver, mas, se entrar a morte do boi ela decai, devido às toadas serem mais lentas e as pessoas não poderem estar pulando. Então nós temos que fazer o seguinte: lembrar ao povo que ele está tirando a beleza do boi que é a morte. Você olha o cordão e não pode fazer o ritual da morte. Se a brincadeira chega a qualquer arraial, a primeira coisa que mandam fazer é descobrir o boi. Mas era para ele entrar coberto; o povo só o veria descoberto quando o matasse. Hoje não ocorre mais isso. É difícil uma brincadeira qualquer dizer assim: eu fiz a morte do boi em tal parte. Nós ensaiamos a morte do boi, mas não fizemos sequer uma apresentação, porque as pessoas não pedem. Nós fazemos por fazer! Não existe nenhuma mudança em relação às brincadeiras passadas, quer dizer, só há uma: não se canta toada velha.

Procura-se estudar toadas novas para fazer naquele ano. Toada que outra pessoa não tenha feito. Nós temos muitas toadas antigas que nunca decaíram. De vez em quando, durante o ensaio, chega um e diz: fulano, cante aquela toada assim, assim. Nós nem nos lembramos mais dela! Então fica

quase a mesma coisa. A diferença que há é essa: se pedirem para fazer a matança, nós a fazemos; se não a pedirem, não a fazemos. A realidade é essa.

Agora, a matança do encerramento é o seguinte: o boi brinca na sexta-feira até as três horas da manhã na casa do vaqueiro. Entre três e quatro horas, ele se esconde em qualquer casa, sendo que o vaqueiro vai junto com o pai Francisco. Nós o enfeitamos com melão de São Caetano e, quando ele retorna, vem com a cabeça cheia de mato. Passa o dia, almoçamos no rebanho e, entre três e quatro horas, nós trazemos o boi. Pegamos o mourão e o enterramos. Aí, o vaqueiro está laçando o boi. Quando nós queremos que a madrinha lace o boi, fazemos o pedido e ela laça. Quando não queremos, o vaqueiro laça. Ela vai (a madrinha) e traz o boi.

Este ano, nós queríamos fazer uma cerimônia especial: o vaqueiro laçava o boizinho ali fora. Quando viesse de lá, Dona Zelinda e eu o receberíamos na mura. O boi seria sangrado pelas mãos de Dona Zelinda. Depois, soltava a corda, tirava-se o couro e saía-se distribuindo vinho para as pessoas ao redor.

Quando era mais fácil para fazer uma capoeira, cortava-a todinha e o amo a dividia. Pedaco de costela para fulano, miolo, cabeça, tudo. Depois dividia-se o mourão. Hoje não se pode fazer isso porque só a capoeira está custando 500 contos.

Fazia-se tudo isso cantando. O amo chegava: "o senhor vai levar um pedaco de filé para fulano, a senhora levará um pedaco de costela..." Assim era enquanto não se acabasse de dividir aquele boi todinho. O boi era cortado a facão e a machado, mas hoje em dia não se faz mais isso.

O mourão é enfeitado com pastilhas e outros objetos. Ele é próprio para ser usado na ferra!

O vinho dividido entre todos é uma lembrança da morte do boi. Ao pai Francisco cabe a função de furar o boi e acompanhá-lo até que derrame a última gota de sangue.

Os instrumentos que uso no meu boi são: bombos, dois banjos, um trombone, um cavaquinho e um tamborim.



A gente ia brincar boi, a pé, até no Ribamar, no Sítio do Apicum. Agora brincante quer carro, dinheiro para levar no bolso, cigarro.

João de Chica



Para fazer Boi, há muita dificuldade. É preciso muita camaradagem.

Calça Curta

JOÃO FRANCISCO DO ESPIRITO SANTO
(JOÃO DE CHICA)
(1921-1995)

JOSÉ RAIMUNDO FERREIRA (CALÇA CURTA)
(1928-1994)

João de Chica e Calça Curta, donos de brincadeira de Bumba-boi da Maioba, a partir de 1961. Falam do Boi que brincaram na infância, de como foram ficando viciados e continuaram, "para o lugar não ficar sem brincadeira"; a importância dos cantadores "Dá na Vó" e "Chiador"; a construção da igreja e do barracão; a fundação da sociedade; a tradição; o batizado, a morte do boi e a lavoura.

BRINCANDO NO BOI DA MAIOBA

JOÃO DE CHICA - Meu nome é João Francisco do Espírito Santo. Nasci na Maioba, no dia 31 de outubro, de onde nunca saí. Sou filho de Luís Cândido Ferreira e Francisca Viana Ferreira. Quando criança, brincava com outras crianças, meus amigos. Eram muitos e não lembro o nome deles. A maior parte já morreu. Na Maioba, tinha muita areia, a gente não podia andar e os carros ficavam atolados pelas estradas. De lá para cá, veio se modificando, e está tudo modificado.

Não lembro o ano, mas o primeiro Boi que brinquei foi em Bacuritiua, Boi de "Boca Preta". Nessa época, passei oito anos brincando com Luís Costa, com roupa de fita. Com "Zé Gogó" ainda brinquei de rajado, depois acabei com a roupa e passei a ser matraqueiro. Pandeiro, nunca soube bater.

Na "parte de baixo", foi o local da Maioba que mais teve Boi. Já encontramos Boi lá. Quem fazia era "Joaquim Cabrito", avô da minha esposa e dono do terreno. Aqueles que queriam, vinham fazer com ele.

Depois desses Bois, parece que, por uma temporada de uns oito ou dez anos, Maioba não teve Boi. Então "Zé Gogó" fez um Boi e trouxe "Dá na Vó", que cantava no lugar vizinho. Aqui já tinham existido outros cantadores como: Paulinho, Januário, Luis Costa, Raimundo Gordo. Mas, dessa gestão para cá, "Dá na Vó" foi considerado um grande cantador. Ele veio cantar na "parte de baixo" com João Pedro, um ano depois que "Zé Firmo" disse que não queria mais o Boi na porta dele, porque a sua mãe tinha morrido. De lá para cá, fomos nos criando, ficando viciados e continuamos, para o lugar não ficar sem brincadeira.

Comecei fazendo Boi para dar gosto a "Dá na Vó".

Em 1960, ele estava em Ribamar, cantando um Boi de Domingos, filho de Seu Deobilio. Ele me chamou e pediu que eu fizesse um Boi para ele cantar.

Eu disse:

- "Dá na Vó", eu não vou fazer Boi, porque não tenho condições de fazer.

Ele insistiu:

- Não, você vai fazer o seguinte: vai fazer um Boi para eu cantar e nós fazemos um Boi de cofo, para "metermos cachaça".

- Mas eu não tenho condição.

- Não, mas você vai ter de fazer.

Entrou para a roda do Boi, pegou o apito, parou a brincadeira e anunciou que, no ano seguinte, eu é que ia fazer o Boi. Então eu afirmei:

- Mas, rapaz, não tenho condição.

- Mas, nós vamos "meter cachaça".

E de lá para cá, a gente ficou nesse negócio de meter cachaça. O Boi ficou, se criou mesmo e ainda não parou."

Em 1961, fiz o primeiro Boi; foi "Dá na Vó" quem cantou. Ele perguntou se podia trazer um amo para ajudá-lo a cantar. Eu lhe disse que era dono do Boi, não era amo, e que se achasse conveniente trazer uma pessoa para ajudá-lo, eu aceitava e não dava palpite, que tinha responsabilidade com a brincadeira, mas a cantoria quem resolvia era ele. Ele trouxe Chiador e me apresentou. Chamei o pessoal e "Dá na Vó" os apresentou. Até parece que estava adivinhando ao trazer uma pessoa para ajudá-lo porque, após terminar o Boi desse ano, adoeceu e morreu. A partir de 1961, Chiador vem fazendo a cantoria. Brincamos três anos fora da Maioba: um em Santana, um no Maracanã e outro no Matadouro, acompanhando Chiador, porque ele só ia se a tripulação o acompanhasse. A Maioba ficou sem Boi, de luto pela morte de "Dá na Vó".

O BOI DE "BOCA PRETA".

CALÇA CURTA - Meu nome completo é José Raimundo Ferreira, chamado Calça-Curta. A data do meu nascimento é 4 de novembro de 1928. Nascido e criado na Maioba, sou filho de Tomás de Aquino Ferreira e Vitória Santos Ferreira.

Quando tinha oito anos, comecei a brincar no Boi de "Boca Preta", em Bacuritíua. Papai fez um pandeirinho para mim, ia para o Boi e me levava."

Fui crescendo e ia negociar na cidade. Vinha a todo ensaio. Não fazia parte de nada, só brincava, mas, todo o tempo, acompanhava o Boi da Maioba. Só acompanhava!

Antes não existia localidade certa para se fazer os Bois. Cada dono fazia em sua casa, quer dizer, um fazia aqui nesse ano, outro... Não havia mesmo um lugar próprio: Alemão fez dois Bois no Itapiracô. Mas todos os que a gente fazia, representavam Maioba.

Em 1977, "Seu Nado", que estava no Rio de Janeiro, mandou me chamar, e fui passar 15 dias com ele. Estelita viu

que eu estava muito doente e falou que se eu não morresse, trocava São João e fazia uma casinha, nem que fosse de palha, para colocá-lo dentro e rezar. No Rio de Janeiro, encontrei o Santo, comprei-os fiz uma carta para ela e ela o aceitou. Trouxe o santo, coloquei-o em cima da cama. Estava sozinho em casa, armava a minha rede por cima e dormia assim. O santo passou 46 dias na minha casa. Então, estávamos "metendo uns grode": eu, Alemão, Chiador, na casa de João Soldado, e compramos um terreno por dois mil cruzeiros.

- Ai, rapaz, faça essa igreja, depois lhe pago.

- Não, Anselmo só deixa fazer a igreja, depois de pagar.

- Rapaz, nós vamos... você não vai se mudar. Se eu não lhe pagar, você fica com a igreja.

- Não, ele só consente fazer depois de pagar.

Um deu uma coisa, outro deu outra, nos viramos, pagamos ao pessoal, fizemos a igreja em conjunto, colocamos o santo dentro e Alemão fez o Boi. Eu sendo presidente e Alemão, o tesoureiro. Um dia, Alemão "meteu uns grode", foi dormir com o dinheiro no bolso e roubaram-lhe. Como era para matar o Boi? Fomos aqui, acolá e matamos o Boi. Mas, como vamos fazer o Boi? Como é que se faz Boi? Dobra a reunião, chama o pessoal, para cada um contribuir, e paciência, porque está em cima! Era maio, hora de ensaiar o Boi. Então falei com Tonho:

- Tonho, "ninguém vai".

Fui na casa de Pedro:

- Pedro, vamos fazer o Boi?

- Vamos! Como é que se faz Boi? Mas, se fizer sociedade, eu não faço parte.

- Mas, rapaz, nós estamos fazendo sociedade; é para nós brincarmos Pedro!

Não estou bem lembrado, mas estávamos construindo o barracão quando isso aconteceu. Fizemos o primeiro ano, no segundo, no terceiro, no quarto, no quinto, 10 anos fazendo Boi. Então Pedro saiu e eu disse:

- Vou fazer um Boi de novo!

Mas tem uma história no melo: quis comprar um terreno de Domingos Severiano e ele disse que não o vendia. Quando morreu, a mulher dele o vendeu a Pedro Henrique. Então falei com Pedrinho e o comprei por 20 mil; já era o último aqui. Quando fez uns 15 dias que eu tinha comprado, ele disse que só vendia por 40 mil, porque o filho de "Boca Mole" queria colocar uma quitanda no terreno e tinha lhe oferecido 40 mil. Virei-me prá cá, prá lá e consegui 10 mil, para pagar os 40 mil dele. De lá para cá venho lutando.

Na época de Pedro, fizemos uma barracada para colocar comida. Depois que ele e dona Alcirema saíram, fizemos de tijolo o barracão, que era de taipa. Eu tinha dois mil blocos de cimento, que havia comprado por 70 cruzeiros, naquela época, e trouxe-os para o barracão. Fiz tudo direitinho, ficou bom para nós, então fundamos uma sociedade. Era diretoria! Tem o livro com o nome de todos nele. Eu disse: Não quero ser presidente, porque não tenho grandes conhecimentos, gosto de estar batendo o meu pandeiro, não gosto de compromisso com nada. Fui mais "Seu Nado" à casa de João:

– João, você é que tem que ser presidente, porque você é que vem lutando há muito tempo. Quem sabe?

Mas, dessa época para cá, compadre João ficou de lado porque adoeceu e não teve mais possibilidade de tomar conta, de trabalhar.

Vimos e estamos nessa: sou o presidente, Agenor é vice-presidente, José Inaldo, meu filho, está na diretoria, tomando conta com ele, para tudo me participar, me explicar e prestar-me conta. Antes era assim: "Vou fazer um Boi", e fazia mesmo; levava e todo mundo ia. Mas, comprei aqui, fizemos aqui e, hoje, é só aqui.

O BATIZADO DO BOI

JOÃO DE CHICA – Véspera de São João, batizam-se os bois: cada boi tem um padrinho e uma madrinha. Tem ladinha, o boi representa para o santo; "suja a barra" na porta da

igreja. Dão o nome de "sujar a barra" aquela representação que é feita para o santo. Só depois que representa para o santo é que ele continua a brincar, sai para as casas.

Todos os anos, o Boi faz uma representação na igreja de São Pedro, mas vai pela nossa responsabilidade, responsabilidade do Boi. Nós vamos ao Bonfim todo ano; de uns anos para cá, deixamos de ir. Mas todo ano a gente levava o Boi para o pessoal doente. Era uma alegria quando a gente chegava.

DESFILE NO JOÃO PAULO

CALÇA CURTA - Quando fizeram esse negócio de festival no João Paulo, houve ano em que brincou "Dá na Vó" com um Boi, e Germano da Mata com outro. Um cantava uma toada, o outro parava.

JOÃO DE CHICA - Nessa hora tinha concurso.

CALÇA CURTA - Terminaram aquilo, e agora é muita gente! É tradição, mas a gente só falta morrer.

JOÃO DE CHICA - Antes não havia isso. A Maioba fez essa tradição; com João Paulo e São José de Ribamar é a mesma coisa.

A gente levava a brincadeira para passar o São Pedro brincando, então, na hora de recolher, de ir embora, a gente passava na feira do João Paulo. Representava-o passando na feira, cantando. E, daí, foi começando, mas não havia nenhum que fizesse isso. A Maioba começou e os outros foram naquilo, foram fazendo. Hoje é que todos eles vão se encontrar ali para passar e ficam esperando uns aos outros. Enquanto Maioba não começa, os outros não começam. Maioba faz a abertura. Eles podem chegar mesmo na frente, mas ficam esperando. É só Boi da Ilha: cada um canta a sua toada, cada brincadeira representa suas cantigas e não existe disputa.

DIFICULDADES

CALÇA CURTA - Quando me entendi, e já acompanhava Boi para a cidade, saíamos daqui às quatro horas da tarde, a pé, com os bois.

JOÃO DE CHICA - ... nas costas

CALÇA CURTA - ... e começava a brincar na Forquilha, na casa de "Zeca de Macrino", na encruzilhada que vai para Ribamar. Brincava por lá, e na hora de vir embora, a gente voltava, a pé de novo!

JOÃO DE CHICA - A gente ia brincar Boi, a pé, até, no Ribamar, no Sítio do Apicum. Agora, brincante quer carro, dinheiro para levar no bolso, cigarro.

CALÇA CURTA - Dez, doze, oito, cinco pacotes de cigarro para dar, e o pessoal na roda do boi vai só enchendo os bolsos; de manhã cedo, leva.

Para fazer Boi, há muitas dificuldades. É preciso muito conhecimento, muita camaradagem, porque tudo é a peso de dinheiro, tudo é caro e nada chega. Pago pelo carro, 80, 100, 200 mil. Coloco carro para Ribamar, Olho d'água, até para aquele lugar que tem o rio Jaguarema poluído: Canavieira, Sítio do Apicum. Agora não tem mais Sítio do Apicum, mas restam: Tirirical, Turu, Boa Vista, Tapera, Porto de Mocajituba. Carro para buscar gente em todos esses lugares.

A MORTE DO BOI

JOÃO DE CHICA - Se for conferir mesmo, no dia da morte do Boi há mais de 10 mil pessoas. Vem o povo de fora, porque de todos os lugares tem carro; então fica um número grande.

CALÇA CURTA - O povo que mais "arreia" para a Maioba é do João Paulo, do Coroadó e do Sacavém.

Os feirantes vêm para a morte do boi, passam semanas bebendo, comendo, lavam roupa na fonte, botam-na para secar e não estão nem aí.

JOÃO DE CHICA - Dois barracões.

CALÇA CURTA - Uma semana de festa.

JOÃO DE CHICA - Só o que eles compram é a cerveja para beber (os que podem comprar, pois os que não podem, bebem cachaça).

CALÇA CURTA - No ensaio do primeiro Boi que teve, com "Zé Joaquim", eu mais João colocamos umas grades de cerveja para vender e não vendemos uma.

JOÃO DE CHICA - Naquela época ninguém comprava cerveja, só cachaça.

Quando saímos para brincar, todo mundo vai, porque os carros são de graça. Quanto mais transporte, mais gente para andar.

Há uns que vão, não batem uma matraca, nem saltam do carro, mas estão passeando, acompanhando o boi; quando saltam, fazem aquele número. Todos são do Boi e os carros andam cheios.

Quando se diz assim: "O Boi vai para um lugar que tem política", pois bem, se for para Iguaíba, vai todo mundo; para Ribamar, não fica ninguém; para João Paulo, acompanha todo mundo. Nessa hora é que vai firmar a brincadeira. É homem, é mulher, todos querem ir. O número é grande! Venha à Maioba num dia em que o boi está na rua e não se verá ninguém.

CALÇA CURTA – Aqueles que acompanham e não brincam, mas compõem a assistência.

Do primeiro ensaio até o último, os donos não conhecem nem sabem quem está no Boi, mas é do Boi! É uma população muito grande:

– Como é, compadre, é hoje?

Eu digo:

– É hoje!

– Como é, compadre, é Domingo?

Eu digo:

– É Domingo!

JOÃO DE CHICA – O Boi da Maioba tem muita mutuca. Às vezes, não estão participando, brincando, mas assistem.

CALÇA CURTA – Na feira do João Paulo é uma coisa! Se fosse conferir, dava mais de 20 mil pessoas.

AS BRIGAS

JOÃO DE CHICA – De 61 para cá, nunca houve briga.

CALÇA CURTA – Aconteceram confusões, mas fora daqui do Boi.

JOÃO DE CHICA – Nas brigas de ano com ano.

CALÇA CURTA – O povo é quem faz, cada qual, a política da sua brincadeira.

JOÃO DE CHICA – Com os donos, nunca teve política. De primeiro, Marciano, que cantava no Boi da Madre Deus, não acompanhava Boi da Maioba porque Luís Costa estava na Madre Deus e rebentaram o peito dele com uma pedra. Ele tem o peito fundo de uma pedrada que levou cantando Boi. Foi

brincante quem deu. Depois que um filho dele casou na Maioba, passou a amizade para cá. Então, foi terminando mais a política.

CALÇA CURTA - Maioba e Maracanã não têm rivalidade. No Boi de Maracanã, brincamos um ano com Chiador cantando e nós fomos acompanhar, brincando com Chiador.

No Juçatuba não havia Boi, brincavam na Maioba, mas agora, que inventaram Boi para lá, deixaram de brincar aqui. Ribamar não tinha Boi, brincava era aqui. Com esses, sempre existe uma rivalidade maior, mas não é para briga não.

JOÃO DE CHICA - Quando a gente se encontra e percebe que vai haver aquela maldade que ao conhecimento da gente, evita ir, corta antes de acontecer. Se a gente sabe que o boi de Iguaíba está com uma maldade, não vai no dia em que ele está esperando, vai no outro dia, livra aquilo. A mesma coisa é no encontro do Ribamar. Se a gente sabe que há uma perversidade nos esperando, a gente corta, não vai, brinca noutro lugar, chega fora de hora; é o tempo que já recolheu.

CALÇA CURTA - Nós fomos um ano para o Ribamar e, na ocasião, todos os Bois estavam brincando; o de Ribamar foi também. Chegando lá, entrei em um botequim para comprar cigarro e quando fui saindo, deram-me um murro que quebrou o meu nariz. Não soube quem foi e vim embora, lavado de sangue.

JOÃO DE CHICA - Não foi brigando não, talvez tenha sido alguém que hoje seja o maior amigo da gente.

Quando começamos com essa brincadeira, nós mesmos éramos a polícia. Não aceitávamos polícia; depois, começaram a existir certas coisas que não dava bem, começamos a pedir a polícia. No começo, trabalhávamos vigiando o povo, servíamos de soldado da polícia. Não dava certo, mandava embora; e quem ficava brincando, continuava.

Depois, entrou muita gente da sociedade na brincadeira, e Deus, Nossa Senhora hão de nos livrar sempre de briga. Se tiver briga em um Boi desses, Ave Maria!

CALÇA CURTA - Pelo povo que tem aqui, se tiver briga... Quando acontece uma zoada, é lá para a praça Dois, outra para ..., ninguém está sabendo; quando vai saber, é depois de o boi recolhido.

Da Forquilha até o porto de Itaituba, tudo é Maloba.

JOÃO DE CHICA - Às vezes acontece uma briga ou uma morte no porto; aqui ninguém está sabendo do que aconteceu, a briga está longe, mas dá Maloba.

CALÇA CURTA - Aqui é a Maloba do Jenipapeiro.

AUTO DO BOI

CALÇA CURTA - O Auto do Bumba-meu-boi apresentado antigamente é a mesma coisa do apresentado atualmente. É o mesmo jeito: caboclo de pena, caboclo de fita...

Aquele negócio de Mãe Catirina desapareceu. Atualmente, é uma boneca que representa. Ela é feita de palha de buriti, sai bonita! Eles pegam a imbirá e fazem o roupão. O nome dado a boneca é sempre o de uma personagem da novela que está passando na época. Quando começamos esse Boi, não havia mais Mãe Catirina.

O cara fez um boi pagando uma promessa e colocou nele o nome de "Fujão". Ele não é enfeitado, é pintado. Geralmente, anda nas casas pegando garrafas de cachaça, e as pessoas devem mais é se virar, para ajudar.

Compro carne e vendo-a na feira; planto e vendo verduras, tenho horta no Bacuritua, onde moro há quarenta e cinco anos. Mas, agora, a água do rio ficou escura e o povo está largando a lavoura, para trabalhar como empregado,

negociante, ou trabalhar com água encanada. Na minha casa, molha-se com água encanada de poço e bomba.

JOÃO DE CHICA - Antes de adoecer, eu era lavrador, mas parei. Vivemos cercados desses esgotos: Maiobão, Cohatrac, Cohab, todos passam aqui. A água ficou tão poluída que não se pode mais trabalhar com a lavoura. A maior parte do povo largou, mas, aqui, todo mundo trabalhava com verduras e cada qual vendia as suas. Vendemos a lavoura, por causa da água. Também, foi o tempo em que adoeci. Virgem Maria!



O boi se faz no campo, não na mesa.

Zé Paul

JOSÉ COSTA DE JESUS (1937)

José Costa de Jesus, conhecido como Zé Paul, nasceu no dia 16 de junho de 1937, em São Luís. Filho de Pedro Inácio Ferreira e Zuila Neuza de Jesus. Atualmente está aposentado pelo Sindicato dos Arrumadores de São Luís. Trabalhou no Colégio Marista. Na entrevista, fala da sua infância na Maioba; das antigas brincadeiras de Bumba-meu-boi e dos festejos do João Paulo. As brincadeiras de carnaval de São Luís: as festas, os corsos, as escolas de samba; os festejos de santos e o tambor de mina.

INFÂNCIA

Eu era de família pobre, aqui na Maioba. Sempre gostei de brincar. Nós somos três irmãos: eu, José e Júlio. Júlio morreu. Trabalhei desde cedo, ajudando minha mãe. Íamos nós três vender mato cheiroso e verduras duas, três vezes por semana no bairro do Monte Castelo, antigo Areal. O caminho da Maioba era esquisito, mas saíamos a pé até o Anil, onde pegávamos o bonde que era chamado de "cara-dura". Minha lida era essa. Tinha mais ou menos a idade de sete anos, acompanhava minha avó à Batuba, um povoado próximo à estrada que vai para o município de São José de Ribamar. Ia à casa da irmã dela para apanhar mato cheiroso e verduras para levar para a cidade. Eu era menino travesso, perverso; ia para o quintal do meu tio, cortava, comia jaca, botava fora, apanhava limão, levava muitas surras que só galinha para largar o choco. Eu batia numa irmã de criação que tinha. Se minha mãe não batesse em mim, acho que seria marginal. Fui criado com ela; não ia para casas alheias.

Quando saía com minha mãe que ela tomava um café em casa alheia, eu ficava zangado. Não gostava nem de beber água. Nunca gostei de casa alheia, a não ser quando eu caio na vida, aí vou longe.

Ia para a escola para pintar; rasgava a cartilha, levei muito bolo de palmatória. A Maria Regina, que era uma grande professora, ainda me ensinou. Eu atirava pedras nos outros, apanhava. Naquele tempo, tinha-se que a tomar benção aos mais velhos. Qualquer coisa que fizéssemos de mal na rua, o mais velho batia. Chegando à casa, não se contava, porque se contando, apanhava-se novamente. Só por bater, não estava certo; iam contar a minha mãe, era outra "pisa". Antigamente havia respeito. Tinha-se que tomar a benção aos mais velhos: "bença, titio". Chegasse à casa, "olha, Zuila, teu filho passou por mim e não me tomou a bença". Pronto, era taca na hora. Eles contavam à mamãe e nós apanhávamos de chibata. A paulada põe a criança no bom caminho; só conselho, não. Agradeço a meus pais por terem batido em mim, era peralta; se eles não me tivessem corrigido, direito, eu já teria morrido. Aprendi a respeitar os outros. O Direito agora diz que não se pode bater em filho: quem não bate, perde, porque o filho se transforma. À noite, eu me deitava: "oh! meu Deus, tomara que não amanheça!" Porque eu já sabia que a taca ia andar. Estou aqui um homem, respeitador, sei brincar no mundo, tratar as pessoas; por onde andei, deixei centenas de amizades. Trabalhei numa entidade muitos anos, sou querido dos meus amigos; chega uma brincadeira, eu tomo conta; entro numa roda de boi, as pessoas até me beijam.

A FAMÍLIA NA BRINCADEIRA

Meu avô morreu com 98 anos; chamava-se Pantaleão. Brincou com 15 anos, no boi do Estirão. O papai brincou desde garoto. Na minha família todos são devotos de São João. Acompanhei meu pai desde o período de criança. Ele contava histórias dos mais velhos que eu não conheci; recordo passa-

gens que vivi com a idade de três anos. Mãe Rita, esta com a idade de 106 anos, conta que teve dois bois: no Durico era de Simplicio. Depois vieram o boi do Piri, perto da Pindoba, e da Trizidela, do avô de Raimundinho, o do Estirão, em que meu avô brincou; depois veio o do senhor Pedro Botijão, que era da minha família do meu tataravô, por aí... Não sei diretamente onde era. A brincadeira era assim, suponhamos: aqui, nesse local onde moro, fazia-se. Para o outro ano, uma pessoa pegava a cabeça do boi e fazia lá na frente; continuou assim. De uns tempos para cá, mudou. Meu pai foi miolo do boi; quem lhe ensinou a brincar foi Luís Tibiro. Ele morreu com 88 anos. Eu também era miolo, mas nas horas vagas batia matraca. Comecei a brincar no boi de Deolindo, depois dancei no boi de Zê de Anjo, que foi na casa de Zê de Mané. Tive sarampo, fiquei com febre, e as minhas tias enrolavam-me com uma manta, de modo que, quando cheguei à casa, terminou o sarampo. Brinquei o boi de Deolindo. No boi de Ezequiel do Laranjal, que foi em Batuba, eu só acompanhei meu tio. Havia anos em que a Maioba não fazia boi, então alguns iam brincar no Sítio do Apicum, porque o boi era pobre e muito dispendioso, era difícil: o povo colocava aquele cofo de matraca no ombro, carregava aqueles faróis grandes para sair com a brincadeira.

Meu tio, irmão do meu pai, fazia bumba-boi, o João Fufu. Numa ocasião, nomearam-no para fazer um boi. Ele vendia bolo na cidade e disse:

– Meu Deus! Como é que vou fazer?

Ele comprou fiado o boi, parece que por três contos (hoje equivalentes a três mil reais). Pagou de três vezes. Mandou enfeitar esse boi. O dinheiro que o boi ganhava era para comer; hoje é um comércio. Compravam peixe seco, camarão, farinha e café. Atualmente, você vai a um ensaio de boi, não servem um gole de café a um infeliz daquele. Cozinham o peixe seco, as pessoas comiam camarão, enchiam a barriga, ficavam prontas para pular na roda do boi e beber cachaça. Esse boi foi um dos maiores aqui da Maioba; nele cantou meu primo Luís Gonzaga, chamado "Dá na Vô". Fiz um boi e dei à

Maioba: brincou seis anos. Compus uma toada referente aos 100 anos: quem entendeu, agradeceu.

O BRINCAR DE BUMBA-BOI

A pessoa chamava a brincadeira e colocava seis, oito faróis no terreiro, porque quando chegava o boi, iluminava mais. Era muito grosseira a brincadeira pelo seguinte: um boi desse, para chegar numa porta, o brincante tinha que ser raçudo. Porque colocavam grande quantidade de bombas, besouros e busca-pés e, às vezes, não tinha condições de entrar no terreiro, não agüentava. Quando apareceram as roupas de pena, molhava-se, dava-se banho no capacete e se entrava. Isso era para se saber qual era o boi forte. Soltavam em cima da gente. Se não molhasse a pena, não brincava no terreiro, era covarde. A pessoa pagava, mas o boi tinha que enfrentar tudo isso. Quando o boi terminava de brincar, ficavam no local dois palmos de fundura, porque era pé no chão. A roupa era diferente. As penas usadas eram de rabo de galo, de peru e pato, um calção abaixo do joelho, todo fofado, a ceroula por dentro, indo até embaixo, o peitoral; depois começaram a fazer uns capotes de lantejoula, as fitas do chapéu de flanela, comprava-se e cortava-se a peça colocando dois, três espelhos. Quem vestia uma roupa daquela com dois espelhos, brilhava, ficava bonito. O boi era quase quadrado, tinha os espelhos e lantejoulas, eram os enfeites do boi. Eu saberia fazer.

O boi não ia para a cidade, ia até o Posto Fiscal. Começou a ir para lá em 1939. Em 1940, brincou no Monte Castelo. Havia o boi da Madre Deus, mas não saía, era privado. Meu tio em segundo grau, Luís Costa, foi um dos maiores cantadores da ilha. Cantou 70, 77, ou 78 bois. Brincou na Belira, Lira e Codozinho, por ali...; iamos a pé, saindo daqui às 21 horas, ia para a casa de Zeca de Macrinho. De lá iamos para a casa de Fábio, na Aurora; iamos subindo e quando chegávamos ao João Paulo, eram 8 horas da manhã, 8 horas e 30 minutos. Com os faróis e as matracas dentro do cofó. Eram

duas, três pessoas carregando aquele pau de carga e um farol pendurado ao lado do cofo. O caminho da Maioba era muito esquisito, fechado, mato escuro; às vezes um não enxergava o outro. Havia muitas pessoas. Os bateadores de pandeiro, quando chegava o período de São João, no sábado, entre 18 horas e 19 horas, começavam a fazer a fogueira para esquentar os pandeiros. Eram o Luís Besouro, Mundico Bolo Teso, Porcidônio, Benício, Raimundo Cândido, Joaquim Mata Boi. Calça Curta já acompanhava. Eram os homens que bati- am os pandeiros. Quando a pessoa cantava errado, eles para- vam para que cantasse do jeito deles. Os cantadores da Mai- oba eram Raimundo Gordo, Januário do Piri, a quem chama- vam "Rei dos Cantadores", Paulino, Isaac, Luis Costa, Luis Dá na Vô, Luca do Apicum, esses ainda os conheci. Antes, houve Secundino, Marciano, Norato. Ainda me lembro de muitas toadas antigas, inclusive dessa do meu tio Wilson:

"Morena, tu larga a sombrinha da mão,
Se tu foi a passelo me preste atenção,
Se tu for no aparelho,
Telefona para a praça,
Para o carro cem,
Ir numa velocidade,
Me tragam um doutor."

Havia ainda a de Januário, que cantava assim:

"Januário do Piri,
para cantar não tem preguiça,
Boto o maracá na mão,
Só canta na faceirice,
Morena que perguntar,
Só sabe pela notícia."

As toadas eram pequenas. Zé Camões também tem mui- tas toadas.

OS FESTEJOS NA MAIOBA

A festa de São João, da Maioba, era muito animada: tinha comédia da brincadeira, faziam representações nas casas, tinha representação de romances antigos, jogos de espada. Não existia quadrilha. A comédia era muito importante e bonita. Eu estranho demais por duas coisas: primeiro, porque antigamente, o cantador que não soubesse fazer toada, não pegava o maracá e o apito para cantar; não cantava toada alheia porque seria reprovado. O pai Francisco entrava na roda, paravam a brincadeira, discutia com o amo. Ele roubava o boi, os rapazes iam atrás do pai Francisco para prendê-lo, ele ficava bravo, pegava uma espingarda; diante disso, os rapazes voltavam, reclamando a seu amo que o pai Francisco atirara neles. Os caboclos de pena iam e prendiam o pai Francisco. O amo ia interrogar, e pai Francisco respondia: havia roubado o boi porque Catirina estava gestante e queria comer a língua dele, que, apesar de ter um boi bonito em casa, não podia matá-lo, era de estimação. Ele tirou a língua, guardou, comeu e vendeu o resto da carne. O amo exigia seu boi, que era mais bonito, no entanto estava doente, com o "quarto quebrado", e pai Francisco teria que chamar o doutor. Ele porém, dizia que não tinha dinheiro. Era outra briga. Finalmente ele se responsabilizava por pagar ao doutor que vinha e fazia o remédio. O boi urrava e se levantava

Outro dia, ouvi Nascimento de Moraes falando na Rádio Capital que estavam acabando com a brincadeira. Lembrou os faróis. Isso é triste! Hoje ninguém faz uma matança de boi, porque não sabem fazer; os amos que já não sabem tirar uma toada, vivem pedindo aos outros. Atualmente, querem comparar o cantador de bumba-boi com artista de rádio; é outro departamento. Existe o artista, compositor, mas em bumba-boi é diferente. Os cantadores vêm a minha casa atrás de toada para fazer boi; faço toada a qualquer hora, Deus me deu esse dom. Tenho toadas para fazer dois CD's. Gravo, dou, só que as mais bonitas ficam comigo.

Faziam-se outras festas de santo; o povo era muito católico, respeitador. Havia uma procissão no Monte Castelo, feita por uma senhora, em que davam presentes, distribuíam bolo à vontade, matavam porco. A irmã da minha avó, Maria Guardina, festejava São Raimundo: tinha harmônica, depois sanfona. Dona Cecília fazia a festa do Divino Espírito Santo, na Pindoba. No Natal, havia o pastor de dona Maria de Lourdes, que fazia aquelas toadas de Cristo com representação no palco. O Réveillon. Eram grandes festas.

VISÃO MÍSTICA

Estava com oito anos de idade no boi de Antônio Boca Preta, quando presenciei um fato importante nessa brincadeira. Antigamente, quando chegava o São João, todos os bois iam sujar a barra na Igreja de Mocajituba. Ao amanhecer, Adalberto, dono da cerca, tinha que fazer outra, porque era barulho, pau que zoava a noite toda, quando um boi encontrava outro. Brigavam, morria gente. Um dia, estava lá com meu pai, por volta de 22 horas 30 minutos, quando vinha descendo um boi. De repente vejo uma trincheira de índios na frente do boi, com flechas na mão, todos mariscadinhos no corpo. Eram dezessete índios. Bati em papai que havia visto também. Eram invisíveis, não dava para todo mundo ver. Acredito que essa brincadeira pertença a eles. Aqueles caboclos de pena parece que tinham mola no corpo: brincavam e faziam aquela roda baixa, iam ao terreiro e voltavam. Era lindo. Quando estava na Madre Deus, fiz uma toada referente aos índios. Por sinal, o índio Jeniporã, onde é o Jeniparano, comandava três tribos: do Pau Deitado, do Ribamar e do Jeniparano.

AS BRIGAS

As brigas davam-se, às vezes, entre dois bois aqui na Maioba mesmo. Por exemplo, entre o Vassoural e Pindoba, Tapera. A ignorância era muito grande. Certa vez, estava

sentado lá na porta de Antero, defronte da igreja de São Benedito. Conferi dezoito cavalos que vinham do Iguaiaba, carregando cacetes e foices para a briga com o boi da Maioaba. Hoje em dia não há mais isso, mas aquele povo antigo, não sei o que passava pela cabeça deles. Quebravam a cabeça, levavam na rede, pois não havia carro. Eu ainda faria uma brincadeira como antigamente. Os mais velhos já morreram quase todos. Só restam o meu sogro João Soldado, Joaquinzinho e Damião. A juventude não acompanha esse boi, quem acompanha é o povo de fora. Os mais velhos não lhes ensinaram, e eles distanciaram-se, não são "chegados" a bumba boi. Com o reggae, piorou mais. Agora não tem mais jeito.

O SÃO JOÃO

As apresentações iam até o Posto Fiscal e voltavam, não podiam passar. Eu tenho a impressão de que incomodavam o povo antigamente. Em São Luís existia respeito. No tempo de Paulo Ramos, interventor, e Flávio Bezerra, delegado geral. Certa vez escutei na Rádio Educadora: falavam mal desta brincadeira, que não tinha êxito porque era feita por pessoas pobres, pretas, feias e analfabetas; que os tambores de crioula eram para serem dançados por misses. Fiquei revoltado, telefonei e discuti com ele; disse que iria falar com o padre, depois esqueci, porque não havia gravado. Isto prova que eles não davam valor à brincadeira da ilha.

No São João, no Centro da cidade, tocavam fogos, foguetes, mas não havia o boi, porque não podia passar. Esse boi de orquestra iniciou em 1950, com um senhor de Rosário. Antes, essas orquestras faziam assalto carnavalesco; quando se introduziu o instrumento de corda, elas perderam a liderança. Dessa forma, surgiu o boi de orquestra, bonito, só que devia ser bumba orquestra. O boi de zabumba é antigo, inclusive tenho um companheiro de serviço, Leonardo, que tem um boi antigo, Apolônio, do Caratatiua, era de Via-

na; nós não nos relacionávamos. João Cância brincava com Apolônio, depois tiveram uma rivalidade; o João Cância afastou-se e fez a sua brincadeira. Em 1939, pela primeira vez que o boi foi para a cidade, no caso até o Anil, e voltou; em 1940, o boi foi até o bairro do Areal a pé, brincou na barrigudeira, no comércio de um senhor, depois seguiu para uma casa e retornou.

O RITUAL DA MORTE

A morte do boi era bonita. Fazia-se um círculo grande, fincavam-se ariris. Quando o boi vinha para a morte, cheio de tamiarana, mato de rama que coça no corpo, chegava ao terreiro, ficava furioso. Papai fazia isso: derrubava, arrancava os ariris, jogava-os no chão, batia nas pessoas, ninguém ficava. Era divertido. O boi ficava bravo e, para pegá-lo eram três pais Francisco. Depois laçavam o boi, cantavam e ele saía, despedindo-se do povo. Muitas pessoas choravam. No mourão, o vaqueiro e o pai Francisco esfaqueavam o boi, que derramava o vinho. Cantava-se a toada da morte do boi e este era todo cortado; tirava-se o couro e saía-se vendendo. Ficava só a cabeça que outra pessoa pegava para fazer a brincadeira noutro ano. Aqueles pedaços de pau, as pessoas, que os recebiam, guardavam-nos para fazer chás como remédio. O período da morte era sempre no final de julho, porque tinha uma data para ser morto: a polícia não aceitava a morte do boi em agosto. Era uma ordem. Começava-se a ensaiar de 5 de maio até 13, 14 de junho, brincavam-se o São João, São Pedro e São Marçal.

Os estivadores eram fanáticos pela brincadeira; todos os trabalhadores de navios acompanhavam o boi da Maioba, sempre muito querido. Os brincantes do boi eram lavradores, matadores de porcos. Havia muitos nessa região, que compravam a carne, e iam vender na cidade, às ocultas, porque a polícia não deixava, era proibido. O pobre sempre foi perseguido. Depois de 1939, o boi passou a ir para a cidade.

A FESTA NO JOÃO PAULO

No João Paulo era lindo. Lugar amplo, só havia uma feira que era retirada, cheio de barracas de palha. Iam muitas pessoas. As barracas vendiam muito. Certa vez fui com papai e um colega para lá. Havia aqueles balões com que as pessoas andavam nas ruas; chegou um garoto e nos disse:

- Olhe, aquele sumo da laranja espoca o balão.

Eu e Zê Dachoxa (meu amigo) fugimos de papai e fomos atrás do balão: apertávamos, puf... e corriamos. A polícia nos prendeu. Papai chegou e disse que o seu filho não ia preso. Não, eles estão furando os balões. Veio um senhor alto e não deixou. Nós fomos embora dormir no Matadouro; não saímos mais, à noite, com medo. Quem fez festa ali foi Nero Coelho; tinha palanque. Leôncio também fazia lá na Camboa. Havia participação da comunidade, tinha uma amplificadora, eram feitos concursos. Os feirantes do João Paulo ajudavam muito a brincadeira, davam farinha, camarão. Esta comida era para o povo que acompanhava a brincadeira e sempre foi farta na morte do boi. Quando Calça Curta estava, eram 10 dias de festa, muita comida e bebida.

Numa ocasião, quando João Goulart estava na presidência, veio aqui; o boi da Maioba apresentou-se no Palácio dos Leões; o boi era de Hilário. Em 1960, chegaram os caminhões, mas era muito caro. Padilha, lá do Anil, foi quem começou a levar o boi.

OS MANDANTES DO BOI

Mandava no boi uma, duas pessoas, e o povo ajudava. Quando João de Chica veio, chamou Calça Curta: mandavam os dois. De uns certos tempos para cá começaram a fazer a Diretoria, o que não foi nada bom, porque o boi se faz no campo, não em mesa. Muita gente mandando, complica as coisas; diretoria não deveria existir, porque há muita polêmica. Um corrige o outro, quer mandar de um jeito, e não pode.

A pessoa, para fazer um boi, tem que cair no mundo, pedir, se empenhar. Sentada à mesa, não faz a brincadeira.

O DOM DE CANTAR

Todo cantador de boi tem um santo, traz o dom de alguma coisa. Sinto quando estou cantando. Quando estou fazendo a brincadeira da morte de boi, faço várias toadas e canto, depois não sei mais, são toadas de momento. Morte de boi, para mim, é com toadas diferentes. Nunca cantei no boi da Maioba; faço toada com Zé Bentinho, para um companheiro aqui, Chiador, grande cantador. Gostamos muito dele, apesar de muitos protestarem. Eu digo: "Cantador é como jogador: encontrou outra melhor, ele vai". Cantou 30 anos aqui, só tenho a agradecer. O boi em que cantei foi o da Madre Deus: havia uma polêmica com o boi de baixo, fizeram, então, outro boi de cima, chamaram-me para cantar. Cantei com Josemar, depois deixei, fui embora. Fizeram uma reunião, tiraram Josemar, vieram me buscar, cantei com Roque do Tibiri, Pedro Reis, Mané Onça; depois cantei com Canário, em Itapera, município de Icatu. Há dois anos, cantei no Pituzinho do Santo Antônio. Na Maioba, brinquei acompanhando meu pai. Quando fiquei rapaz fui para a cidade, onde morei 10 anos com a minha tia Mirtes. Foi o período em que passei para as escolas de samba e vinha só no período do boi. Nunca deixei diretamente o boi porque mexe com a gente, é atraente. O bumba-boi é paixão, o maiobeiro, aliás todo o povo da ilha. Quando viajei para o Rio de Janeiro e Manaus, a trabalho, voltei com saudades e caí no boi.

PORFIA DOS CANTADORES

Numa ocasião, na festa de São Pedro, amanheci na cidade e disse: Vou atrás do boi da Maioba. Tomei aquele carrinho preto, que chamavam baratinha, desci no João Paulo, vi um povo guarnecido lá defronte do Convento de Nossa Senhora

ra das Graças, junto do Banco do Brasil, que era uma cerca de pau: era o boi de Iguaíba. Eram 9 horas da manhã. Tirei o paletó, amarrei-o na cintura, encontrei uma "zoada" lá na cerca: o boi de Iguaíba "peitando". Puxaram Luis Dá na Vó, "imprensaram-no" na cerca para bater porque queriam uma toada nova. Assim que o boi chegava ao palanque, o chefe puxava: queremos uma toada na hora. O cantador tinha que cantar, já era preparado; fazia a toada e só modificava as palavras. Estava aquela multidão dizendo: "Ou tu cantas uma toada agora ou apanhas". Cheguei, invadi e fui arrastando; ficaram todos me olhando. Levei-o lá para a quitanda de Manoel Pinheiro, comprei um copo de conhaque São João da Barra, tomei e dei a ele. Três minutos depois ele falou: "A toada chegou à minha cabeça". Cantou três vezes e saímos. Quando chegou ao meio do boi, apitou, cantou duas vezes, sacudiu o maracá, aí "o pau comeu": o boi de Iguaíba foi embora. Se o cantador cantasse errado, eles paravam a brincadeira: essa toada não presta; se não cantasse, apanhava. Hoje o cantador faz o que quer. Era um povo ranzinza, bairrista, não gostava de perder. No pandeiro, era a Maioba, mas, na matraca, era Iguaíba.

No João Paulo havia o concurso, de que participava só o sotaque da ilha. Com mesa julgadora, apresentavam-se três, quatro bois; julgava-se pelas toadas. Antigamente, as toadas eram como se diz, quadradas, hoje você tem que puxar um pouquinho a letra, a toada não pode ser feita com S, é com E, porque com o S a toada é fraca, e com E fica aquele coral grosso por cima. Também a representação era julgada. Boi tal foi premiado, ganhava mil cruzeiros; quando ganhava segundo ou terceiro lugar se fosse um ranzinza, iam bater lá na frente. No boi da Mata, quem cantava era Germano, que tinha umas toadas bonitas. Houve um ano em que o boi da Maioba perdeu para eles, então foram esperar para bater no boi da Mata que foi embora por outro lugar. Eu não cantava boi nessa época; brinquei muito pouco de miolo, brincava de primeiro rapaz; brinquei com Luis Costa, que, se fosse vivo

seria um nome lembrado, um grande cantador. Havia dois bois: era o de Bacuritiua, do meu tio Olcino, e o outro, de Luís Besouro. Nessa época, fui para Teresina, onde brinquei de caboclo de pena por dois anos, depois presenteei um amigo com a roupa. O arraial de Zé Cupertino ficava na subida da feira do João Paulo, à esquerda, na Avenida Getúlio Vargas.

O ENREDO DA BRINCADEIRA

O "guarnicê" é o chamamento do povo, dali para o terreiro; depois cantam-se "o lá vai", a "chegada", uma toada e, após faz-se o enredo da morte do boi. Antigamente era assim: quando terminava, cantavam-se mais duas toadas, de acordo com a casa, se pagasse mais. O "urrou", a "despedida" e "arretira" a brincadeira demoravam mais porque se fazia a comédia. Aqui tinha um pai Francisco, Zé Lézio, meu tio, que fazia uma comédia muito bonita, fora de série. A pessoa ria vendo as brincadeiras, porque o pai Francisco tem que saber fazer graça, tem que ser um palhaço. Fazia-se uma morte de boi bem feita. Esta brincadeira, na Maioba, tem mais de cem anos, porém cada ano era em um local. Em outros tempos, a brincadeira era mais bonita, bem representada, os cantadores cantavam bem, a matança do boi era um romance; os ensaios amanheciam; saía daqui às 10 horas do dia; a pessoa batia com mais firmeza. Hoje há uma mistura na brincadeira e não se pode falar nada, porque todo mundo quer se divertir: uma mulher, por mais que bata pandeiro, não bate como homem, e o pior é que não se pode corrigir, pois ela está fazendo parte. Antes, as mulheres não batiam, porque os homens não deixavam, ficavam bravos; elas bebiam cachaça, tiquira brava de mandioca, acompanhavam, pulavam, faziam a festa da brincadeira, lavavam as roupas dos brincantes, faziam a comida e prestavam atenção à brincadeira. O batizado era na igreja de Mocajituba. Véspera de São João, os bois iam para lá; o largo era grande.

A ESTÓRIA DE CATIRINA

A estória de Catirina é longa, começou dentro da lha. Quem me contou foi o velho João Fraim, meu tio. Catirina foi uma escrava, aliás Irina era escrava de um senhor, que possuía muitos escravos, e a tinha como uma filha pois a criava. Possuía um escravo por nome Francisco que enamorou-se da Irina. Ele era muito querido, trabalhador, servia muito à patroa. Nessa época, a brincadeira era em setembro, pela lua cheia. Então ele iniciou o namoro com a Irina, escondido. Já possuía um casebre dado pelo senhor, com isso ele rouba a Irina. Quando o senhor soube, mandou chamá-lo, quis bater, mas a patroa chamou e disse: "Meu marido, deixa ele porque é o preto de confiança, nós temos que aceitar eles ficarem juntos". Com isso ela engravidou e desejou comer a língua do boi de estimação do patrão. Todo mês de setembro festejava-se esse boi. Francisco, que era responsável pelos bois do patrão, aperreou-se: Como é que ele ia fazer isso? Ele não ia matar o boi porque ele iria para o tronco e morrer, mas ela queria. Era a época da festa, havia muito bolo de massa, tiquira brava, fogueira. Ele chamou um compadre, roubou o boi e guisou-o para Irina; o resto ele salgou e botou no jirau. No dia seguinte, não foi trabalhar com medo, com vergonha. O boi não apareceu, então foram procurá-lo em casa, e dizendo que o patrão queria a presença dele, que o boi tinha desaparecido, o boi estava atolado. Passou três dias, ele foi e disse que estava pronto para ir ao tronco: Irina havia desejado comer a língua do boi, ele o havia levado morto e salgado e tinha dado uma parte ao amigo. Nisso a mulher do patrão põe-se em sua defesa, dizendo para não matá-lo, pois ele havia tido vergonha e tinha ido lá justificar-se. O patrão o perdoou e batizou a sua filha que tinha por nome Cátia. A mãe, Irina, passou a se chamar Catirina. Daí vem a história. O seu colega, que havia ajudado a matar o boi, disse:

- Francisco, nós vamos fazer uma brincadeira referente a essa história. Isso dá uma história.

- Rapaz, vamos deixar isso de mão!
- Não, nós vamos fazer.

Pegaram um cofo, furaram a cabeça e puxaram um pau, fizeram a festa em setembro, na lua cheia. Acenderam uma fogueira e saíram batendo os pedaços de pau; no outro ano fizeram três tamborins de couro de camaleão e batiam com a costa da mão, como lá em Cururupu, batiam as matraquinhas. Quando amanhecia, estavam todos bêbados, dormindo uns por cima dos outros. Os índios fizeram a brincadeira do mesmo tipo. Essa estória aconteceu dentro da ilha. A brincadeira foi preservada e melhorada.

CARNAVAL MARANHENSE

O carnaval no meu tempo de garoto era aqui. Não ia para as festas porque era menor. Depois de adulto, fui para as escolas de samba. Meu pai e eu fizemos baralho. Numa ocasião fiz um com cinquenta pessoas. Havia um sanfoneiro chamado Zé do Fole, que eu trouxe para fazê-lo comigo. Se você me vir vestido com uma saia na frente do baralho, não diz que sou eu. No baralho se faz aquele cordão; são dois cordões de homens e mulheres, com aqueles chapéus grandes, saias ramalhudas. Os instrumentos são o violão, pandeiros grandes, sanfona, um reco. Quando o fiz aqui, foi bonito; depois larguei de mão, de novo deu vontade de procurar essas mineiras para fazer um baralho. Faço bem feito. Havia assaltos carnavalescos, matinais e vesperais ali no Monte Castelo, por detrás do cinema; havia uma casa que fazia assalto carnavalesco pela manhã. O jazz guarani, e o jazz araçagi eram da polícia, jazz continental e o jazz Alcino Bilio; à tarde, havia os bailes de máscara, com as mulheres todas mascaradas; à noite, o baile grande que tinha o Rei Pelé, no Ribeirão, Gruta do Satã, ficava ali perto da velha estação, onde era o bonde era uma casa de quatro compartimentos. A maior parte dos bailes era no Caminho da Boiada. Comecei a dançar rapazote. O baile era bonito: havia a serpentina, a colombina, o

pierrô; as mulheres eram bem vestidas. Antigamente os estivadores faziam uma festa de três cores: os homens vestiam ternos brancos, amarelos e azuis, as mulheres vestiam amarelo, creme e azul; as luzes das salas tinham as cores das roupas. Eu dancei muito, ganhei muito concurso de dança. Foi o que aprendi. Tinha uma turma de amigos: Zequinha Sapateiro, Bigico, Escurinho, Alfredinho e Messias. Quando nós chegávamos, tomávamos conta. Na época em que trabalhei na Quinta do Barão, luxei muito; não andava de manga de camisa. Certa vez, fui a um baile descendo o ginásio Costa Rodrigues. Havia uma casa grande, onde o jazz Alcino Bilio estava tocando. Chegou um casal e a senhora estava vestida com uma roupa justa. Voltaram-na da porta. Para se ver como era: ou se ia bem arrumado ou não se entrava. Aquelas mulheres iam com aqueles vestidos bonitos, a saia marcando no bolero. Acabaram com tudo. Participei de festas bonitas lá no Monte Castelo, com Louzelo que fazia essas festas de cores de roupa. Nunca frequentei o baixo meretrício. Primeiro, morava com meu tio e não gostava daquele ambiente, gostava de festas, possuía muitas namoradas; era bem comportado, apresentava-me bem, sabia dançar. Hoje ninguém sabe dançar um bolero, um samba-canção, um fox. Os estivadores mandavam em toda a cidade, porque se ganhava bem. Havia o Narciso na rua Osvaldo Cruz, mandava-se fechar. Quando a orquestra do exército tocava, as pessoas ficavam loucas. Havia o lança-perfume, que se chamava rodo. Comprava dois, três, botava no nariz, dava pulos. Comecei a brincar no Colombina, que era uma casa grande. Chegava, emendava três, quatro mesas; já havia garçons para servir. Ganhava e gastava muito dinheiro. No baile, quem ouvia aquela orquestra não podia ficar parado.

AS ESCOLAS DE SAMBA

A primeira escola em que brinquei foi do meu tio Vilson, a Estácio de Sá da rua Lino Machado, no João Paulo. Brinquei por dois anos. Fui campeão e bicampeão. Eu comanda-

va, depois fui convidado para a Águia do Samba, de Odilo Café, que ficava perto do canto Botafogo. Comandei-a durante dois anos, e fui campeão e bicampeão. No Salgueiro, de Maneta, no Sacavém, novamente campeão e bicampeão. De lá fui para Madre Deus, Turma do Quinto. Havia um bairrismo muito grande; as pessoas ficaram desconfiadas. Tomei conta por dois anos e fui campeão e bicampeão. Na Flor do Samba, brinquei quatro anos. Depois fui para Manaus trabalhar. Recebi uma carta de Antônio Pedro, para vir tomar conta da escola (Flor do Samba). Não ganhava nada, mas tinha aquela amizade. Antônio Pedro, finado Tatu, um grande amigo meu; Mero, companheiro de serviço. Vim, tomei conta, fomos tetracampeões; depois deixei. Em 1976, 1977, fui para a escola Favela do Samba, e fui campeão. Foi o tempo em que mudaram o batuque, puxaram o ritmo do Rio de Janeiro. Lá, participei da Mangueira. Aqui era o terceiro carnaval; era lindo! Quando a Turma do Quinto subia com aquele batido de mãos, ninguém agüentava: a multidão fazia o círculo na Praça Deodoro, ia descendo para a rua Osvaldo Cruz aquele conjunto de mãos. A Flor do Samba, quando era dos peixeiros, era bonita; depois a elite envolveu-se, e foi caindo, porque querem mandar sem saber nada; e o povo afastou-se.

OS CORSOS

Os corsos eram aqueles carros, com as mulheres vestidas de saias, batendo um pandeirinho. Fazia-se um círculo ao redor do caminhão todo enfeitado; nas laterais iam fazendo aquele desfile, vindo outros carros com as colombinas, a orquestra bem na frente. Saía a casinha da roça, uma tradição bonita, que iniciou com os estivadores e arrumadores; faziam-se comidas. As pessoas saíam daqui da Maioba para ver a casinha da roça. O carnaval era muito bonito, com máscaras para todos os lados e multidões de fofões que se encontravam pelas ruas. A brincadeira do urso, que tinha o macaco, e a curadeira, rebolava; havia o Zé Dois Tiros, Olcino.

SUA LIGAÇÃO COM O TAMBOR DE MINA

O meu umbigo caiu em tambor de mina. Existiu um terreiro na Maioba, do senhor Zacarias, da Perçueira; tinha 2,10 metros de altura e carregava Surrupira. Fez um terreiro de mina no terreno de João Fraim que morava do lado de baixo; havia uma casa em cima. Então ele pediu essa casa tapou-a com pindova, para seu irmão, que vivia deitado, assombrado por mãe d'água. Eu era garoto, mas lembro bem uma noite que fizeram uma cura; havia dormido lá, dentro de um cofó, debaixo da mangueira; quando acordei, haviam terminado e estavam fazendo café. Arcanja, uma senhora que ainda está viva, disse: "Esse aqui é o filho de seu Pedro; meu filho, o que estás fazendo?" Comecei a chorar, sozinho ali. "Meu filho, tu vais ficar". Fugí, correndo, entrei numa casa com porta de meaçaba. Havia muitos brincantes: a velha Denira, Benedita Motor, que chamavam mãe Bira, Leodoro Anjo, Arcanja, Ingraça, eram umas 32 ou 33 brincantes; carregavam Surrupira. Comecei a bater tambor com sete anos de idade: eu toco tambor de mina, sei abrir e fechar um terreiro, sei trabalhar em tudo na mina; não danço. Meus protetores são Deus, Ogum, Xangô e Nossa Senhora da Conceição. Já fui muito combatido; vencido, não; sofri muito com assombração. Com nove anos, estava pescando no rio da mãe Cota, peguei uma cambada de peixe; de repente vi uma mãe d'água, sentada na juçareira, despida, com o cabelo na água. Quando ouviu uma pisada, caiu; subí ao pé de mamoneira, pus o anzol. Já estava com a cambada cheia de peixes grandes, quando fisguei um peixe de ouro; fui pegá-lo, escapuliu e caiu; tirei o pé da água, senti meu corpo se arrepiar. Cheguei à casa, joguei o peixe para o lado e cai para o outro. Três semanas depois que adoeci, minha mãe adoeceu também. Ela dançava mina. Eu não agüentava em pé: foram oito meses no fundo de uma rede. Uma senhora por nome Armanda fez o trabalho. Veio um moço, e ainda lembro, disse: "Tu querias me comer, hem, safado?" Fiquei olhando. Fez um remédio, sarei. De lá para cá, sofro demais. Fui ao Centro Espirita, lá no São Francisco, Rio de

Janeiro; uma senhora chamou-me, deu-me um passe e perguntou-me:

- Você não é daqui?

- Não, senhora.

- Meu filho, você tem que trabalhar.

Disse:

- Se não trabalhar aqui, vou morrer de fome.

- Você está brincando.

Fiquei com aquilo na cabeça; eu já fui perseguido no boi da Madre Deus. Uma noite estava ensaiando e uma senhora de sapato alto, peruca, e uma bolsa a tiracolo veio me chamar. Quando ela foi chegando, levaram-me; ela encontrou comigo, eu quis pegá-la, ela correu. Acho que cansaram e largaram de mão. Espírito para bolir comigo demanda à noite, isso era quase todo dia. Eu sou forte, porque sou filho de Deus. Freqüento essas casas. Tomei conta de terreiro durante sete anos, não deu certo. Faço qualquer trabalho, menos magia. Apesar do sofrimento, fui um homem que me diverti bastante; gozei a vida. Toda a minha família tinha esse problema: meus pais, meu primo Luis Dá na Vó era abatazeiro de Mundico Curisquinho.

O BOI DA MADRE DEUS

Faço qualquer tipo de festa; se me envolvo é porque sei trabalhar. Cheguei à Madre Deus, para cantar o boi, deram-me o maracá, o apito. Na hora falaram-me:

- Zê, há umas toadas do companheiro; tu não queres cantar?

Eu disse:

- Olhe, quando peguei este maracá e o apito para ir numa roda de boi, é porque sou cantador.

A pior coisa do mundo é passar uma vergonha. Tenho competência; se não tiver, não assumo. Não me aborreci, entreguei o maracá para ele cantar as toadas. Mas cantar toadas alheias, não canto; faço minhas toadas. A toada que me marcou eu a fiz no boi da Madre Deus.

"Palmeira da minha terra,
de manhã cedo, eu vejo você balançar,
O! palmeira tu me dá força,
Para cantar boi,
E alegre meu pessoã,
Como amiga de meus avós,
Cobrir a oca,
Pro inverno e pro verão,
Eles dançaram,
Ao redor de uma fogueira,
O cacique na frente,
Com seu maracá na mão"

Por sinal o boi barrica, quando a brincadeira era com essa toada. Outra que cantei por último diz assim:

"Lá vai morena,
O! lá vai,
Pra seu terreiro,
Que você chamar,
Foi invenção de escravos,
O índio idealizou,
No folclore maranhense,
Ele se consagrou,
Pra alegria deste povo,
São João lhe batizou."

Um senhor perguntou a mim: Por que São João tinha batizado? Boa pergunta. Quem comanda boi é São Bento, e não São João que tem no braço um carneiro. Acontece que, São Bento era frade e não tinha condição de lidar com o boi, que era no campo, nas florestas; chamou São João: "Tu és um pastor, andas pela floresta, te alimentas de mel silvestre, gafanhoto, essas coisas, então eu quero te entregar o boi para dele tomares conta, porque eu não posso, vivo na igreja, sou fino e não dá para eu lidar com essas coisas". São João batizou o bumba-boi e assumiu.

Fotografias

Fotos: Albani Ramos, com reproduções de originais cedidos por familiares dos entrevistados e por Zelinda Lima.



Antero com a esposa Tereza, filhos e netos.



**Casa de Antero, no bairro do Monte Castelo,
na porta sua esposa Tereza.**



Filhos de Newton.



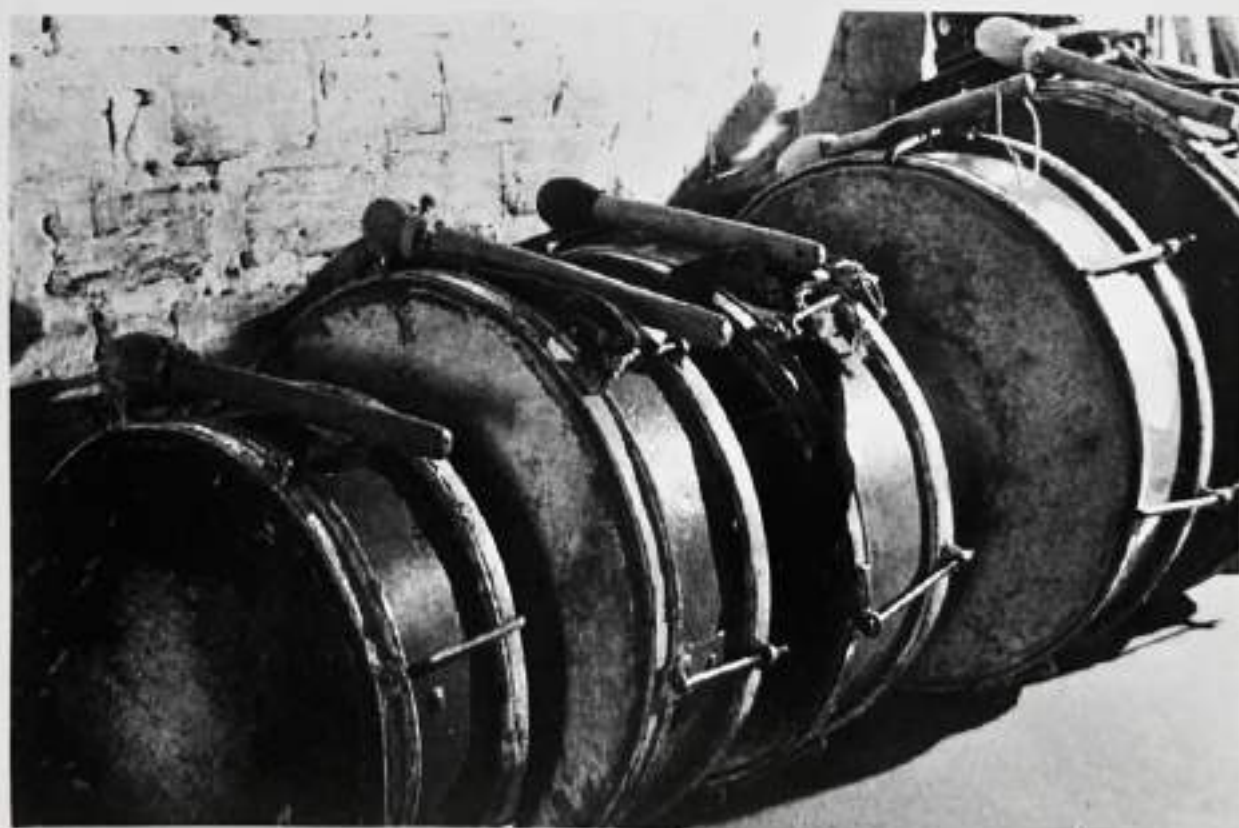
Esposa de Newton, sua amiga e incentivadora.



Canuto e o boi, sua grande paixão.



Maria da Paes Santos, viúva de Lauro, atual responsável pelo Boi da Vila Ivar Saldanha, sotaque de zabumba.



Zabumbas do Boi de Lauro.



Chapéus e bois no rebanho, sede do grupo de Lauro, na Vila Ivar Saldanha.



José de Ribamar Pereira, tradicional brincante do boi de Maria da Paes.



Zé Olhinho, amo responsável pelo Boi "Unidos de Santa Fé", sotaque da Baixada ou de Pindaré.



Machado, esposa, filhos e amigos.



Rebanho, sede do Boi de Machado, na cidade de Rosário-MA.



Cremilda Ferreira, esposa de Calça Curta.



**José Inaldo, com o chapéu de seu pai - Calça Curta -
atual diretor do Bumba-meu-boi da Maioba,
com sua mãe Cremilda.**



**João de Chica e Zelinda Lima, em batizado
do Boi da Maioba.**



**Dois Chicos do Boi da
Maioba - sotaque de matraca.**



João José de Jesus (Zé Paul).



João José de Jesus (Zé Paul) em seu quintal.



Palhaço do Boi da Maioba.

GLOSSÁRIO

- Abecar** - Agarrar, aberturar.
- Achatarão** - Do verbo achatar, com o sentido de fracassar, serem vencidos.
- Águia do Samba** - Escola de samba do bairro do Anil
- Ajoufre** - Corruptela de aljôfar, conta que adorna trajes de brincantes e "couros de bumba-meu-boi".
- Alagar** - Afogar, embriagar-se.
- Alma penada** - Visagem, fantasma, alma-de-outro-mundo.
- Alqueire de farinha** - Alqueire, medida de grãos: 30 quilos
- Alvarengas** - Grandes barcaças que transportavam as mercadorias dos navios para os armazéns do Tesouro.
- Amo** - Chefe da brincadeira, personificando o fazendeiro, o criador, o latifundiário, o coronel.
- Andorinhas** - Papagaios pequenos (pipas).
- Anjo da Guarda** - Bairro de São Luís.
- Ariri** - Palmeira muito usada na decoração dos terreiros onde se exhibe o boi.
- Armação** - Carcaça, capoeira, a estrutura do boi.
- Arraiais** - Espaços reservados para as festas na época junina.
- Arreia** - Do verbo arriar; aqui tem o sentido de vir, chegar, visitar, desembarcar.
- Arriar** - Esmorecer.
- Assalto** - Visita inesperada a uma residência amiga por parte dos foliões carnavalescos, muito usado no antigo carnaval de São Luís.
- Atabaque** - Tambor pequeno; tambor afunilado, de origem africana. Por extensão, tambores em geral.
- Auto** - Encenação da peça
- Baião Cruzado** - Dança oriunda do baião, tomando a cor local de cada região.
- Baile de Caixa** - O mesmo de Cacuriá
- Bandoleiro** - No sentido de esperto, vadio, namorador.
- Baqueta** - Pequena vara de madeira com que se percutem os tambores.

- Baralho** - Brincadeira carnavalesca do antigo carnaval maranhense.
- Baratinha** - Automóvel pequeno que funcionava como táxi.
- Barracada** - Venda, barraca, birosca.
- Barracão** - Espaço, geralmente coberto de palha, onde se realiza reuniões e festas.
- Barrigudeiras** - Grandes árvores da família dos Bombacáceas, cuja única remanescente ainda existe no bairro do Monte Castelo, antigo Areal.
- Batalhão** - O grupo, tropeada, turma, tropa, vaquejada.
- Bater** - "Se a brincadeira bater ela sai". Se tiver aprovação e apoio, entusiasmo.
- Bateria** - Conjunto de instrumentos (usada nas Escolas de Samba) mas também encontrada no Boi de Zumbumba.
- Batuqueiro** - Freqüentador do batuque, por extensão, músico que participa da percussão.
- Bode** - Uma ou duas pedras amarradas a um barbante, usado para interceptar a linha dos papagaios "empinados", isto é, no ar.
- Boi** - Personagem principal do Bumba-meu-boi.
- Boi Barrica** - Companhia Barrica de Teatro de Rua.
- Boi de Axixá** - Conjunto de Bumba-meu-boi da cidade de Axixá, sotaque de orquestra.
- Boi de Carnaval** - Brincadeira do Bumba que se apresenta em alguns povoados, na época do Carnaval.
- Boi de Cofo** - Boi rústico, que consta de um simples cofo (recipiente de palha de babaçu), com um pau atravessado à guisa de chifres; geralmente brinquedo de criança.
- Boi de Encantado** - Conjunto de Bumba-meu-boi formado pelas bailantes dos cultos afro-brasileiros e realizados por solicitação dos Santos.
- Boi de Música** - Bumba-meu-boi de orquestra, um dos sotaques.

Boi de Pindaré - Bumba-meu-boi de um subestilo de matraca, originário das cidades da Baixada Maranhense.

Boi de Viana - Conjunto de Bumba-meu-boi da cidade de Viana. Sotaque de Matraca, com ritmo mais lento que os demais.

Boi de Zabumba - Um dos estilos do bumba-meu-boi, que se caracteriza pela presença de grandes tambores chamados zabumbas.

Boizinho de Vara - Miniatura de boi, pendurado a uma vara, com o qual um grupo de pessoas brincava na época junina. Em vários municípios aparece na quadra momesca e se denomina Boi de Carnaval.

Bolo de massa - bolo de massa d'água feita com mandioca.

Bordar os Couros - Bordar as capas dos bois, coberturas de veludo, bordadas com canutilhos, miçangas e paetês..

Briga de galo - Peleja entre galos no espaço chamado rinha, mediante apostas dos assistentes.

Brincadeira - Diversão, bumba-meu-boi, manifestações folclóricas.

Brincar no Cordão - Participar, fantasiado, das fileiras do Bumba.

Bumba-meu-boi - Manifestação da cultura popular encontrada em vários Estados, com destaque e opulência no Maranhão.

Buriti - Palmeira cujos talos são utilizados na armação do boi.

Cabeça de Boi - denominação dada ao local, no Bairro do Apeadouro, onde existia pequeno mercado com uma cabeça de boi esculpida no frontispício

Cabeceira - O mesmo amo.

Caboclo de pena - Personagem do Bumba-meu-boi da ilha de São Luís, que abrem o desfile e representam a força policial no auto.

- Cachaça** - Aguardente de Cana.
- Cacuriá** - Dança de roda com variada coreografia e acompanhada de canto ao som de caixas do Divino Espírito Santo.
- Camaleão** - Réptil arborícola da família dos camaléntidos, dotado da faculdade de mudar de cor, confundindo-se com o ambiente, para fugir dos inimigos.
- Camboa** - Gamboa, curral de pesca.
- Camburão da polícia** - Carro-presídio da polícia.
- Canela de Veado** - Arbusto flexível usado na confecção das armações do Boi.
- Cangalha** - Armação do boi, carcaça, capoeira.
- Canto da Fabril** - Esquina da Rua Senador João Pedro com a Rua Grande, por muito tempo limite do perímetro urbano, que não era permitido, ao boi, ultrapassar.
- Canutilho** - Diminutivo de canudo, conta brilhante no feitiço de um canudinho.
- Capoeira** - Carcaça, armação do boi.
- Capote** - Pequenas capas (mantos), usadas pelo amo.
- Cara-Dura** - Bonde-reboque do bonde "Anil", de preço mais barato e admitindo carga, além de passageiros.
- Carcaça** - Armação do boi, capoeira.
- Cargueiros** - Eram chamados os transportadores de carga para a cidade.
- Carimbó achulado** - O mesmo que Cacuriá.
- Carneiro** - Brincadeira de cordão da cidade de Rosário.
- Carreiro** - Condutor de carroça puxada por burro.
- Carro 100** - Automóvel de praça, de propriedade e dirigido pelo motorista Dadeco.
- Carro puxado a burro** - Chamado bonde de burro.
- Casa das Minas** - Casa tradicional de culto afro-brasileiro.
- Casa de Nagô** - Casa tradicional de culto afro-brasileiro.
- Casinha da Roça** - Carro alegórico que personifica as casas rústicas de taipa, dos arrabaldes e do interior.
- Catirina** - Esposa do pai Francisco, cuja gravidez constituiu o motivo principal da comicidade da brincadeira.

- Cazumbá** - Personagem do bumba-meu-boi do sotaque da Baixada.
- Cebeceira do Boi** - O mesmo que amo, pessoa responsável pelas toadas e pelo desenrolar do auto.
- Cemitério dos Ingleses** - Situado na rua de São Pantaleão, defronte da igreja do mesmo nome.
- Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho** - Centro cultural dedicado à Cultura Popular, órgão da Secretaria de Estado da Cultura.
- Centro de José Cupertino** - Terreiro de Umbanda, no bairro do João Paulo.
- CEPRAMA** - Centro de Comercialização de Produtos Artesanais do Maranhão
- Cerol** - Mistura de cola e vidro moído que se passa na linha do papagaio para cortar a linha do adversário, nas "lanceadas".
- Ceroula** - Roupa-de-baixo que ia da cintura aos pés, amarrada aos tornozelos e que precedeu à atual cueca.
- Chamatozinhos** - Tamanquinhos.
- Chapéu de fita** - Chapéu armado em talos de buriti e coberto de fitas que vão até o chão. Também chamado de chapéu cogumelo.
- Chapéu de rosas** - Chapéus tradicionais do bumba-meu-boi de Rosário. Rosa Galega era quem os confeccionava e deixou fama de grande artista popular.
- Chapéu Gaiola** - Chapéu do bumba-meu-boi armado, semelhante a uma gaiola, característico do bumba-meu-boi de Axixá (MA).
- Chegada** - Como o próprio nome indica, é o momento da chegada no local da apresentação.
- Chita** - Tecido ordinário de algodão.
- COBAL** - Companhia Brasileira de Abastecimento.
- Coco** - Dança popular de origem rural.
- Cofó** - Cesto de palha de babaçu comum na região; utensílio para acondicionamento e transporte de gêneros.

- Colombina** - Baile famoso na época. Personagem do Carnaval do triângulo amoroso - Pierrô, Colombina e Arlequim.
- COMABA** - Companhia Municipal de Abastecimento.
- COMAVE** - Companhia Maranhense de Veículos
- Comédia do bumba-meu-boi** - O auto.
- Comungando** - No sentido de "implorando".
- Cordão** - Fileira de brincantes; grupo de pessoas.
- Costa de Mão** - Denominação dada ao sotaque do Boi do município de Cururupu, em virtude de seus pandeiros serem percutidos com as costas das mãos.
- Couro** - Capa de veludo bordada que é colocada sobre as armações do Boi.
- Cruz-diabo** - Figura do diabo do carnaval passado, que saía às ruas assustando as pessoas e perseguindo as crianças.
- Cruzeiro** - Uma das unidades monetárias do Brasil.
- Curas** - Sessões de macumba, pajelança que pretende curar os enfermos.
- Curica** - Papagaio pobre feito de papel ordinário com as talas enfiadas ao invés de amarradas.
- Curral de peixe** - Cercado construído na maré baixa para capturar o peixe.
- D. Teté** - Almerice Silva Santos.
- DALCAR** - Dalban, Veículos, Peças e Acessórios Ltda. - concessionária de automóveis.
- De Pés** - Expressão popular e generalizada que corresponde à "a pé".
- Demanda** - Despacho
- Departamento de Turismo** - Órgão Estadual que coordena as atividades turísticas.
- Derrubar** - Derribar, abater.
- Desfalecer** - Diminuir, esmorecer.
- Despedida** - Conforme está explícito, é o momento da retirada, da partida do grupo.

- Divino Espírito Santo** - Festa do Divino, grande comemoração no mês de Maio, realizada em todo Estado, com grande pompa, particularmente em São Luís e Alcântara.
- Dominó** - Figura do antigo carnaval maranhense inspirado em personagem da comédia da arte italiana. Túnica com capuz e mangas compridas e máscara para disfarce dos foliões.
- Educando** - Primeira escola profissionalizante do Maranhão.
- Embaúba** - V. Imbaúba....
- Encarnado** - Vermelho.
- Enfronhado** - Familiarizado, "por dentro" do assunto
- Engana Bucho** - merenda, comida ligeira
- Ensaia o boi** - Compostas as toadas, são realizados ensaios para que todos aprendam as letras; ensaios.
- Escangalhar** - Quebrar, espatifar, também desfazer, atrapalhar.
- Escola Técnica** - Escola Técnica Federal, atual CEFET (Centro Federal de Educação Tecnológica).
- Esculhamba** - Verbo esculhambar, expressão chula que significa insultar, estragar, balburdiar.
- Espinhel** - Sistema de pesca constituído de uma linha longa da qual pendem outras tantas com anzóis.
- Estação de bonde** - Local do antigo abrigo dos bondes elétricos de São Luís, hoje Mercado do Produtor.
- Estácio de Sá** - Estação de estrada de ferro, subúrbio do Rio de Janeiro, escola de samba carioca, imitada pelos foliões maranhenses.
- Fabril** - Antiga fábrica de tecidos.
- Fardado** - Fantasiado, uniformizado, rajado.
- Faróis** - Lamparinas nas pontas de varas que, antigamente, acompanhavam os bois pelas estrada escuras.
- Favela do Samba** - Escola de Samba do bairro do Sacavém.

- Federação** - Federação e Centro de Defesa dos Grupos Folclóricos - 1ª associação criada para reunir os grupos folclóricos, em 27 de fevereiro de 1972.
- Fera na bolada** - Competente na brincadeira.
- Ferra** - Simulação da marcação do gado.
- Ferry-boat** - tipo de embarcação que faz o transporte entre a ilha e o continente.
- Ficava liso** - Sem dinheiro.
- Firmar a "brincadeira"** - Mostrar a força do conjunto.
- Flor do Samba** - Escola de samba do bairro do Desterro, principal rival da Turma do Quinto.
- Fofões** - Figuras características do carnaval maranhense, semelhantes aos "Clóvis" cariocas.
- Fonte das Pedras, Ribeirão e do Bispo** - Antigas fontes de abastecimento da cidade.
- Fox** - Foxtrote - Dança oriunda dos Estados Unidos.
- Frege** - Restaurante de segunda categoria.
- Funrural** - Fundo de Previdência dos Trabalhadores do Meio Rural.
- Garapeira** - Venda de garapa (caldo de cana).
- Gasogênio** - Aparelho para produzir gás.
- Gasômetro** - Antiga companhia de iluminação pública e particular.
- Gente da sociedade** - Pessoas de classe sócio-econômica mais elevada.
- Gola** - Parte do vestuário do brincante do bumba-meuboi.
- Gomos de cristal** - Vitrais.
- Grana** - Dinheiro.
- Guardanapo** - Lenço grande, usado por numerosos brincantes dos bois de sotaque de zabumba, na cintura, ou somente na mão.
- Guarnicê** - Guarnecer, reunir, preparar o conjunto para iniciar a representação.
- Haroldo Tavares** - Engenheiro - Prefeito da cidade de São Luís de 1971 a 1975.

- Imbaúba** - Árvore da família das Moreáceas, cujas folhas são o alimento preferido das preguiças.
- Imbira** - Envira, tira de casca da árvore de igual nome, usada para amarrar.
- Imperatriz, Mordomo Régio, Caixeira** - Personagens da Festa do Divino Espírito Santo.
- Índias** - Personagens que abrem o desfile do bumba-meu-boi e desempenham o papel de polícia, na captura do Pai Francisco.
- IPEM** - Instituto de Previdência do Estado do Maranhão.
- Irina** - A mesma Catirina; para alguns a mãe de Catirina.
- Jamantas** - Papagaios (pipas) enormes, de até 1,40 metros.
- Jirau** - Estrado de varas sobre forquilhas cravadas do chão.
- Juçareira** - Açazeiro. Palmeira encontrada da Amazônia ao Nordeste, cujo fruto fornece o famoso vinho de açaí ou juçara.
- Lá Vai** - Parte do ritual do bumba-meu-boi que sucede ao guarnicê; é quando o grupo se desloca do ponto de reunião para o local em que se vai apresentar.
- LABORARTE** - Laboratório de Expressões Artísticas.
- Ladainha** - Oração formada por uma série de invocações curtas e respostas repetidas.
- Lambada** - Dança baiana.
- Lantejoulá** - Paetê. Pequena placa redonda, colorida.
- Lelê** - Dança popular realizada pela festa da Conceição, em dezembro, nos municípios de Rosário e São Luís.
- Licença do Boi** - Tirar licença da autoridade na repartição.
- LICEU** - Estabelecimento de ensino secundário.
- LIPATER** - Empresa de limpeza pública municipal.
- Liso** - no sentido de sem dinheiro.
- Lugar que tem política** - Lugar onde tem boi rival, aonde é preciso ir muita gente a fim de garantir qualquer confronto.

Maçaranduba - Planta da família das sapotáceas, também chamada Guapeba e que fornece madeira dura usada na construção.

Macumba - Feitiço.

Mamoneira - Pé de mamona, carrapateiro, oleaginosa encontrada em todo o Maranhão.

Mandador - Mandante, chefe, dirigente.

Mandão - Mandante, dirigente da brincadeira.

Mangueira - Escola de samba que leva o nome da Estação Primeira de Mangueira, no Rio de Janeiro, também imitada em São Luís.

Máquina de laudo - Máquina datilográfica.

Maracá - Instrumento chocalhante usado pelos índios (cabaça com pedrinhas); na brincadeira do Bumba-meu-boi é de flandres de diversos feitios; usado pelos brincantes do Bumba-meu-boi.

MARATUR - Empresa Maranhense de Turismo S/A

Mastro do Divino - Tronco de árvore erguido nas Festas do Divino.

Matança - Cerimônia de morte simbólica do boi, ao fim da temporada anual.

Matar o boi - Matança, última parte do ritual do bumba-meu-boi e que encerra o ciclo anual.

Matéria - Versos e toadas.

Matraca - Pedacos de madeira que são batidos uns contra os outros, instrumentos de percussão que caracterizam um sotaque de Bumba-meu-boi. O Boi de matraca.

Matraqueiro - Tocador de matraca.

Me invoquei - Pelo qual me interessei, invocar, encasquetar, persuadir-se, encantar-se.

Meaçaba - Esteira de palha usada para fechar portas e janelas.

Meia-lua - Apresentação rápida e resumida.

Melão de São Caetano - Trepadeira herbácea facilmente encontrada nos arrabaldes da cidade.

- Mercado Grande** - O mercado principal no Centro da cidade.
- Metendo uns grode** - O mesmo que "meter cachaça", beber, farrear.
- Meter cachaça** - Beber, farrear.
- Miçanga** - Conta pequena de vidro colorido.
- Mingau** - Feito de milho ou tapioca servido antes do boi começar a brincar.
- Miolo de boi** - Dançarino que atua debaixo da armação do boi e que lhe dá vida e movimentos e até sentimentos. Também chamado espírito do boi.
- MOBRAL** - Movimento Brasileiro de Alfabetização.
- Mocambo de Peixe** - Boca.
- Mocotó** - Prato feito com vísceras e canelas de boi.
- Moqueado** - Assado no môquem. Môquem: grade de varas para asar carne ou peixe.
- Morte do boi** - Festa de encerramento da brincadeira, fechando o ciclo anual do bumba-meu-boi.
- Mourão** - Tronco de árvore fincado no chão e enfeitado com fitas, tiras de papel, doces, frutas, onde se amarra o boi na cerimônia da matança.
- Mura** - Murada, cercado de talos de juçara erguida para a festa da ferra. Um dos grupos, o boi de Rosário não é sacrificado, é "ferrado".
- Muruada** - Tapagem feita nos rios, igarapês e braços de mar.
- Mutucas** - Esposas e amantes dos brincantes, que lhes conduzem os grandes chapéus nos deslocamentos; assiste-os, enfim, durante todo tempo; simples acompanhantes.
- Navegação** - Ex-voto no feitiço de um barco.
- Nego** - Forma carinhosa de designar, amigo, colega, camarada.
- Nhozinho Santos** - Crispim Alves dos Santos, industrial, único dono da Fabril Maranhense, fábrica de tecidos. Foi o primeiro maranhense a ter gramofone, automóvel, etc.

- No repente** - Toada de improviso.
- Orvalho** - Pó de mica, brilho, espécie de purpurina muito usada na decoração dos "couros" do boi.
- Pai Francisco** - Preto escravo que, juntamente com a Catirina, faz a parte cômica do auto.
- Palmatória** - Peça de madeira usada para castigar as crianças, nas escolas antigas, aplicando-lhes "bolos" nas palmas das mãos.
- Pandeireiro** - Tocador de pandeiro.
- Pandeiro** - Instrumento de percussão redondo e que consiste num aro de madeira coberto de couro.
- Pandeiro de costa de mão** - Pandeiro pequeno, sem pratos.
- Pandeirões** - Grandes pandeiros dos bois de matraca.
- Papagaios** - Pipas, no Sul.
- Paparaúba** - Árvore da família das simarubáceas e que fornece madeira para marcenaria.
- Papel crepon** - Papel corrugado usado principalmente na confecção de flores.
- Papel de seda** - Papel fino muito usado em decoração.
- Papel laminado** - Papel que apresenta uma face brilhante.
- Papel malacacheta** - Papel fino, laminado, antigamente usado na ornamentação do boi.
- Parelha** - Jogo de 3 tambores, no Tambor de Crioula.
- Parque da Vila Palmeira** - Recinto destinado a apresentação de grupos folclóricos, pertencente à MARATUR.
- Pastilha** - Doce feito de açúcar, suco de frutas, ou essências.
- Pastor** - Pastoral, pastoril, festas que se realizavam na época natalina, quando cordões de moças e meninas visitavam os presépios e reverenciavam o Deus-menino.
- Patuá** - Talismã, amuleto, com propriedades mágicas.
- Pau comeu** - Briga, confusão.

- Pegador** - Brincadeira de criança na qual uma, escolhida como "pegador", deve agarrar outra, que irá substituí-la.
- Peitando** - Peitar: insistir, obrigar, constranger.
- Peitoral** - Peitilho de veludo que cobre o tórax.
- Peixe moqueado** - Secado no moquém; moquém: grelha de varas para assar ou secar a carne ou o peixe.
- Pela porco** - Os dançarinos do Lelé, ao final da brincadeira, vão à casa da pessoa que lhes doou o porco e conduzem o animal, numa rede, até à casa da festa, dançando pelas ruas a chamada "Pêla-porco".
- Petromax** - Antigo candeeiro a carbureto.
- Pião** - Brinquedo, geralmente de madeira, em forma de pêra, com ponta de ferro que gira impulsionado por um cordel enrolado nele.
- Pindova** - Palha de palmeira babaçu, muito usada nas paredes e na cobertura das casas rústicas.
- Piquete** - Polícia montada.
- Pisa** - Surra.
- Pituzinho de Santo Antônio** - Conjunto de boi do Bairro de Santo Antônio.
- Pixé** - Cheiro de couro queimado, por extensão, mau cheiro.
- Policlínica** - Clínica particular que existia no bairro de Monte Castelo.
- Porcaria** - **Ação**, obra de curador famoso, feiticeiro.
- Povo guarnecido** - Gente reunida, uniformizada, fantasiada.
- Preto fugido** - O mesmo pegador, com conotação de caça aos escravos fugidos, no período colonial.
- Preto Velho** - Personagem que aparece nos autos de alguns bois. O mesmo que Pai Francisco.
- Prevenção** - Querendo briga.
- Psicopata** - Designação popular da colônia "Nina Rodrigues" para tratamento de doenças mentais.

- Puçás** - Instrumento de pesca.
- Puxadores de Tambor Onça** - tocadores, músicos.
- Quadrilha** - Dança palaciana européia transportada para os salões aristocráticos brasileiros. Apropriada pelo povo, hoje se constitui em manifestação folclórica caricatural dos sertanejos, caipiras.
- Radiolas** - Aparelhos de som usados na promoção de bailes populares.
- Rajado** - Fantasiado que compõe o cordão.
- Rapidão** - Ver tropiada.
- Rebanho** - Barracão - sede do Bumba-meu-boi.
- Reggae** - Ritmo de origem negra; dança e música da Jamaica, disseminado no Maranhão.
- Rendendo** - Remancheando, demorando.
- Repente** - Dito ou ato repentino, improviso.
- Representação** - Comédia, auto.
- Reunir** - O mesmo que guarnecer.
- Rinha** - Espaço onde se promovem brigas de galos e no texto denomina rinha, lugar de jogo de peão.
- Roça** - Pequena plantação de mandioca, milho, feijão, etc.
- Roupas de pena** - Trajes de penas de ema usados pelos "cablocos-de-pena".
- Salgueiro** - Escola de samba, que leva o nome da Escola Salgueiro, do Rio de Janeiro.
- Se encasquetar** - Meter na cabeça; persuadir se.
- SECMA** - Secretaria de Estado da Cultura do Maranhão.
- Segundo Quinto** - 5º Batalhão de Infantaria do Exército; sediado em São Luís; antecedeu ao 24º B.C.
- SENAI** - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.
- SESC** - Serviço Social do Comércio.
- SESI** - Serviço Social da Indústria.
- Signo de Salomão** - Estrela de Davi, signo judaico, considerado pelo povo como amuleto constituído por dois triângulos entrelaçados formando uma estrela.
- Sócios** - pessoas que colaboram na organização e financiamento da brincadeira.

- Sopapo de palha de milho** - Peteca.
- Sotaque** - O mesmo que estilo.
- Sotaque da Ilha** - Bumba-meu-boi de matraca.
- Sotaque de Cururupu** - Subestilo do bumba-meu-boi, característico do município de Cururupu (MA).
- Sotaque de orquestra** - Também conhecido como Boi de música. Axixá, Rosário e Morros.
- Sotaque de Pindaré** - Estilo de Bumba-meu-boi do município de Pindaré (MA).
- Sotaque de Zabumba** - Estilo de bumba-meu-boi cujo ritmo se apoia em grandes tambores chamados zabumbas.
- Souza Cruz** - Companhia de Cigarros Souza Cruz.
- SUDENVESTE** - Loja que vende fardas.
- Sujar a barra** - Primeira vez que o boi vai dançar, depois do batizado, no "rebanho" ou à porta da igreja; a barra é uma saia que compõe o boi e encobre a pessoa que dá vida ao bicho, o chamado "miolo", ou "espírito".
- Sura** - Desprovido de cauda, sem rabo.
- Taca** - Peia, correia, chicote, chibata.
- Tamancos** - tipo de calçado rústico.
- Tambor de Crioula** - Dança popular muito apreciada, realizada por divertimento ou em homenagem a um santo, geralmente a São Benedito.
- Tambor de Mina** - Culto afro-brasileiro, trazido para o Maranhão pelos negros Minas.
- Tambor onça** - Instrumento do bumba-meu-boi. É uma cuica grande, que "fala" grosso, imitando o berro do boi.
- Tamborinhos** - Tamborzinhos, espécie de tamborins, tocados com as mãos, sem baquetas.
- Tamiarana** - Cipó trepadeira encontrada ordinariamente nos matos.
- Tapuias** - Índias que, no auto, fazem o papel de policia.
- Tapuio** - Índio.

- Telefone** - Ou "telegrama", rodela de papel que, enfiada na linha, corre por ela até o papagaio empinado, também chamado Telegrama.
- Terreiro do Quinto** - Famosa turma, depois escola de samba do bairro da Madre-Deus.
- Tesouro** - Tesouro do Estado, atual Secretaria da Fazenda.
- Tiquira** - Aguardente de mandioca.
- Toada** - Canção do bumba-meu-boi, às vezes feita de improviso.
- Toada de Pique** - Toada de provocação de um cantador para outro.
- Tostão** - Antiga pequena unidade monetária, 100 réis.
- Trabalhos** - Contra-feitiço.
- Treino** - Ensaio.
- Tripulação** - Batalhão, tropeada, todo o grupo de bumba-meu-boi, inclusive os acompanhantes admiradores.
- Trocava São João** - Adquirir uma imagem; o povo evita dizer que comprou um santo.
- Tronco** - Instrumento de tortura com que se castigava os escravos e consistia num cepo com olhais, onde se metia o pé ou o pescoço do condenado.
- Tropeada** - Tropa, batalhão, turma, conjunto total do grupo, auge da dança.
- Turma** - Grupo, batalhão.
- ULLEN** - Empresa americana que explorava o fornecimento de energia e transporte de São Luís.
- Urrou** - Quando o boi, ferido de morte, é curado pelo doutor, berra feliz; é o "urrou" e marca o instante de grande alegria para o grupo, que então passa a comemorar o restabelecimento do boi.
- Vadiar** - Divertir-se, apresentar-se.
- Vaqueiros** - Rajados, cablocos-de-fita, componentes do cordão.
- Vara de ferrão** - estilização, no Bumba-meu-boi, do agulhão com que se tange os bois, no ofício da vaquejada.

Varanda de rede - Barra, franja, etc.. que dá acabamento às redes de labirinto ou crochê, algumas verdadeiras obras de arte.

Vinha d'alho - Vinho de alho, molho em que se põe a comida para pegar gosto.

Visagem - Fantasma, abantesma, alma penada.

Zabumba - Grande tambor característico do sotaque "zabumba", que dá nome ao estilo.

Zabumbeiro - Tocador de zabumba.

Zoadá - Discussão, briga, desavença.

LOCALIDADES CITADAS

ALCÂNTARA – Cidade muito antiga, tombada pelo Patrimônio Histórico Nacional.

ANIL – Um dos bairros mais antigos de São Luís.

ANJO DA GUARDA – Bairro de São Luís.

APEADOURO – Bairro de São Luís.

APICUM – Bairro de São Luís.

AREAL – Bairro de São Luís, hoje denominado “Monte Castelo”.

AURORA – Bairro do Anil.

AXIXÁ – Município do Maranhão.

BACURITÍUA – Bairro da Maioba.

BACURITUBA – Povoado, atualmente considerado bairro da Maioba.

BAIXADA MARANHENSE – Região do litoral norte/nordeste do Maranhão, constituída de campos e terras baixas, inundadas no tempo das chuvas (Anajatuba, Pinheiro, São Bento, Viana, etc.).

BECO ESCURO – Um dos becos tradicionais de São Luís, transversal à rua 7 de Setembro.

BELIRA – Bairro de São Pantaleão, em São Luís, próximo ao Cemitério do Gavião.

BEQUIMÃO – Município do Maranhão.

BOA VISTA – Povoado da Maioba.

BOM JESUS – Bairro de São Luís.

BOM MILAGRE – Rua do bairro de Fátima, São Luís.

BONFIM – Bairro de São Luís, onde se localiza o hospital-colônia de hansenianos.

BRASÍLIA – Capital Federal do Brasil.

CAJAPIÓ – Município do Maranhão.

CAMBOA – Antigo bairro operário de São Luís, onde se localizava a fábrica de tecidos Camboa.

CAMINHO DA BOLADA – Rua Manoel Jansen Ferreira.

CANAVIEIRA – Povoado pertencente ao município de São José de Ribamar.

MEMÓRIA DE VELHOS

CANTO DA FABRIL - Esquina da rua Senador João Pedro com o Caminho Grande. Companhia Fabril Maranhense, importante fábrica de tecidos ali localizada.

CARATATIUA - Bairro de São Luís.

CAVACO - Antigo bairro de São Luís, hoje denominado Bairro de Nossa Senhora da Fátima .

CODÓ - Município do Maranhão à margem da estrada de Ferro São Luís-Teresina.

CODOZINHO - (Codó de Cima e Codó de Baixo) - Bairro proletário de São Luís, nas proximidades do Cemitério do Gavião.

COROADO - Bairro novo de São Luís, nascido de uma invasão.

CORREIO DE CIMA - Lugar do antigo bairro do Cavaco (Nossa Senhora de Fátima).

CUJUPE - Lugar do município de Alcântara; porto de atracção do ferry-boat, barco que faz transporte entre a ilha de São Luís e o continente.

CURURUPU - Município do Maranhão.

DAGMAR DESTERRO - Rua do bairro de Fátima, em São Luís, em homenagem à poetisa, membro da Academia Maranhense de Letras.

DIAMANTE - Bairro de São Luís.

DURICO - Povoado da antiga Maioba, que ficava no extremo do rio do mesmo nome.

ESTIRÃO - Localidade da Maioba (hoje desaparecida).

FÁTIMA - Nossa Senhora de Fátima, antigo bairro do Cavaco.

FÊ EM DEUS - Bairro de São Luís.

FILIPINHO - Bairro de São Luís, onde foi construído um dos primeiros conjuntos habitacionais populares.

FLORESTA - Bairro de São Luís.

FONTE DAS PEDRAS - Fonte colonial que antigamente abastecia o bairro do Mercado Central, em São Luís.

FORQUILHA - Bairro próximo de São Luís, onde se bifurca a estrada para Maioba e para Ribamar.

GALPÃO – Mercado outrora localizado na rua Osvaldo Cruz, onde hoje se ergue uma caixa d'água, nas proximidades do Ginásio "Costa Rodrigues".

GUIMARÃES – Município do Maranhão.

GURUTÍUA – Povoado do município de Mirinzal.

ICATU – Município do Maranhão.

IGUAÍBA – Localidade do município de Paço do Lumiar.

ITAPERÁ – Localidade do município de Icatu.

ITAPIRACÓ – Antigo povoado, próximo de São Luís.

JENIPARANO – Porto localizado no Anil, perto do Posto Jaguarema.

JOÃO PAULO – Bairro de São Luís, onde se realiza, no dia de São Marçal (30 de junho) a reunião de todos os bois de matraca da Ilha de São Luís.

JORDOÁ – Bairro de São Luís.

JUÇATUBA – Povoado do município de Ribamar.

LARANJAL – Povoado do município de Ribamar.

LARGO DE SANTIAGO – Praça de São Luís, onde havia a igreja de São Tiago, ambas desaparecidas.

LARGO DO CARMO – Praça João Lisboa. Antigo centro nevrálgico da cidade.

LARGO DO QUARTEL – Atual Praça Deodoro. Local onde estiveram instalados os 5º Batalhão e o 24º Batalhão de Caçadores do Exército. Depois de demolido o prédio militar o largo se transformou no principal ponto de concentração do Carnaval maranhense.

LIRA – Bairro de São Luís, vizinho do Cemitério do Gavião.

MADRE DEUS – Madre de Deus, tradicional bairro de São Luís. Antigo sítio de quartel militar e casa dos Jesuítas.

MAIOBA – Antiga aldeia de índios, povoado da zona rural da ilha de São Luís; com o crescimento demográfico da cidade, é hoje considerado bairro residencial de São Luís.

MAIOBA DO JENIPAPEIRO – Povoado do município de Ribamar.

MAIOBÃO, COHATRAC, COHAB – Conjuntos habitacionais de São Luís.

MEMÓRIA DE VELHOS

MARACANÃ - Povoado a cerca de 30 km de São Luís (sede de um Bumba-meu-boi famoso).

MATA - Povoado do município de São José de Ribamar, próximo ao Rio de São João.

MATADOURO - Bairro de São Luís, atual Liberdade, e onde antigamente se situava o abatedouro de gado da cidade.

MIRINZAL - Município do Maranhão desmembrado do Município de Guimarães.

MONTE CASTELO - Antigo "Areal", bairro de São Luís

MORROS - Município do Maranhão onde há concentração de Bumba-meu-boi de Orquestra.

OLHO D'ÁGUA - Bairro residencial de São Luís.

OUTEIRO DA CRUZ - Bairro de São Luís, onde há um monumento que assinala o local do confronto de tropas holandesas e portuguesas, no século XVII.

PAU DEITADO - Povoado do município de Paço do Lumiar.

PERCUEIRA - Povoado localizado entre o Rio de São João e Mercês, na estrada de Ribamar.

PINDARÉ - Município do Maranhão.

PINDOBA - Povoado do município de Paço do Lumiar.

PINHEIRO - Município da Baixada Maranhense.

PIRI - Localidade próxima de Pindoba, Maioba.

PORTO DO ITAQUI - Importante porto de embarque da produção do Estado, principalmente minério de ferro da Serra de Carajás, exportado para Europa e para o Oriente.

PORTO DE MOCAJITUBA - Bairro da Maioba de Mocajituba, município de Paço do Lumiar.

PORTO GRANDE - Povoado da Vila Maranhão.

POSTO FISCAL - Posto de fiscalização da Prefeitura Municipal de São Luís, situado na entrada do bairro do Anil, onde tem início o caminho para o Clube Jaguarema; próximo do Clube Littero-Recreativo Português.

PRAIA DO CAJU - Trecho da Avenida Beira-mar, o antigo "Cais da Sagração".

PRAIA GRANDE - Bairro do centro histórico de São Luís, local do antigo grande comércio da cidade.

QUINTA DO BARÃO - São Luís, final da rua Osvaldo Cruz. Antiga propriedade do comerciante José Gonçalves da Silva, que passou à posse de seu genro, o Barão de Bajé. Da velha Quinta só resta o portão de cantaria lavrada com o brasão de armas do Barão.

RIBAMAR - Município de São José de Ribamar, a 30 km de São Luís.

ROMA VELHA - Bairro de São Luís.

ROSÁRIO - Município a cerca de 80 km de São Luís

RUA DA CRUZ - Começa na Avenida Beira-mar e termina no Bairro do Portinho. Atual 7 de Setembro. Ruas e praças de São Luís têm dois nomes: o antigo, tradicional, e o que homenageia personalidades da História ou da Literatura.

RUA DA MANGUEIRA - Vai da rua do Alecrim à rua de Santana. Rua Artur Azevedo.

RUA DAS BARRAQUINHAS - Rua Frederico Figueira.

RUA DE SÃO JOÃO - Rua Antônio Rayol. Centro.

RUA DE SÃO PANTALEÃO - Começa na Rua Osvaldo Cruz (Rua Grande) e termina na Praça Neto Guterres (bairro de Santiago).

RUA DEZOITO DE NOVEMBRO - Também conhecida por "Baixinha".

RUA DO COQUEIRO - Rua Otávio Correia.

RUA DO PASSEIO - Rua Rodrigues Fernandes, vai do Largo do Quartel (Praça Deodoro) ao Largo do Cemitério (Praça da Saudade).

RUA GRANDE - Rua Osvaldo Cruz. Principal rua de São Luís.

SÁ VIANA - Bairro de São Luís.

SACAVÉM - Bairro de São Luís.

SANTA INÊS - Município do Maranhão.

SANTANA - Povoado do município de Ribamar (perto do bairro Vila Operária).

SÃO CRISTÓVÃO - Bairro de São Luís próximo do Aeroporto.

SÃO FRANCISCO - Bairro residencial de São Luís.

MEMÓRIA DE VELHOS

SÃO JOÃO - Pequeno largo no Centro de São Luís onde se localiza a Igreja de São João dos Militares.

SÃO JOSÉ DOS ÍNDIOS - Antiga aldeia indígena, a caminho de Ribamar.

SÃO PANTALEÃO - Bairro de São Luís.

SÃO SIMÃO - Localidade próxima da cidade de Rosário, onde se dança o Lelé.

SÃO VICENTE DE FERRER - Município do Maranhão.

SÍTIO DO APICUM - Povoado pertencente ao município de Ribamar.

TAPERA - Povoado próximo de Maracanã.

TIMON - Município do Maranhão, defronte de Teresina (PI).

TIRIRICAL E TURU - Hoje bairros de São Luís.

TRIZIDELA - Povoado da Maioba, depois da Forquilha.

UBATUBA - Localidade do município de Ribamar, perto do Rio de São João.

VASSOURAL - Localidade da Maioba, município de Ribamar.

VERTENTE - Povoado do município de São João Batista.

VILA EMBRATEL - Bairro residencial de São Luís.

VILA IVAR SALDANHA - Bairro de São Luís que tomou o nome do conjunto habitacional do mesmo nome, ali construído no governo de Ivar Saldanha.

VILA LOBÃO - Bairro de São Luís.

VILA MARANHÃO - Povoado de São Luís, entre Maracanã e o Porto do Itaqui.

VILA PASSOS - Bairro de São Luís, onde existiu o Cemitério dos Passos; onde hoje se localiza o estádio "Nhozinho Santos" e a sede do Bumba-meu-boi de Zabumba, do Sr. Canuto Santos.

PESSOAS CITADAS

ACELINO - Bordador de couro de boi em Cururupu.

ALBERTO - Comerciante que morava perto da igreja.

ALCINO BÍLIO - Jazz afamado da época, em São Luís.

ALCIONE - Cantora maranhense de projeção no país e no exterior.

ALEMÃO - Fonseca - Dono de caminhão e colaborador do Boi da Maioba.

ANA JANSEN - Dama ilustre do século XIX, chefe político e figura legendária.

ANJO - Pai de santo do Tambor de Mina do bairro Sacavém.

ANTERO - Antero Viana - Proprietário do Bumba-meu-boi de zabumba da Estrada da Vitória.

ANTERO - Comerciante em Mocajituba; fazia a Festa de São Benedito e tomava conta da igreja.

ANTÔNIA MARIA - Vendedora do antigo, e talvez o maior, bazar da cidade, o Valentim Maia.

ANTONINHO - Diretor do Bumba-meu-boi Pindaré I.

ANTÔNIO DE CURURUPU - Um dos primeiros fundadores de Bumba-meu-boi de outro sotaque.

ANTÔNIO DINO - Médico. Governador do Estado. Pessoa amante dos pobres e do Bumba-meu-boi.

ANTÔNIO GUIMARÃES - Proprietário do Bumba-meu-boi da Areinha. Supõe-se que foi quem trouxe o sotaque de zabumba para São Luís.

BEATRIZ - Beatriz Maria Soares. Esposa de Canuto Santos.

BENEDITA MOTA - Também conhecida por Benedita Motor. Mãe de santo no antigo bairro do Cavaco, hoje Nossa Senhora de Fátima.

BENÍCIO - Benício Rubim, tocador de pandeiro.

BETINHO - Presidente da Federação de Defesa dos Grupos Folclóricos do Maranhão.

BOCA PRETA - Antônio. Um dos fazedores de Boi da Maioba.

MEMÓRIA DE VELHOS

CAFETEIRA - Epitácio Afonso Pereira Cafeteira. Na época, Governador do Maranhão.

CAI A RÉ - Dono do Boi de Zabumba em Roma Velha.

CALÇA CURTA - José Raimundo Ferreira.

CANÁRIO - Cantador da Tapera de Juçatuba.

CANÁRIO DO MUNIM - Cantador do Bumba-meu-boi de Axixá, sotaque de orquestra.

CANTÍDIO - Cantador.

CANUTO - Canuto Santos - Proprietário do Bumba-meu-boi do bairro Vila Passos, sotaque de zabumba.

CARA DE ONÇA - Apelido do Governador Newton de Barros Belo.

CHIADOR - João Chiador, João Costa Reis. Cantador do Boi da Maioba, atualmente no Boi de Ribamar.

CHICO COIMBRA - Francisco Coimbra; hoje brinca no Boi de Leonardo Martins.

CONSTÂNCIO - Proprietário do Bumba-meu-boi da Areinha, sotaque de zabumba.

COXINHO - Bartolomeu dos Santos. Cantador do Bumba-meu-boi de Pindaré.

D. ZECA - Maria José Souza Silva - Proprietária do Bumba-meu-boi do bairro de Fátima, sotaque de zabumba.

DÁ NA VÓ - Luiz Gonzaga. Cantador.

DAMIÃO - Damião Cosme Diniz, brincava de Catirina no Boi da Maioba.

DANIEL MARTINS - Proprietário do Bumba-meu-boi do Caratatiua.

DAVI REIS - Bordador de couro de Boi em Gurutiua - Guimarães, hoje Mirinzal.

DENIRA - Mãe de santo com terreiro no antigo Cavaco, hoje Fátima.

DOMINGOS - Filho de Seu Deobílio.

DOMINGOS BESOURO - Domingos Rubim.

DOMINGOS SEVERIANO - Brincante do Boi da Maioba, fazedor de pandeiro.

DONA ROXA - Bordadeira de couro de Boi.

DONA ZELINDA - Zelinda Machado de Castro e Lima. ex-

Diretora do Centro de Cultura Popular "Domingos Vieira Filho", pesquisadora e incentivadora da Cultura Popular Maranhense.

DORINHO - Secretário da Prefeitura.

ELPÍDIO - Carroceiro. Proprietário de Tambor de Mina e Tambor de Crioula em Monte Castelo.

ESTELITA - Esposa de João de Chica.

EZEQUIEL DO LARANJAL - Amo do Boi do Laranjal - Estrada de Ribamar.

FÁBIO - Comerciante no bairro da Aurora.

FILOMENA - Esposa de Alauriano Campos de Almeida.

FLORINDA - Esposa de Alauriano Campos de Almeida.

FORTUNADO - Cantador do Bumba-meu-boi de Rosário.

GERMANO DA MATA - Cantador de boi.

HANOI - Um dos primeiros organizadores do Bumba-meu-boi de zabumba em Monte Castelo, São Luís.

HEMETÉRIO RAIMUNDO CARDOSO - Misico. Proprietário do Bumba-meu-boi, sotaque de zabumba, da Vila Passos.

HILÁRIO REIS - Cantador de Boi.

HONORATINHO - Cantador de Boi em São José dos Índios, município de Ribamar.

HUMBERTO - Humberto Barbosa. Amo e cantador do Boi de Maracanã.

ISAC - Isac Felipe Pereira, cantador do Boi da Pindova.

JANGADEIRO - Dono de oficina mecânica.

JANUÁRIO - Cantador da Pindova; também cantou no Boi da Maioba por vários anos.

JANUÁRIO DO PIRI - Januário Pereira de Jesus, chamado o Rei dos Cantadores, cantador do Boi da Maioba.

JOÃO ABREU - Presidente do Sindicato de Transportes.

JOÃO CÂNCIO - Proprietário do Bumba-meu-boi do sotaque de Pindaré e colega de trabalho no Sindicato dos Arrumadores.

JOÃO CARLOS - João Carlos Nazaré, maestro da Banda de Música da Polícia Militar, cantador do Boi de zabumba da Liberdade e pai da cantora Alcione.

MEMÓRIA DE VELHOS

JOÃO CASTELO - Governador do Estado, criador do estádio, na época.

JOÃO DURVAL - Cantador de Boi.

JOÃO FRANCISCO DO ESPÍRITO SANTO - João de Chica - Sócio-proprietário do Boi da Maioba, sotaque de matraca.

JOÃO FUFU - João Ferreira.

JOÃO GOULART - Presidente da República.

JOÃO PEDRO - Cantador do Boi da Maioba.

JOÃO SOLDADO - João de Deus Silva, professor e lavrador.

JOÃO SOLDADO - João de Deus Silva, sogro de Zé Paúl, tocador de pandeiro no Boi da Maioba.

JOAQUIM CABRITO - Homem rico, sogro de João de Chica.

JOAQUINZINHO - Joaquim dos Santos Ferreira; brincava de Pai Francisco no Boi da Maioba.

JOSE APOLÔNIO MARTINS - Proprietário do Boi de São João Batista, com sede na Floresta, bairro de São Luís. Sotaque de Viana.

JOSÉ INALDO - Filho de Calça Curta (José Raimundo Ferreira).

JOSEMAR - Cantador da Madre Deus.

LAURENCINHO - Brincante do Boi de José Apolônio.

LAURENTINO - Laurentino Araújo - Funcionário do Tesouro do Estado. Proprietário e cantador do Bumba-meu-boi da bairro da Fé em Deus, São Luís, sotaque de zabumba.

LAURENTINO - Laurentino Araújo - Funcionário do Tesouro, cantador e proprietário do Bumba-meu-boi da Fé em Deus, sotaque de zabumba.

LAURO - Alauriano Campos de Almeida - Dono do Bumba-meu-boi do bairro Vila Ivar Saldanha, sotaque de zabumba.

LAURO - Alauriano Campos de Almeida - Proprietário do Bumba-meu-boi de zabumba da Vila Ivar Saldanha.

LEONARDO - Leonardo Martins dos Santos - Dono e cantador do Boi do bairro da Liberdade, São Luís, sotaque de zabumba.

LEÔNCIO - Leôncio Rodrigues, dono de Boi, organizador da Festa da Camboa.

LINO MACHADO - Médico do Exército Brasileiro, deputado federal, figura de destaque na política do Maranhão.

LOLA - Professor de matemática, pintor especialista em paisagens para cenários e presépios e barras de Boi.

LOUZEIRO - José de Ribamar Louzeiro. Funcionário do Banco do Brasil.

LUCAS DO APICUM - Cantou Boi no Laranjal, na Mata e no Sítio do Apicum, no Boi do finado Ezequiel - declaração de Enelzira Costa, de 126 anos de idade.

LUÍS COSTA - Cantador dos Bois da Maioba e da Matinha.

LUÍS COSTA - Cantador dos Bois da Maioba e da Matinha.

MACAQUINHO - Cantador do Boi da Madre Deus.

MADSON - Sargento do Exército.

MÃE RITA - Tia de Zé Paul, uma das primeiras brincantes da Maioba. Faleceu em junho de 1998 aos 106 anos.

MANÉ ONÇA - Manoel. Amo e cantador do Boi da Madre Deus.

MANETA DO SACAVÉM - Presidente da Escola de Samba Salgueiro.

MARCIANO - Marciano Vieira Passos. Amo e cantador do Boi da Madre Deus.

MARIA AUGUSTA - Mãe de Santo no Lira, próximo da Macaúba.

MARIA GUARDINA DE JESUS - Irmã de Mãe Rita.

MARIA MOCHEL - Maria Olímpia Mochel. Médica da Colônia de Psicopatas "Nina Rodrigues".

MARIA REGINA - Primeira professora da escola municipal da Maioba.

MARIA REIS - Bordadora de couro de Boi; neta do bordador Davi; residente em Guritua - Guimarães, hoje Mirinzal.

MARTINHO DA VILA - Sambista, cantor e compositor carioca.

MARTINS SERRÃO - Bordador de couro de boi em Guimarães.

MEMÓRIA DE VELHOS

MESSIAS - Sambista do João Paulo, comandava a Escola de Samba Mangueira.

MORAES - Funcionário da Secretaria da Cultura.

NARCISO - Português, dono de um bar na rua Osvaldo Cruz, ponto de reunião de foliões carnavalescos, estivadores, etc.

NASCIMENTO MORAES - Nascimento Moraes Filho, folclorista, escritor e poeta.

NÊGA FLOR - Moradora do bairro do Desterro, dançadora de Carimbó.

NÉLIO COELHO - Vereador; participava da organização da Festa do João Paulo.

NEWTON MARTINS CORREIA - Proprietário e cantador do Bumba-meu-boi de zabumba do bairro de Fátima.

NHOZINHO DE D. JÚLIA - Antigo proprietário de Bumba-meu-boi.

NHOZINHO SANTOS - Crispim Alves dos Santos, industrial e único dono da Fabril Maranhense, fábrica de tecidos. Foi o primeiro maranhense a ter gramofone, automóvel, etc.

ODILO CAFÉ - Presidente da Escola de Samba Águia do Samba.

OSÉAS - Conhecido por Medônio.

PADILHA - Proprietário de caminhão, o primeiro a conduzir o Boi da Maioba

PAULINHO - Cantador de Boi na Pindova

PAULINO - Paulino Felipe de Melo, cantador do Boi da Pindova.

PEDRO BOTIJÃO - Avô de Zé Paul em 2º grau. Fez Boi perto do lugar Durico.

PEDRO NEIVA DE SANTANA - Médico, governador do Maranhão.

PEDRO REIS - Irmão de João Chiador, cantador de Boi em Tajaçoaba.

PINHO - Vizinho de Newton.

RAIMUNDINHO - Filho de Damião e que fez Boi na Trizidela.

RAIMUNDO FILHO - Jornalista e radialista, hoje membro da Associação dos Bois da Ilha do Parque da Vila Palmeira.

RAIMUNDO GORDO - Cantador da Maioba e Iguaíba.

ROSA MOCHEL - Professora, folclorista, incentivadora da Cultura Popular no povoado de Maracanã.

SABUJÁ - Peixeiro na Madre Deus.

SARNEY - José Sarney Costa, deputado estadual e deputado federal, Governador do Maranhão, Presidente da República e Senador.

SAUL MARCHANTE - Saul Nina Rodrigues, marchante.

SEBASTIÃO BARBEIRO - Brincante.

SECUNDINO - Cantador do Boi do Laranjal e de Uretana (Mata), local perto da Cidade Operária.

SEU MACHADO - João José de Souza Machado. Proprietário do Boi de Rosário.

SEU NADO - José Inaldo, filho de Calça Curta (José Raimundo Ferreira), hoje sócio-proprietário do Boi da Maioba.

SIMPLÍCIO - Cantador de Boi no lugar Durico.

TEÓFILO - Pai de santo.

TEREZINHA JANSEN - Proprietária e Diretora do Bumba-meu-boi da Fé em Deus, bairro de São Luís.

UBIRAJARA - Filho mais novo de Alauriano Almeida.

URBANO - Brincante.

VICENTE - Vaqueiro.

ZÉ BENTINHO - Peixeiro que ajudava o Boi da Maioba.

ZÉ CAMÕES - Cantador do Boi da Madre Deus.

ZÉ CAMÕES - Cantador do Boi da Maioba e do Rio de São João, Estrada e Ribamar.

ZÉ CUPERTINO - Pai de Santo da Umbanda, no bairro do João Paulo.

ZÉ DE ANJO - José dos Anjos, carreiro no João Paulo. Brincante.

MEMÓRIA DE VELHOS

ZÊ DE MANÊ - José Rubim, filho de Manoel Rubim.

ZÊ DO FOLE - José Nunes, sanfoneiro dos tempos do Baralho.

ZÊ FIRMO - Filho de Joaquim Cabrito; cunhado de João de Chica.

ZÊ GARAPÊ - Cantador do Boi da Madre Deus. Proprietário da brincadeira Baralho e pessoa influente no bairro da Madre Deus.

ZÊ GOGÓ- Dono de boi. Fez boi em 1952, com Dá na Vó.

ZE LÉZIO - Tio de Zê Paul; brincava de Pai Francisco.

ZECA - Maria José Souza Silva. Proprietária do Bumba-meu-boi do bairro de Fátima.

ZECA DE MACRINO - Comerciante na Forquilha.



FUNCIPLA

Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho



COMISSÃO MARANHENSE DE FOLCLORE